

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA UFU

ANDERSON APARECIDO GONÇALVES DE OLIVEIRA

***“LÁ VEM CHEGANDO SÃO SEBASTIÃO, VEM AQUI TE VISITAR”:
FESTAS, ANDANÇAS E FOLIAS NO INTERIOR GOIANO (1960/2014)***

UBERLÂNDIA
2014

ANDERSON APARECIDO GONÇALVES DE OLIVEIRA

***“LÁ VEM CHEGANDO SÃO SEBASTIÃO, VEM AQUI TE VISITAR”:
FESTAS, ANDANÇAS E FOLIAS NO INTERIOR GOIANO (1960/2014)***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, vinculado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Clara Tomaz Machado

**UBERLÂNDIA
2014**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48L Oliveira, Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira, 1989 -
2014 "Lá vem chegando São Sebastião, vem aqui te visitar": festas,
andanças e folias no interior goiano (1960/2013) / Anderson Aparecido
Gonçalves de Oliveira. Uberlândia, 2014.
226 f. : il.

Orientador: Maria Clara Tomaz Machado.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia -
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Festas
religiosas - Catalão (GO) - Teses. 4. Cultura popular - Catalão (GO) -
Teses. I. Machado, Maria Clara Tomaz. II. Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

ANDERSON APARECIDO GONÇALVES DE OLIVEIRA

“*LÁ VEM CHEGANDO SÃO SEBASTIÃO, VEM AQUI TE VISITAR*”:
FESTAS, ANDANÇAS E FOLIAS NO INTERIOR GOIANO (1960/2014)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, vinculado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Clara Tomaz Machado

Áreas de concentração: História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Clara Tomaz Machado (UFU)

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib (UFU/FACIP)

Prof.^a Dr.^a Cléria Botelho da Costa (UNB)

Dedicado a Katia Cristina Bisocolo. Mais que uma prima, uma pessoa extraordinária, um anjo. Dona de um lindo sorriso e uma alegria espontânea que contagiava a todos que a rodeava. E que, provavelmente, estaria comemorando comigo mais uma vitória. Poderia escrever páginas e páginas tentando descrever a importância desta linda estrela pra minha vida e conseqüentemente para a realização deste trabalho. Gostaria muito de entrega-lo a ela e dizer que venci mais uma etapa. Esperando é claro, aquele carinhoso e caloroso abraço. As lágrimas que agora escorrem pelo meu rosto de saudades me impedem de o fazer, restando-me apenas dizer: "- Kátia, obrigado! E saiba que de onde estiver esta vitória é dedicada a você!

"Em memória de Katia Cristina Bisocolo"

AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui não foi fácil. Foram vários obstáculos, muitas noites e madrugadas em um martírio solitário. Às vezes, os únicos companheiros eram meus livros e meu computador os que dividiam comigo os meus anseios e angústias. Mas, ao mesmo tempo me dei conta que na realidade eu não estava só, pois todos estavam comigo em pensamento, sempre me incentivando e pacientes quanto ao meu momentâneo afastamento.

Obrigado! Uma só palavra com um significado envolto de múltiplos sentidos e sentimentos. Sendo assim, este espaço é a possibilidade de agradecer a todos: família, amigos, professores, colegas de trabalho, enfim a todos aqueles que direta ou indiretamente me serviram como esteio durante a realização deste trabalho.

Todos aqueles que me cercam bem sabem que minha família é o que há de mais importante para minha vida. Cada um deles é responsável pelo que sou, principalmente pelo que conquistei, e adianto que serão também por minhas conquistas futuras. Sempre me passaram confiança, amor, principalmente responsabilidade. Agradeço por estarem ao meu lado a todos os momentos, em especial pelas "broncas", pois foram elas que me fizeram amadurecer e entender que o mundo é mais complexo do que eu imagino. Se eu cheguei aqui foi porque vocês se tornaram minha base sólida, para que eu pudesse sempre seguir em frente, sabendo que estariam sempre postos a me receber e a me levantar dos "tombos" da vida.

Gostaria de agradecer também a família "Nabú-6ª" uma república que marcou minha vida me deixando não apenas amigos, mas verdadeiros irmãos. E, mesmo que a vida nos tenha distanciado gostaria de agradecer por superarem junto comigo todos os momentos de dificuldade durante minha formação, caso contrário não estaria dando mais um importante passo para minhas conquistas profissionais.

Ao Tadeu, grande amigo, pois sempre estive disposto a me escutar e a me oferecer sábios conselhos. Disso nunca esquecerei e espero retribuí-lo um dia.

A Luiz Sérgio e Ludyo Vinícius por me levantarem sempre que estou cabisbaixo, pois com a irreverência e a amizade incondicional de vocês aprendi que às vezes é bom dar uma 'banana' para os problemas da vida. Obrigado por estarem sempre ao meu lado mesmo nas horas impróprias e improváveis. Vocês me ensinaram ainda que a solidão é pra quem deseja, pois quem tem amigos como vocês jamais se sentira só. Além do que com vocês me sinto em casa, pois a família de vocês tornou-se a minha.

Ao Willian Rocha carinhosamente conhecido por WR36 pela verdadeira amizade que irrompe o tempo e a distância. Sei bem que torce por mim, da mesma forma que rogo a Deus todos os dias para que ilumine seu caminho. Este agradecimento estende-se também a todos os 'Nego duro'. Vocês também fazem parte disso tudo.

A Sávia (Salada); Ana Paula (Jiló); Jéssica (Piri); Clarissa (Foguetinha); Fernanda (Lora) e demais pessoas da 'trupi'. Não é necessário mencionar aqui o quão vocês foram e são importantes.

Ao Jordan Souza pela verdadeira amizade e companheirismo. Saiba que nunca irei esquecer tudo o que já fez por mim. Me sinto premiado em tê-lo como amigo.

Ao Marcio Caixeta, pois com o tempo se transformou em uma pessoa especial. Na realidade fez um verdadeiro estrago em minha vida, mas agradeço você por isso, pois eu precisava recordar que o mundo é dinâmico e que nós precisamos nos reinventar constantemente.

A Glaydes Santana; Léa; Antônio; Maria Cecília; Bruno Taumaturgo; Amauri; Valdirene; Aleska; amizades recentes mas que se tornaram sólidas. Pessoas que fico feliz em reencontrar e que sempre demonstraram que a felicidade ultrapassa as dificuldades do trabalho e principalmente da vida.

A Mayara França responsável por uma mudança radical em minha vida, pois como ela mesma diz: "criou um monstrinho". O jeito de estar e viver no mundo, o modo de como devo tratar os meus e, porque não, os seus problemas, tudo isso faz parte de um aprendizado importante durante nossas longas conversas. Existe um Anderson antes e pós Mayara França meus sinceros agradecimentos. Até porque, o "sol nasce" pra quem merece!

A Cairo e Maria Clara, vocês são os grandes responsáveis pelo meu amadurecimento profissional além de terem se transformado em verdadeiros

pais e amigos durante essa trajetória. Este agradecimento vem acompanhado de um pedido de desculpas, pois reconheço que dou trabalho e que não é pouco. Mas toda família é assim, meio 'torta', mas que no final se abraça e comemora juntos as várias conquistas, principalmente esta que não é apenas minha e sim nossa!

Estas palavras foram para eu lembrar que esta conquista só foi possível devido a cada pessoa aqui mencionada. Estendo também àqueles cujos nomes não se encontram aqui, mas que foram também essenciais para este "trabalho". Todos vocês fazem parte do meu sucesso, por isso quero dividir com todos minha alegria deste momento único para minha vida.

*“Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria...
Depois, retoma coisas e pessoas para ver se já somos
capazes da alegria sozinhos...
Essa... a alegria que ele quer”*

(Guimarães Rosa)

RESUMO

A presente Dissertação busca a compreensão das experiências dos sujeitos do interior goiano, em especial das áreas rurais afetadas pela UHE Serra do Facão a partir das práticas festivas religiosas tendo como santo homenageado São Sebastião. O Foco da análise serão as práticas e saberes rurais perpassando pela religiosidade desses atores como expressão de seus modos de vida para que possamos analisar como esses fatores fazem emergir as relações de cooperação, vínculos identitários, além de suas variadas formas de sociabilidades, as que são marcas culturais bastante significativas e difundidas durante as comemorações, sejam elas devocionais ou não, principalmente nas comunidades rurais em que as tais relações se estreitam, dando destaque para as comunidades: Mata Preta, Anta Gorda, Lagoinha e Fazenda Pires, todas áreas rurais do município de Catalão-GO, no Sudeste goiano.

Palavras Chaves: Festas; Identidade; Práticas Culturais; Sociabilidade; Religiosidade.

ABSTRACT

The present dissertation seeks understanding the experiences of people from the goiano interior, specially in the rurais areas affected by UHE Serra do Facão from the religious festive practices having as a honored saint São Sebastião. The focus of the analysis will be the practical and rural knowledge Running along through religiosity of these actors as an expression of their ways of life so taht we can analyze how these factors as an expression of their ways of life so that we can analyze how these factors makes emerge cooperative relationships, identity links in its various forms of sociability, those tat are quite significant and widespread cultural brands during the celebrations, whether devotional or not, especially in rural communities where such relationships are narrowed, ths providing for that communities: Mata Preta, Anta Gorda, Lagoinha e Fazenda Pires, all rural areas of district of Catalão-GO, goinano southwest.

Key Words: Parties; Identify; Cultural Pratices; Sociability; Religiosity.

ÍNDICE DE IMAGENS

Nº	IMAGEM	PG.
01	St Sebastian Thrown into the Cloaca Maxima.....	46
02	Estátua em mármore de São Sebastião.....	47
03	São Sebastião intercede pela praga golpeado.....	49
04	O Martírio de São Sebastião / Guido Reni.....	51
05	Faixa fixada em frente a Igreja de Nossa Senhora de Copacabana e Santa Rosa de Lima.....	52
06	Guia turístico e histórico da cidade do Rio de Janeiro, viagem pitoresca através do tempo / Glauco Rodrigues.....	54
07	Tião do Brasil / Glauco Rodrigues.....	56
08	São Sebastião Hedonista / Glauco Rodrigues.....	56
09	Capa do disco <i>Caça à Raposa</i> / João Bosco. Gravura de: Glauco Rodrigues.....	57
10	San Sebastian / Benozzo Gozzoli.....	59
11	Sebastian / Sandro Botticelli.....	60
12	St. Sebastian / Antonello da Messina.....	61
13	O Martírio de São Sebastião / Hans Memling.....	62
14	St Sebastian / Raffaello Sanzio.....	63
15	St. Sebastian / Francesco di Giovanni Botticini.....	64
16	O Martírio de São Sebastião / Hans The Elder Holbein.....	65
17	Martírio de St. Sebastian / Albrecht Altdorfer.....	66
18	San Sebastián / Agnolo Bronzino.....	67
19	St Sébastien martyr / Guido Reni.....	68
20	São Sebastião / Popular 'santinho'.....	70
21	Imagem de São Sebastião na Comunidade Lemes, município de Davinópolis-GO.....	71
22	Relíquia / relicário em forma de braço de Lorenzo Ghiberti.....	78
23	Visita da Relíquia de São Sebastião a Campo Grande.....	79
24	Oxóssi.....	90
25	Quadro da antiga casa da Senhora Fátima Conforte.....	116

26	Festa em louvor a São Sebastião no município de Campo Alegre de Goiás-GO.....	122
27	Preparação da bandeira de São Sebastião e de uma leitoa, região de Boqueirão de Cima, município de Davinópolis-GO.....	127
28	Preparação de quitandas para o café da tarde e para o leilão da festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, município de Davinópolis-GO.....	127
29	Nilda (festeira de 2014) e Maria Helena (filha do Sr. Cacildo) se abraçando durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	129
30	Devoto emocionado beijando a bandeira de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	129
31	Leiloeiro e um conjunto musical durante a festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, município de Davinópolis-GO.....	130
32	Bandeira com a imagem de São Sebastião / Folia de São Sebastião da Mata Preta.....	138
33	Dia da chegada dos foliões na região de realização da festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	140
34	Transporte usado para a locomoção dos foliões durante os dias festivos. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	141
35	Jantar oferecido aos foliões e toda a comunidade no último dia de festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	142
36	Devotos de São Sebastião recebendo a bandeira para um terço em sua residência, um dia antes do termino das festividades. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	144
37	Sr. Cacildo e Dona Maria durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	150
38	Convite da festa de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	151

39	Nilda (festeira da Mata Preta de 2014) se emociona com a fala de Diogo. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	153
40	Divino, conforta a esposa também emocionada. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	153
41	Chegada dos foliões à casa do senhor Sinoécio. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	155
42	Detalhe para o altar com imagens de sua família. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	155
43	Os foliões tocam modas a pedido do Sr. Sinoécio. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	156
44	Palhaço durante as andaças da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	159
45	Instrumentos tocados durante as andaças da folia guardados durante o almoço. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	160
46	Devota de São Sebastião recebendo homenagem da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	166
47	Roberto e Nilda (emocionada) segurando a bandeira / festeiros da folia de 2014. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO.....	174

ÍNDICE DE MAPAS

Nº	MAPA	PG.
01	Mapa de localização aproximada das comunidades rurais de Catalão.....	23
02	Mapa do período colonial.....	100
03	Mapa: Trilhas de São Sebastião I.....	105
04	Mapa: Trilhas de São Sebastião II.....	106
05	Mapa: Trilhas de São Sebastião III.....	108
06	Mapa ilustrativo das regiões afetadas pelo empreendimento Seca do Facão Energia S.A.....	113

ÍNDICE DE TABELAS

Nº	TABELA	PG.
01	Quadro de canções da Folia de São Sebastião da Mata Preta, município de Catalão-GO.I.....	161
02	Quadro de canções da Folia de São Sebastião da Mata Preta, município de Catalão-GO.II.....	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I: "Dá licença ó senhor devoto, na sua casa eu quero entrar. Aqui vem São Sebastião, São Sebastião glorioso, pra sua casa abençoar!"	
1.1 - SÃO SEBASTIÃO: SUA VIDA, SUA "MISSÃO".....	41
1.2 - UM SANTO NO PLURAL.....	50
CAPÍTULO II: <i>Um Brasil 'cortado' por São Sebastião</i>	
2.1 - UMA HERANÇA LUSITANA.....	76
2.2 - OS "ENCANTADOS" DO NOVO MUNDO.....	80
2.3 - O CABOCLO PRETO DAS MATAS.....	84
2.4 - ARCO E FLECHA PARA OXOSSI.....	88
2.5 - AGORA O BRASIL 'CONHECE' SÃO SEBASTIÃO.....	97
2.6 - O 'SERTÃO GOIANO' E A DEVOÇÃO AO SANTO FLECHADO.....	109
2.7 - O PROGRESSO DA REGIÃO E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS CULTURAIS POPULARES.....	111
2.8 - AS VÁRIAS FESTAS DO INTERIOR GOIANO.....	124
CAPÍTULO III: <i>A vida em festa!</i>	
3.1 - FESTAS E RELIGIOSIDADE POPULAR: UM VERDADEIRO "JOGO DE SENTIDOS".....	132
3.2 - Ó SENHOR DEVOTO, ME DIGA QUE BANDEIRA É ESSA!.....	138
3.3 - SÃO SEBASTIÃO, LIVRAI-NOS DA FOME, DA PESTE E DA GUERRA.....	148
3.4 - SÃO SEBASTIÃO VAI-SE EMBORA, VAI CUMPRIR SUA MISSÃO.....	160
3.5 - FESTAS "DE" E "NA" ROÇA: ENTRE A 'TRADIÇÃO' E O 'MUNDO FESTIVO MODERNO'.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
ORAÇÃO A SÃO SEBASTIÃO	189
FONTES DOCUMENTAIS.....	190
REFERÊNCIAS	196
ANEXOS.....	208

INTRODUÇÃO

O caminho de uma pesquisa é verdadeiramente um mundo de descobertas pelo qual nos perdemos por inúmeras vezes. Constantemente percorremos vielas de saberes desconhecidos e que de uma forma ou de outra nos mostram o melhor caminho, pelo menos aquele que acreditamos ser. Não é um processo fácil, mas não impossível. O importante é deleitarmos-nos com as surpresas prometidas que pouco a pouco vão se revelando aos olhos do pesquisador e sobretudo do leitor.

Ante a pesquisa em si, o vivido se imbrica com o construído academicamente, de forma que todas as nuances das evidências documentais acabam desaguando nesse processo, revelando um verdadeiro campo de possibilidades. E é neste sentido que a Cultura Popular se faz presente, pois a mesma emerge da mais profunda e incontestável forma de conhecimento até porque é a partir dela que práticas e saberes são evidenciados pelo contínuo processo de (re)significação de valores do indivíduo ou de determinada comunidade em que o mesmo se insere.

Assim, não há como negligenciar a experiência como um caminho a ser percorrido e discutido, como afirma Scott:

[...] Há muito tempo esse tipo de comunicação tem sido a missão de historiadores que documentam as vidas das pessoas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado. Ela produziu uma riqueza de novas evidências anteriormente ignoradas sobre essas pessoas, chamou a atenção para dimensões da atividade e da vida humana, normalmente consideradas indignas de menção para serem citadas nas histórias convencionais. Essa abordagem também provocou uma crise na história ortodoxa ao multiplicar não apenas histórias, mas também temas, e ao insistir que histórias são escritas de perspectivas ou pontos de vista fundamentalmente diferentes – na verdade inconciliáveis – nenhum, dos quais completo ou totalmente *verdadeiro*. [...]¹

¹ SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência*. In.: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. nº 0 (1981). São Paulo: EDUC, 1981.

Há vários anos o conceito de experiência vem sendo trabalhado e discutido no meio historiográfico com o intuito de “legitimar”, se assim podemos dizer, o sujeito como agente de sua própria história. São vários os estudiosos que trazem consigo tal conceito como referencial teórico metodológico, e dentro do campo de possibilidades cada um deles nos leva a pensá-lo de uma forma diferente, peculiar, mas que, ao final nos remete ao mesmo ponto de partida: o sujeito.

É válido ressaltar que os sujeitos não nascem com a *consciência*, a *identidade*, e *práticas* pré-estabelecidas, elas são vivenciadas, “apropriadas” e construídas a partir do caminho por eles percorrido durante sua trajetória de vida, e dos vários fatores externos que os atingem direta ou indiretamente. Além do que eles são agentes de sua própria história, e mesmo que inconscientemente “escrevem o livro de suas vidas” e a cada “capítulo”, assim como nos grandes clássicos da literatura o rumo da vida destes personagens se torna uma grande tragédia, uma comédia e/ou um romance desmedido digno de uma novela das oito. O que quero dizer aqui, é que os sujeitos ao construir sua história selecionam, mesmo que inconscientemente, com quem e o que irá transparecer em sua história, assim como aquilo que ficaria “trancado” no “baú” da “memória” ou do “esquecimento”².

Em suma a experiência é constantemente redefinida por intermédio de conceitos pré-estabelecidos ou construídos a partir da intencionalidade do autor. O fato é que o indivíduo/sujeito está intimamente ligado a ela, mesmo

² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento: Seis Ensaio da História das Ideias*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010

Conferir também:

*DUTRA, Eliane de Freitas. *A memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares*. São Paulo: revistausp, n. 98, Junho / Agosto 2013.

*SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva, trauma e cultura: um debate*. São Paulo: revistausp, n. 98, Junho / Agosto 2013.

*THOMPSON: Paul. *Voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

* HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

*NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

*RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

*LOWENTHAHL, David. *Como conhecemos o passado*. In.: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História: Trabalhos da História. v. 17, jul. / dez, São Paulo-SP: PUC-SP, 1998.

quando externas, pois ela se (re)cria, se transforma, e nada a impede também, que seja apropriada ou compartilhada por outro. Enfim, o sujeito está intimamente ligado à experiência mesmo que ele não se dê conta disso.

Neste sentido, como sugere Estevane de Paula Pontes Mendes, o pesquisador deve estar atento aos procedimentos de problematização da realidade que se propõe analisar, pois:

[...]ao elaborar um referencial teórico, procura-se também reconhecê-lo no mundo real. Esse novo universo de representações – construído através do cotidiano dos moradores das comunidades rurais com a simplicidade de pessoas comuns, de pessoas que fazem à história – é incorporado num conjunto de ideias sistematizadas, nas quais a teoria, o ponto de vista do pesquisador e o objeto se unem, tornando-se eternamente vivas. Nessa perspectiva, a teoria é o caminho para conhecer e compreender os muitos manifestos e representações. Aqui, cabe ainda outra ressalva, por maior que seja o envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, por mais criterioso que sejam seus procedimentos de análise, as verdades produzidas, ainda, assim, serão parciais[...]³

Neste viés a experiência do sujeito e o discurso do historiador se inter-relacionam na medida em que a narrativa é tecida, apresentando um campo de *possibilidades* – ou *interpretações* – inerentes àquele grupo, manifestações culturais, enfim ao objeto de estudo que se pretende analisar. É nesta esfera que a memória ganha um lugar de destaque, pois a mesma pode ser *esquecida*, *apropriada*, e passível de ser *recordada* e *(res)significada*.

No campo de disputas ocultas somos lembrados constantemente, em nosso cotidiano "*do que não devemos esquecer*". Até porque vivemos em um espaço envolto de significados, os que surgem justamente com o objetivo de nos *fazer lembrar*, ressaltando ainda que a memória não advém apenas do passado, sendo ela também conectada à identidade, o que aumenta sua relevância perante a construção e análise do sujeito (ROSSI, 2010). Além do que sabemos que a memória é passível de transformações, e não pode ser

³ MENDES, Estevane de Paula Pontes. *A Produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão (GO)*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2005. p. 171.

apagada por completo como o risco de giz em um quadro negro, até porque as *verdades* são múltiplas e bombardeadas de intencionalidade.

Partindo do entendimento de que é a memória que possibilita a reconstrução consciente e ao mesmo tempo inesperada do real, podemos afirmar que ela "*é construída e tecida a partir das relações dos/entre grupos sociais*" (HALBWACHS, 1990), sobretudo no que se refere à memória institucionalizada como a do grupo social. A forma como ela será lida ou interpretada é o que permitirá ao pesquisador trilhar os muitos caminhos de recondução da narrativa que compõem a trajetória dos atores sociais e suas muitas interpretações sobre a história do grupo.

Nesse sentido memória e história estão longe de se desvincularem. Todas as tramas tecidas ao longo da construção da história dos homens não foram efetivadas mediante somente atos e pensamentos racionais. Estão envoltas de subjetividades que alimentam as interpretações e recompõem imagens, sentimentos, sentidos da história em suas múltiplas facetas se firmando enquanto prática social em constante movimento e transformação.

Tal diálogo e breves análises acerca de experiência e memória se legitimam neste momento como um caminho repleto de migalhas em que me vi e fiz parte durante minha participação como bolsista no "Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural" intitulado: *Caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias*⁴, uma iniciativa interdisciplinar envolvendo docentes da Universidade Federal de Uberlândia (Campus Pontal – Ituiutaba-MG e Campus Santa Mônica – Uberlândia-MG). O estudo se deu nos municípios afetados pela construção da Barragem da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, em Goiás e Minas Gerais.

⁴ Das várias ações compensatórias participamos dentro do Grupo de Pesquisa daquela que trata da Preservação do Patrimônio Histórico Cultural da área atingida pelo consórcio da Usina Hidrelétrica Serra do Facão em Goiás/Minas Gerais, cujos produtos acadêmicos foram a produção de um livro: "São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, memórias e culturas", coordenado pelo Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, do qual participei não só como pesquisador, mas com o artigo: "Comemorar/Festar: Sons, batuques, louvações e rememorações"; de um filme: "Sertão de dentro: travessias e veredas em Goiás", além de produção e organização de inventários com imagens, flora, fauna e bibliografia temática. Ressalta-se aqui a organização das oficinas patrimoniais e dos museus abertos temporários, em parceria com as escolas públicas da região dos municípios afetados (área urbana e rural), das quais fui ministrante.

Durante cerca de vinte e quatro meses percorremos os municípios das áreas de interesse para a pesquisa, a saber: Catalão, Campo Alegre de Goiás, Cristalina, Davinópolis e Ipameri, em Goiás; e Paracatu, em Minas Gerais. Em contato com as comunidades locais percebemos a sua riqueza cultural e como aqueles sujeitos que lá viviam (re) construíam seus vínculos com o lugar tendo nas práticas culturais e religiosas o elo revigorante de múltiplos sentimentos, entre eles o de pertencimento.

À medida que caminhávamos pelas “estradas vicinais” que ligavam não só uma propriedade a outra, mas entrelaçavam vidas e histórias, o sertão goiano foi se revelando familiar, instigante e envolvente. Às margens do São Marcos, seja ao som do vento balançando as folhas da vegetação, dos pássaros ouvidos à distância, ou ao embalo das águas que iam inundando de incertezas a vida dos moradores, fomos reconstituindo através das vozes daqueles que se faziam presentes as histórias do lugar, as expectativas, os medos e as incertezas de um futuro já presente. E no agora, os sentimentos fluíam, trazendo do fundo do passado as histórias vividas e ressentidas.

Sentimentos presentes e marcantes que se tornaram marcas evidentes na construção do livro "São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, Memória e Cultura" e do filme "Sertão de dentro: travessias e veredas em Goiás", ao passo em que aqueles que até então estavam esquecidos ou marginalizados por uma sociedade que privilegia o progresso desmedido se tornam agentes de sua própria história, rememorando, revivendo e muitas das vezes desabafando como se gritassem por socorro. Desta forma, tanto o livro quanto o filme tornaram-se mais do que resultados de uma pesquisa histórica e cultural, mas também um espaço de reflexão para entendermos que esse progresso deve ser consciente. Claro que as transformações sempre irão existir, e devem, mas a questão aqui é respeitar o seu tempo levando-se em consideração os sentidos e relações humanas que nelas encontram-se imbricadas.

Foram justamente essas relações que chamaram a minha atenção e que me fazem aqui pensar as práticas culturais, entendendo-as como veículos importantes de manutenção da sociabilidade entre as comunidades rurais do interior do país. Nessa lógica, nos permitimos refletir sobre a maneira como as comunidades rurais estabelecem e mantêm seus vínculos comunitários na região pesquisada, os quais se estabelecem não só através das

comemorações aos santos protetores como também das ajudas mútuas, tão presentes nesse contexto rural.

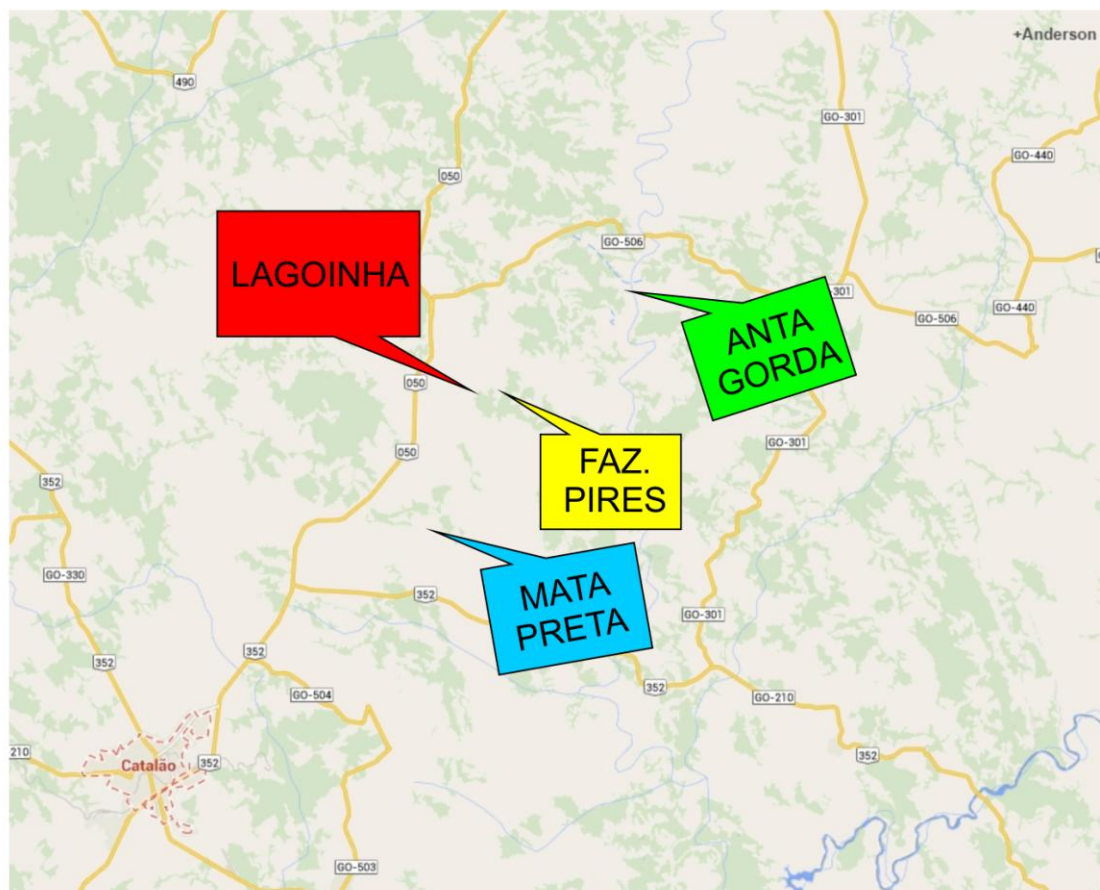
Nosso objetivo é, portanto, compreender as práticas culturais religiosas especialmente as festas dedicadas a São Sebastião no interior de Goiás de forma especial nos municípios de Campo Alegre-GO e Catalão-GO, como um elo entre memória, tradição e transformações econômicas e sociais na região. Ainda de forma detalhada pensar as representações da religiosidade popular católica, mesmo frente às mudanças ocorridas como um espaço de resistência, (re)criação e de busca por uma identidade social e regional.

Por isso, nossa problematização foi talvez, a princípio, supor que com a construção da Usina Hidroelétrica Serra do Facão não só as relações sociais de produção, mas também, simultaneamente, as redes de sociabilidades, as práticas culturais populares poderiam sofrer transformações. Além dessa possibilidade questionamos ainda a intencionalidade da própria empresa Sefac em tratar a Cultura e a memória em ações compensatórias, como passado, cujo presente e futuro estariam agora voltados para o progresso. Talvez, daí a festa de São Sebastião por ela gravada em vídeo de empresa, como restos, folclore regional. Não bastasse tal fato, percebemos que a festa de São Sebastião, como outras, têm sido (res)significadas no bojo de um fenômeno de urbanização do rural e da ruralização do urbano que para a comunidade se traduz em festas 'na' roça e festa 'da' roça.

Nas nossas andanças por vestígios da festa de São Sebastião em Goiás, das questões de como ela migra de Portugal para o Rio de Janeiro e penetra o sertão descobrimos por meio inclusive de imagens, a conexão com a religiosidade Afro-brasileira. Tal fato nos leva a indagar se São Sebastião é apenas uma representação do catolicismo popular, e se não, como se deu ou existe a circularidade cultural entre tais crenças.

As comunidades rurais do sudeste goiano, em especial as do município de Catalão-GO como: Mata Preta, Anta Gorda, Lagoinha e Fazenda Pires se reúnem e/ou reuniam com frequência reinventando as relações de vizinhanças tradicionais. O vivido enquanto marca cultural dos moradores dessa região se entrelaça às suas histórias de vida. A arte de partilhar essas narrativas é o terreno comum que une essas famílias e constitui-se no nosso ponto de partida para a elaboração de uma interpretação de como esses sujeitos vivenciam as

práticas culturais presentes na região, recriando e redefinindo as relações de vizinhança, além de indagar se estas, ao serem efetivadas, contribuem para manutenção identitária do grupo.



Mapa de localização aproximada das comunidades rurais de Catalão. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

Nessa via de mão dupla muitas vias se abrem ajudando na formatação de novos arranjos culturais, de novas marcas das “experiências compartilhadas” pelos diferentes sujeitos com seus grupos sociais e na definição de sociabilidades – entendidas aqui como frutos das relações estabelecidas pelos sujeitos sociais inseridas dentro de um “conjunto de laços mais ou menos sólidos e exclusivos de cada grupo social”⁵ (BAECHLER, 1995, p.68).

⁵ O estudioso conceitua sociabilidade como sendo a capacidade humana de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões,

Percebe-se, aqui, que as identidades das comunidades rurais afetadas pela UHE Serra do Facão, em Goiás, são identidades culturais múltiplas, (re)elaboradas no fazer cotidiano que se originam de alguma parte e possuem histórias, mas que sofrem constantes transformações, assim como tudo que é histórico (HALL, 1996, p. 69). Seguindo essa lógica é nossa intenção, como já afirmamos, buscar os significados das várias transformações que ocorrem durante décadas nos referidos locais pesquisados, nos quais estiveram e estão inseridas em um movimento contínuo, uma espécie de circularidade social e cultural que restabelece padrões e formas de viver o social, tendo em vista que, como aponta Hall, a Identidade Cultural não possui:

[...] uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. [...] ⁶

As muitas formas de reinterpretar o social perpassam as interações mantidas entre os diferentes indivíduos no grupo social. Nas comunidades rurais a serem estudadas as sociabilidades emergem vinculadas ao peso do dia-a-dia por meio das festas comunitárias tão frequentes na região e de uma memória sobre as ajudas mútuas nos mutirões, nas demãos que a vida constitui, e/ou constituía espaços de encontros e reencontros estreitando os vínculos de pertença familiar e com o lugar. ⁷

O sentimento de pertencimento ⁸ ao lugar exprime o estabelecimento de formas de viver e de interagir com os saberes e fazeres coletivos, tidos como

formas múltiplas de ligação dos indivíduos à sociedade. BAECHLER, Jean. *Grupos e Sociabilidade*. In.: BOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

⁶ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. p 70.

⁷ CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: 8ª ed. Ed. 34, 1997.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. Tese do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade de São Paulo, 1998.

⁸ O conceito de pertencimento cabe aqui como um sentimento de fazer parte daquele local ou região, principalmente para as pessoas pesquisadas, que, em sua maioria, ali nasceram, criaram seus filhos e hoje criam seus netos. Baseamo-nos nas colocações

marca cultural do grupo tendo em vista que o sentimento é parte incontestável da experiência. Parte-nos a inquietação de analisar como e se a vida no campo e as possibilidades de experimentar as relações de vizinhança e as ajudas mútuas representam viver intensamente as relações de amizade, de respeito ao lugar e a manutenção dos vínculos com a terra.

Nesse universo em que inserimos as comunidades um aspecto merece destaque, é o parentesco⁹. Essa categoria estabelece vínculos entre os sujeitos e é muito perceptível nas comunidades rurais do município de Catalão, principalmente quando se constrói uma ligação entre as pessoas a partir dos seus nomes e sobrenomes. Isso mostra que muitos moradores que fincaram suas raízes no lugar têm uma relação de intimidade com ele, justamente porque estar ali, naquele lugar, escolhendo-o como morada, talvez referende também a manutenção de seus vínculos identitários com a sua história e sua ancestralidade. Esses moradores na sua simplicidade e exercendo sua sabedoria, nutrem de vida e esperanças esses lugares. Suas vidas por mais rústicas que sejam exprimem também a atualização e o contato com o progresso. Será este o fato que mantém como presume Certeau, a permanência / resistência dessas experiências compartilhadas e identidades construídas, (re)criadas ou, porque não, apropriadas durante o processo vivido?

São várias as comunidades que direta ou indiretamente sofreram e ainda sofrem com as mudanças ocasionadas pela construção da Usina Hidrelétrica Serra do Facão onde algumas chegaram a ter 90% de sua área total inundada pelas águas. Entretanto, não podemos negligenciar que essas mudanças já vinham ocorrendo há muitos anos pelos mais variados fatores entre eles o tempo. De acordo com machado:

[...]os municípios no entorno do sudeste goiano tornaram-se a partir dos anos de 1960, espaço de atração de investimentos não só pela extração de minérios por companhias como a Anglo América e a Fosfertil, mas também pela execução dos

de Stuart Hall sobre a identidade Cultural na pós-modernidade. Ver: HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

⁹ Sobre o conceito de parentesco numa perspectiva antropológica consultar: DURHAN, Eunice R. *Família e reprodução humana*. In.: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Nº 3, Rio de Janeiro; Zarar, 1978.

projetos dos governos militares para viabilizar o cerrado como terra produtiva de grãos para exportar, tal como o Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER / Campo - 1975). O objetivo foi incentivar uma agropecuária moderna, produzindo soja, milho, entre outras culturas, com tecnologia de ponta. A década de 1990 foi marcada pela instalação de uma das unidades montadoras de carros, a Mitsubishi, que nos anos 2000 transferiu do Japão para Catalão parte de sua linha de montagem. Recentemente foi inaugurada, na mesma cidade, uma montadora de veículos Suzuki.[...] [...] No século XXI (2000) a usina hidrelétrica Serra do Facão assinala um dos grandes acontecimentos que, ao mesmo tempo, denuncia investimentos federais na região, atinge terras e desloca pessoas de suas propriedades, o que, evidentemente, a princípio causa impacto social, insegurança e instabilidade financeira, afetiva e emocional para as 400 famílias afetadas.[...]¹⁰

Mas como se deu a transição desses sujeitos que mantinham suas raízes e relações em um determinado local, e de repente se viram (re) construindo relações de vizinhança? Políticas ou identidades? Em fim como foi o processo de transformação das experiências e das relações identitárias de tais sujeitos?

Se a vida no campo é árdua, os encontros coletivos e as celebrações religiosas podem ser consideradas formas de interação social significativas para esses que ali vivem? Provavelmente, pois ao suspenderem a rotina, constroem sentidos e pertencas que os unem em torno das festividades. Mas o que verdadeiramente representa esses espaços para os sujeitos? Estar em comunidade representam o exercício da união e o revigorar das pertencas identitárias? Seguindo a hipótese apresentada é possível identificar a festa de São Sebastião como uma festa regional do cerrado?

Segundo Hall (2009) o conceito de comunidade, assim como o de cultura, é muito amplo e algumas vezes pode acabar nos confundindo. Mas, o primeiro sempre exprime um sentimento de identidade ou identificação entre determinadas pessoas e regiões. O autor ainda afirma que “[...] Este modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por

¹⁰ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Serra do Facão: na encruzilhada dos sertões*. In.: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org). São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, memória e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior” (Hall, 2009, p. 62).

Geralmente os moradores rurais acabam se unindo não apenas a partir de laços consanguíneos como também de amizade e compadrio, principalmente pelo estilo de vida semelhante. Pois, para os grupos rurais, neste caso, o sentido da palavra comunidade expressa reunião de indivíduos em uma organização social, cuja coletividade evidencia as práticas de ajuda mútua como ainda pode ocorrer na “treição”¹¹ e no “mutirão”¹². Sendo que tal parceria não se restringe apenas às questões do cotidiano rural podendo manifestar-se nos casos de doenças, dificuldades financeiras, bem como na devoção e na religiosidade. Segundo Machado, os laços que unem os grupos sociais rurais não se estabelecem apenas pela afetividade. A sociabilidade¹³ decorrente da ajuda mútua acontece, principalmente nas pequenas economias e/ou economias familiares, por necessidades concretas de sobrevivência. Com a impossibilidade de contratação de mão de obra e na inexistência de equipamentos agrícolas são os vizinhos que num ato de camaradagem, cobrado posteriormente, se mantém. (MACHADO, 1998)

Essas relações se tornam ainda mais importantes no âmbito cultural, pois é a partir delas que as tradições e práticas culturais sobrevivem

¹¹ A treição (ou traição) compreende o trabalho e a ajuda mútua. Quando uma das pessoas da comunidade está com o serviço atrasado ou demasiado, várias pessoas se reúnem para ajudá-la na empreitada. Entretanto, o dono do lugar onde ocorrerá a treição não sabe o que vai acontecer e é pego de surpresa, com foguetes e cantorias antes do raiar do dia. E geralmente, após todo o serviço pesado, passam para o “pagode”, um divertimento para quem trabalhou o dia todo. A pessoa que recebeu a treição oferece sempre um farto almoço e muitos “comes e bebes” à noite, embalados por muita música e arrasta-pé.

¹² O mutirão se refere à ajuda mútua entre vizinhos ou membros da comunidade, só que, ao contrário da treição, trata-se de algo já acordado com o dono da propriedade ou a convite do próprio.

¹³ Sociabilidade no mundo rural é compreendida, segundo Candido (1982), como sendo as relações entre as pessoas, o desenvolvimento de trabalhos coletivos, levando-se também em consideração as relações festivas, sejam elas religiosas ou não. Ou seja, a amizade e a cooperação são partes fundamentais para entendermos tal definição, denominada ainda como “cultura caipira” por Antônio Candido.

Sobre sociabilidade ver também:

SÉJOUR, Daniel Araújo. *Sociabilidade e vizinhança nos caminhos do São Marcos*. In.: São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura. KATIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org.) – Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

repassando-as de gerações em gerações para que se (re) afirmem enquanto sociedade. Nesse sentido:

[...] ao viver em comunidade ou sociedade, os saberes e culturas que impermeiam essas relações são repassadas às gerações seguintes mantendo, de certa maneira, a reprodução da vida em sociedade, garantindo assim o sentido de viver em comunidade. Sentidos os quais são culturais e são compartilhados entre famílias e vizinhanças. [...] ¹⁴

Compartilhar significa viver coletivamente os importantes momentos e comemorações pessoais. É por isso que as práticas festivas constituem laços que interligam os moradores de um determinado lugar que estreitam as relações entre as famílias e interrompem as labutas diárias e o “corre-corre” da vida cotidiana. Pois:

[...] Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a sequência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca dos momentos de festejar. Instantes dados à casa ou ao quintal, à igreja, à praça ou à rua em que cada um, alguns ou vários de nós somos, singular ou coletivamente, chamados à cena, postos à cabeceira da mesa e diante de um bolo com velas, presenteados, honrados com falas ou lágrimas. Eis-nos por um instante convocados à evidência, para sermos lembrados ou para que algo ou alguém - uma outra pessoa, um bicho, um deus - seja lembrado através de nós, para que então alguma coisa constituída como sentido da vida e ordem do mundo, seja dita ritualmente através de nós, que festejados, somos durante a brevidade de um momento especial enunciados com mais ênfase: somos símbolo.[...] [...] Ela (a festa) toma a seu cargo os mesmos sujeitos e objetos, quase a mesma estrutura de relações do correr da vida, e os transfigura. A festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício da transgressão.[...] ¹⁵

¹⁴ CLAVAL, 1999 apud VENÂNCIO, Marcelo. *Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Catalão (GO)*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia. Uberlândia-MG, 2008. p. 110

¹⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas. Papirus, 1989. p. 08/09 Conferir também:

_____. *Prece e folia: festa e romaria*. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2010.

_____. *No Rancho Fundo: espaços e tempos no mundo rural*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia: EDUFU, 2007. 3ª Ed.

_____. *O afeto da terra*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

Para entendermos essas relações às quais nos referimos é neste momento que elegeremos as festas em louvor aos santos protetores como caminho para a compreensão desses elos e apego ao lugar, partindo do pressuposto de que a religiosidade popular também se torna um importantíssimo veículo para a manutenção dos vínculos com a terra, com a família e com as pessoas do lugar.

As festas hoje tem sido objeto de investigação de múltiplas áreas interdisciplinares exatamente pelo pressuposto de que pode ser um lugar folclorizado, mas também o espaço de resistência, lugares da alegria, de ação política ou mesmo onde se forjam identidades. Na história, desde Bakhtin,¹⁶ a festa é alvo de análises onde ao falar do carnaval, o mesmo afirma que:

[...] Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o fundo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. [...] (BAKHTIN, 1987, p. 8-9)¹⁷

Pois:

[...] as festas populares são o lugar vivo da cultura popular, lugares da memória dos dominantes e dominados. Estes últimos são os lugares, refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória, lugares onde tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. [...] ¹⁸

[...] Expressão teatral de uma organização social, a festa é também um fato político, religioso e simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Servem ainda de exutórios à violência contida e às paixões, enquanto

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Hucitec – Editora da Universidade de Brasília, 1999. p. 26/27

¹⁷ Ibid. p.8-9.

¹⁸ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em história do departamento de história da PUC-SP, n. 10, dez/1993.

queimam o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças.[...]¹⁹

No cotidiano rural essas pessoas estreitam sua conexão com o espaço e o incorporam, se guiam por meio dessa relação, que pode estar vinculada a sua atuação profissional ou até mesmo das funções festivas que desempenham. Um exemplo disso está nos apelidos dos moradores. O José passa a ser o “Zé leiteiro” que durante a realização das festividades assume o codinome de “Zé leiloeiro” ou “Zé festeiro”, ou seja, naqueles momentos festivos, os sujeitos se tornam importantes pela colocação que exercem, e se inserem numa espécie de momento de promoção social e de visibilidade local. Aqui esses sujeitos:

[...] são, de fato, agentes. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim sujeitos cuja atuação é constituída através de situações e status que lhes é conferido. Ser um sujeito significa ser “sujeito para definir condições de existência, condições de atributos e condições de exercício. [...]²⁰

Assim, fica perceptível que nos momentos festivos as pessoas rompem com seu cotidiano de trabalho e celebram a boa colheita pedindo que a mesma seja melhor no próximo ano, além de rogar pela proteção divina pessoal e de seus familiares. No entanto, não podemos esquecer que as festas fazem parte da vida dos sujeitos rurais e, por que não dizer, que são também uma forma de lazer, sociabilidades, descontração, momento de reencontrar pessoas queridas e colocar a conversa em dia.

Resta-nos questionar também se essa cultura expressa nessas festas poderá, na medida em que é continuamente (re)significada pelas

¹⁹ DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo-SP, Editora Brasiliense, 1994. p. 10.

²⁰ SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência*. In.: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. nº 0 (1981). São Paulo: EDUC, 1981. p. 320.

transformações que atingiram o lugar, ajudar-nos na efetivação de uma reflexão acerca das identidades, permanências e (re)criações desse popular? Quais representações estão presentes que ainda permanecem e podem ser vinculadas na tradição popular e na prática da Folia de São Sebastião? Pode-se pensar que o empreendimento hidroelétrico Serra do Facão é um dos elementos que contribui para a desagregação dessa cultura? Ou ela será capaz de se (re)criar e estabelecer novos laços? O que distingue as práticas festivas uma das outras? Ou ainda, o que diferencia a Folia de São Sebastião da Festa em louvor a São Sebastião? Sendo o mesmo santo cultuado as representações signos e crenças mantêm proximidade?

Pode-se relacionar a prática agropastoril familiar presente na região com o culto a este santo, considerado como protetor dos animais, plantações, da família, enfim, vicissitudes do cotidiano rural? Com as transformações nessa região especialmente nas décadas de 1950 e 1960 essas festas festivas devocionais têm sofrido mudanças em sua organização?

Foi diante dessas transformações que recortamos cronologicamente nossa pesquisa entre 1960 - 2014. Acreditamos que assim como a História é tempo e movimento as grandes mudanças sócio econômicas da região podem influenciar nas práticas culturais populares, pois que a cultura é parte do processo histórico, se move simultaneamente aos acontecimentos reais e concretos. Tomando de empréstimo as palavras de Certeau, ao concordar que a:

[...] Cultura de um lado é aquilo que "permanece", do outro aquilo que se inventa. Há, por um lado, as lentidões, as latências que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro lado, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade, de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua "cultura erudita". A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis,, encerradas nas práticas -, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos atravessam-na; aparecimentos e criações delineiam a chance de um outro dia. [...]²¹

²¹ CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papyrus, 1995. p. 239

São várias as inquietações que nos movem e provavelmente nem todas serão sanadas. Mas, devemos levar em consideração, também, os vários percalços do caminho trilhado durante a pesquisa, além de termos a plena consciência de que a história está longe de ser um belo “lago de águas calmas”. É preciso mergulhar fundo nas águas turvas do relembrar das memórias e incertezas dos moradores da região a que se pretende analisar.

Para tanto, inúmeras fontes foram de suma importância para a realização deste. Além de entrevistas, imagens, filmes, jornais, revistas, dados, mapas e outras fontes documentais recolhidas durante a execução do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural, novas imagens foram capturadas e entrevistas realizadas no intuito de analisar o processo transformador causado tanto pela Usina Hidroelétrica Serra do Facão, quanto pelas demais atividades econômicas e culturais, levando-se em consideração o tempo. Fatores estes determinantes para (res)significação de sentidos partilhados principalmente no que tange às práticas festivas religiosas do sudeste goiano. Soma-se ainda, um acervo documental do Museu Nacional de Cultura Popular sediado na cidade do Rio de Janeiro-RJ, com fontes documentais relevantes para o processo investigativo. E, com a intenção de complementar a discussão que neste trabalho será feita um pequeno vídeo será produzido. Este fragmento imagético irá transitar por meio das práticas festivas das regiões pesquisadas para que nos deleitemos com um mundo repleto de significados partilhados e divididos entre os moradores e participantes de tais práticas.

É válido ressaltar que todas as fontes coletadas e/ou produzidas nos auxiliam na medida em que possibilitam estabelecer uma ligação entre o objeto de estudo no interior goiano e as variadas formas e caminhos de devotamento do mártir São Sebastião, além da construção de uma hibridação cultural e religiosa envolvendo o santo flechado. Mas, apesar da discussão a cerca das imagens que trazem o mártir como protagonista seja levantada neste trabalho, é prudente deixar claro que as mesmas servem como um auxílio tendo em vista que o foco aqui são as práticas festivas, culturais e religiosas que elegem São Sebastião como personagem principal de seu devotamento.

As análises documentais imagéticas e depoimentos nos permitem adentrar em um jogo de possibilidades, onde quase sempre caímos, de uma

forma um tanto quanto ingênua nas armadilhas da linearidade histórica e em uma história que privilegia os grandes heróis e personalidades. Assim, devemos nos atentar para o fato de que a sociedade é múltipla e não se reduz ao mundo dos vencedores, e como nos diz Giovani Levi, a *“raiz da não linearidade do homem encontra-se justamente nos conflitos internos que há no mesmo”*²², ou seja, devemos parar de olhar um pouco para a história dos vitoriosos e nos atentar para os sujeitos que vivem a margem, até porque sabemos muito sobre aqueles que obtiveram sucesso, mas nada compreendemos da grande massa a não ser aquilo que imaginamos a partir de determinados estereótipos.

Ao tecer uma narrativa histórica buscar fatores externos se fazem necessários para a construção de um contraponto do que se encontra perdido em uma visão periférica dos fatos. Desta forma, mergulhar nas vielas das *possibilidades* pode nos levar, não ao desejado, mas a um *lugar* no qual nós historiadores podemos nos surpreender e desfrutar, claro que com a devida atenção para não cairmos nas armadilhas da linearidade e de uma história vista de cima. Até porque, o intuito aqui é desvelar as experiências vividas e partilhadas por sujeitos cujas relações sociais com o lugar e com as práticas festivas, constroem (re)significações que contribuem para a permanência e a (re)criação de uma sociedade que coexiste em torno de suas práticas festivas religiosas, principalmente como uma parte fundamental para a manutenção de vínculos identitários e afetivos com o lugar vivido.

Posto que tudo é passível de transformação e que a narrativa se faz importante dentro do processo de construção histórica é necessário estreitar vínculos com diversas outras linguagens narrativas, especialmente imagéticas, agora não mais como ilustração, mas, sobretudo, como construções paralelas de um tempo, de um lugar. Desse modo, o documentário, como gênero fílmico é, ao mesmo tempo, evidência de uma época e/ ou instrumento que torna viável trazer à tona as muitas histórias dos excluídos e marginalizados sociais, as muitas práticas culturais populares tantas vezes negligenciadas.

A história situada no patamar da artesanaria atravessa as linhas divisórias entre prática e teoria, técnicas e metodologias, abrindo espaço no qual cabem

²² Fala do historiador Giovani Levi durante a aula inaugural do ano letivo de 2012 do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

ainda a criação e a autoria, o tecer e o enovelar urdiduras sociais antes menosprezadas²³.

O documentário é a ponta do iceberg de uma discussão que a história hoje toma como intento cotejando ficção e realidade, arte, documentário e história. Ou seja, homens de um tempo, de um lugar que falam de si mesmos compartilham do sonho com os artistas e, por consequência, com a história, e se descobrem no processo mesmo ao desvelarem suas experiências vividas.

Às imagens da narrativa visual somam-se os objetos da cultura material também os gestos, os olhares, sinais que compõem o vivido, a tradição, as crenças, que até então haviam norteado suas vidas. Poderíamos afirmar aqui, com certeza, que o passado se expressa por meio de uma estetização simbólica e de ornamentação de signos e significados desse mundo que privilegiam e recolonizam aquele cotidiano ameaçado, especialmente se considerarmos os entraves e as incógnitas de um futuro que agora os atinge.²⁴ Nesse processo de perdas (re) memorizar é também (re) subjetivar um passado através de imagens as que se delineiam e produzem uma nova estética do tempo que se foi. O que interessa aqui, entre o real e o vivido, são as representações produzidas por estes sujeitos sociais, cujas referências estavam sendo fragmentadas.²⁵

O conceito de experiência em pauta é benjaminiano,²⁶ pois permite pensar a tradição como o momento em que o individual e o coletivo se unem, originando uma prática cultural comum àqueles nela envolvidos, capazes, por isso mesmo de ser transmissível às futuras gerações²⁷. Tradição, desse ponto de vista não são apenas rastros ou restos que como lembranças fugazes se diluem e se perdem no tempo. Mais que isso, tendo como suporte uma memória transgressora da ordem de progresso imposta, retoma o passado

²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. In.: Boletim Tempo Presente. Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. 19, 2009.

²⁴ DIEHEL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru – SP: EDUSC, 2002.

²⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *O mundo como representação*. In.: Estudos Avançados. São Paulo, USP, 11(5), 1991.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: Obras escolhidas: magia, técnica/arte, política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁷ DIEHEL. Op. cit.

consciente dos seus sofrimentos, podendo, quem sabe, projetar um futuro cuja identidade cultural seja porta-voz de sua luta contra a alienação²⁸. Nesse viés, para Certeau:

[...] A memória é o anti-museu... Ai dorme um passado como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se... Os lugares vividos são como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais. Os demonstrativos dizem do visível suas indivisíveis identidades. [...] ²⁹.

Diante disso, as imagens nas suas múltiplas transversalidades, ainda assombram o historiador que não se acostumou a lidar com elas³⁰. Todavia, as imagens do passado podem ser traduzidas em palavras e, por sua vez, os acontecimentos também podem materializar-se em imagens. De forma complexa é como os sujeitos sociais expressam o seu mundo. Essas imagens são delineadas por meio de símbolos, sinais, mensagens ou alegorias e revelam a matéria de que somos feitos. O real por nós construído ou imaginado³¹. Assim, as narrativas historiográficas podem se encenar travestidas de metáforas. Por isso, talvez, o historiador à moda do poeta Manoel de Barros, tenha compreendido que: [...] "*Descobrir novos lados da*

²⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *(Res) significações culturais, no mundo rural mineiro: o carro de boi - do trabalho às festas*. In.: Revista Brasileira de História, Vol. 26, nº 51, p 25 – 45, 2006.

_____; e ARAUJO, Kalliandra de Moraes Santos. *Prelúdio: travessias e (in) certezas às margens do Rio São Marcos*. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz. e ABDALA, Mônica Chaves. (Org.). *São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: Edufu, 2010.

_____; e ABDALA, Mônica Chaves. (Org.). *Caleidoscópio de Saberes e Práticas Culturais: catálogo de produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: Edufu, 2007.

²⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994, p.189.

³⁰ LEHMKUHL, Luciene. *Fazer História com imagens*. In: PARANHOS, Kátia. et. al. (Org.). *História e imagens: textos visuais e práticas de leituras*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

³¹ MANGUEL, Alberto. *O espectador comum: a imagem como elo narrativo*. In: Lendo imagens. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

Conferir também:

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio a cerca das Ciências e da Filosofia das Imagens*. Rio de Janeiro: Difel 2004.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *História e Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

*palavra é o mesmo que descobrir novos lados de ser" [...] e com isso iluminar o silêncio das coisas anônimas*³².

Cremos que a narrativa fílmica e a história possam se aproximar porque ambas versam sobre a sensibilidade que ora esconde anseios, ambições, aspirações e em outras tantas anunciam memórias assombradas de resina aromática do tempo, escamoteadas na obscuridade singular da vida cotidiana. Se a cena é um passo em suspenso no ar deixando um sim eu vi isso; e um não mais, já não é assim, pressupomos que a história tem com o enredo certo parentesco³³. Dessa maneira tecemos por meio dele a história de narrativas particulares e das imagens metafóricas; uma trama cujas fraturas e fronteiras permitem reconstituir um cenário no emaranhado das coisas e fatos perdidos, significando o que ainda não foi valorado³⁴.

Ainda no âmbito das opções teórico-metodológicas este estudo pauta-se ainda na chamada História Cultural e se propõe a refletir sobre a cultura, compreendendo-a como um conjunto de significados partilhados socialmente para explicar o real vivido. Tal como afirma Pesavento:

[...] A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa. [...]³⁵

Também foi por meio da história cultural possível pensar a relação entre ficção e história, tão cara a nossa proposta, pois pretende lidar com o real e o imaginário, o documentário como uma representação desse real e a arte como a sua (re) significação. Sabemos de antemão que a história não pode ficcionar a realidade, inferir evidências, criar personagens, mudar cronologicamente os seus eventos. Todavia, a história ao lidar com um passado, incapaz de ser novamente vivido, torna-se uma construção dele, por meio de um discurso imaginário e aproximativo sobre aquilo que teria ocorrido um dia e que nos foi

³² BARROS, Manuel de. *Concerto em céu aberto: para solos de ave*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

³³ AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó – SC: Argos, 2009.

³⁴ VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Editora da UNB, 1982.

³⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

legado por meio de evidências, também elas produzidas a partir de uma visão de mundo. Por isso, a história, em certa medida, aproxima-se por meio de sua narrativa da ficção porque joga com o possível, as conjecturas, o plausível, o verossímil³⁶.

Nesse viés a (re) figuração do tempo³⁷ é um elemento central da narrativa histórica, bem como o é para o vídeo documentário. Entretanto, enquanto o artista pode explorar nuances do real de forma imaginativa, a história vai buscar os traços deixados pelo passado. A sua meta é descobrir como o evento teria ocorrido, processo esse que comporta urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. Tal edição, que configura a narrativa final procede de esquemas acadêmicos, mas também envolve a subjetividade, a sensibilidade do sujeito que historia o seu objeto.

Talvez o historiador acostumado a pensar os grandes eventos, somente há pouco tempo ousou tomar a cultura popular como tema de suas investigações, porque tal como afirma Certeau, ela é ambivalente. É uma arte de fazer dissimulada, opaca, que guarda nos gestos cotidianos as latências de suas práticas milenares, e também é inventiva e criadora de novas maneiras de se expressar³⁸.

Por essa trilha, o século XXI tem apontado para outros caminhos e perspectivas de abordagem do real, das quais a linguagem do cinema tem sido fonte inspiradora para a história e vice-versa, e essa se torna protagonista das encenações fílmicas. Num primeiro patamar, o do vínculo entre História e arte, vale menção obras que nos instigam a pensar no campo das visualidades (a fotografia) a imagem, como elementos centrais tanto do documentário quanto da história. Nesse percurso fazemos nossas as palavras de Antelo, quando elucida que:

³⁶ Cf. DAVIS, Nathalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades à margem de “El retorno de Martin Guerra” de Nathalie Zemon Davis. In: *A micro história e outros ensaios*. Op. Cit.

³⁷ Cf. KOSLLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUCRIO, 2006. POMIAN, K. *Memória/ História*. Porto – Portugal: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1978. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007. PELEGRINI, Sandra. *Patrimônio Cultural: consciência e preservação*. São Paulo: Brasiliense, 2009. ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e Patrimônio: ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

³⁸ CERTEAU, Michel de. *Culturas Populares*. In: *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Op. cit.

[...] a arte é fruto de árdua reconstrução retrospectiva. [...] o retorno nunca é idêntico: há sempre deslocamento. [...] a imagem criada pelo artista é algo completamente diferente de um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma marca, um sulco, um vestígio visual do tempo que ela quis focar, até mesmo de tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos – que ela não pode, enquanto arte da memória, deixar de aglutinar. É a cinza mesclada, mais ou menos morta, de uma multidão de fogueiras. [...] Assim, a imagem também queima pela “memória”, isto é, queima mesmo que não seja nada além de cinza: é o modo de declarar sua evocação essencial pela sobrevivência, por aquilo, “apesar de tudo”. [...] ³⁹

Para tanto cinema enquanto versão de histórias é mais do que tudo objeto delas, vem comprovando a sua importância, especialmente no que tange as nossas ideias do representar que estão em processo de transformação. Daí a necessidade de uma nova instrumentalização do historiador para operar com o uso dessa nova linguagem como adverte Rossini:

[...] a imagem audiovisual é sempre mais complexa do que pretendem aqueles que a produzem; nelas interagem diferentes olhares do social, que nem sempre se ajustam. [...] Esse trabalho requer preparo do pesquisador para desvelar todo o código visual que está presente: enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera, cor, sons, edição. etc. [...] tudo isso porque tal imagem pode explicitar outros ângulos do real e, conseqüentemente, da história. [...] ⁴⁰

³⁹ ANTELO, Paul. A imanência histórica das imagens. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos. e VILELA, Ana Lúcia. (Org.). *Encantos da imagem: estâncias para a prática historiográfica entre história e arte*. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2010. Cf. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA Rosangela. e PESAVENTO, Sandra Jatamy. (Org.). *Imagens na história*. São Paulo: HUCITEC, 2008. SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994. LINS, Consuelo; REZENDE, Luiz Augusto. e FRANÇA, Andréa. A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 21, p. 56 – 67, 2011. FURTADO, João Pinto. Escrever por imagens. Notas sobre filmes históricos e narrativas historiográficas. In: CARDOSO, Heloísa Pacheco. e PATRIOTA, Rosangela Ramos. (Org.). *Escritas e narrativas históricas na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. PARANHOS, Kátia; LEHMKULL, Luciene. e PARANHOS, Adalberto. (Org.). *História e imagens: textos visuais e práticas de leituras*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010. PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. DUTRA, Roger Andrade. Da historicidade das imagens à Historicidade do cinema. *Revista Projeto História*. São Paulo, n. 21, 2000. FRANÇA, Vera Regina Veiga (Org.). *Imagens do Brasil*. Modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

⁴⁰ ROSSINI, Miriam de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: LOPES, Antônio

O efeito de real que o cinema provoca tem sido objeto de análise de diversos historiadores e críticos de arte, o que tem gerado significativas reflexões epistemológicas para o conhecimento histórico. Entre elas merecem destaque os textos de Darton, Deleuze, Frayling, Rosenstone, Barthes, Beatriz Sarlo, Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, Aumont, entre muitos outros, por nos introduzirem numa discussão bibliográfica que acentua não só o caráter da novidade para a história, mas também sua consistência teórica⁴¹.

Gostaríamos de, em particular, dar relevância a obra de Fernão Pessoa Ramos, intitulada⁴² “Mas afinal, o que é mesmo documentário?”, pois que, a partir da instigante problematização do tema, desvela o que há de novo nesse campo apresentando uma trajetória do clássico aos filmes mais experimentais,

Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta. e PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006, p. 28. ROSSINI, Miriam de Souza. *As marcas do passado: o filme histórico como efeito do real*. Porto Alegre, 1999. (Tese Doutorado em História/ UFRGS). Cf. tb. RAMOS, José Mário de Ortiz. A ficção audiovisual no Brasil da década de 1990. Nos meandros do local e do global. *Revista Projeto História*, PUC/SP, São Paulo, (24), Jun, 2002. NOVA, Cristiane. A “história” diante dos desafios imagéticos. *Revista Projeto História*, São Paulo, PUC, (21), Nov. 2000. NUNES, José Walter. Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram. In: LAVERDI, Robson e outros (Org.). *Práticas sócio-culturais como fazer histórico*. Cascavel – PR: Editora Unioeste.

⁴¹ Cf. SARLO, Beatriz. A imaginação do futuro. In: *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Editora USP, 1997. DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990. AUMONT, Jacques Marie Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Edições texto e grafia Ltda, 2009. DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2010. KEMP, Philip. (Org.). *Tudo sobre cinema*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. RAMOS, Alcides Freire; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes. e PATRIOTA, Rosângela Ramos. (Org.). *Criações artísticas, representações da História*. São Paulo: HUCITEC, 2010. EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. *O autor no cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e terra, 2008.

_____. *As alegorias do subdesenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

⁴² RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário*. São Paulo: SENAC, 2008.

tornando-se referência para aprender novas maneiras de conceber, ver e mostrar o mundo.

Feitas as explanações e reflexões iniciais de como este estudo fora delineado, podemos em fim mergulhar em um objeto de estudo pouco discutido no cenário historiográfico nacional, referindo-me aqui sobre as práticas festivas religiosas tendo como santo homenageado São Sebastião e qual o reflexo de tais práticas para os moradores do sudeste goiano, com enfoque nas áreas afetadas pelo empreendimento hidroelétrico Serra do facão.

Este estudo, portanto, divide-se em três capítulos. No primeiro, buscamos entender a trajetória de São Sebastião até tornar-se um dos santos mais cultuados e reproduzidos na atualidade. Sabe-se bem que o santo flechado é protetor contra a peste, fome e a guerra. Um mártir que ganha destaque principalmente nas áreas interioranas do país, em especial no sudeste goiano, recorte espacial geográfico desta pesquisa. Portanto, nosso objetivo aqui é entender as múltiplas facetas e representações que envolvem o santo dardejado.

No segundo capítulo procuramos aproximar as práticas festivas religiosas em devoção a São Sebastião em relação ao hibridismo religioso causado pelo encontro de várias práticas culturais religiosas, principalmente lusitanas, indígenas e africanas. É neste momento que a Umbanda surge como um contraponto na formação das práticas festivas marginais envolvendo o nome do santo, mas que está intimamente ligada aos sentidos e significados partilhados pelas práticas festivas religiosas do interior goiano. Busca-se nesse capítulo ainda, entender como as práticas que envolvem o mártir chegam até o sudeste goiano e quais as transformações que sofrera ao longo do tempo, sejam elas internas ou externas.

No terceiro capítulo adentramos a um universo múltiplo chamado festas. Aqui algumas práticas festivas são apresentadas para demonstrar justamente as peculiaridades que as envolvem, bem como as relações de amizade, vínculos identitários e com o lugar. Além de outros sentidos partilhados dentro de uma religiosidade popular que foge ao senso comum nos transportando a um universo farto de emoções e sentimentos. São práticas festivas e cotidianos que se confundem na vida do sujeito e na transformação do local e/ou de uma sociedade.

CAPÍTULO I: "Dá licença ó senhor devoto, na sua casa eu quero entrar. Aqui vem São Sebastião, São Sebastião glorioso, pra sua casa abençoar!"

1.1 - SÃO SEBASTIÃO: SUA VIDA, SUA "MISSÃO"

Não há uma variedade considerável de trabalhos historiográficos em que o Mártir Sebastião surge como ilustre protagonista de sua própria história. Em grande parte, o soldado de Cristo aparece a mercê de outras discussões e análises. Mas, da mesma forma como fazia entremeio ao calabouço do Império Romano, São Sebastião deixa sua notável marca além de conquistar cada vez mais um espaço, não somente no meio historiográfico como também nos corações e na fé daqueles que o observam como exemplo de vida e de cristão.

A trajetória de sua vida é plural. Mas não poderia ser diferente tratando-se de um homem que contrariou o destino traçado por seus pais e pelo próprio imperador romano em nome de sua fé. Um homem, um soldado, acima de tudo um cristão.

O apostolado de sua vida tem início com seu próprio nome. Segundo a Legenda Áurea o nome Sebastião advém de uma série de significações, possibilitando interpretações ímpares, mas que em sua totalidade permitem a construção de um discurso que o delineia como único e especial que vem ao mundo com um propósito o de dar a *continuidade* e amparar o que Jesus iniciara em sua passagem pela terra, pairando *acima* da *cidade* (aqui lida como a cidade e o poder romano) por meio de sua *beatitude* e perseverança na fé cristã.

[...] Sebastião vem de *sequens*, “seguinte”, *beatitudo*, “beatitude”, *astín*, “cidade”, e *ana*, “acima”, o que significa “aquele que seguiu a beatitude da cidade celeste e da glória eterna”. Segundo Agostinho, ele adquiriu a beatitude com cinco moedas: com a pobreza obteve o reino; com a dor, a alegria; com o trabalho, o repouso; com a ignomínia, a glória; com a morte, a vida. O nome Sebastião também pode vir de *basto*, “sela”. Nesse caso, o soldado é Cristo, o cavalo a Igreja, e a sela Sebastião. Foi assim que Sebastião combateu pela Igreja e logrou superar muitos mártires. Ou Sebastião significaria ainda “rodeado”, pois em vida esteve rodeado de mártires a

quem reconfortava, e no martírio foi rodeado de flechas, como um porco-espinho. [...] ⁴³

Segundo a hagiografia católica ⁴⁴ Sebastião era natural de Narbonne, França, já seus pais oriundos de Milão ⁴⁵, Itália, e, mesmo não havendo uma exatidão quanto ao seu nascimento, julga-se que o mesmo teria nascido aproximadamente por volta do ano de 256 d. C.. A construção de sua história relata que ele seguia os preceitos maternos e que desde sua infância demonstrou astúcia e *humanidade* na fé. Algumas vertentes o designam como membro de uma família nobre do período. Em sua maioridade alistou-se como membro da legião romana comandada pelo então Imperador Diocleciano que teria comandado o Império Romano entre os anos de 284 a 305 d. C..

⁴³ DE VERAZZE, Jacopo, Arcebispo de Gênova, c. 1229-1298. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 177.

Ainda sobre a trajetória e santificação de São Sebastião ver:

*CARDOSO, Vinicius Miranda. *Emblema sagitado: os Jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, Sécs. XVI - XVII*. Dissertação de Mestrado / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2010

*VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

*LEHMANN, João Batista, Sacerdote da Congregação do Verbo Divino. *Na luz perpétua: Leituras religiosas da Vida dos Santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo cristão*. Juiz de Fora-MG. Livraria Editora Lar Católico, 1956.

⁴⁴ A hagiografia medieval se constituiu como meio de elaboração e preservação da memória de santos e santas católicos. Escritas segundo um padrão narrativo que atendia à normatividade do que era ser santo ou santa para a Igreja Católica, a narrativa hagiográfica pode ser tomada como expressão de deveres de memória: a) da Igreja em relação aos santos e santas, pois eram a garantia que seus exemplos de vida não seriam esquecidos, aliás seriam imitados e, portanto, perpetuados; b) da comunidade de fiéis em relação a santos e santas, pois o acesso às histórias de vidas santificadas, impunha aos fiéis, modelos de comportamento que deveriam reger suas vidas; e, c) da comunidade de fiéis em relação à Igreja, pois a hagiografia era, também, uma narrativa que adequava a vida do santo ou santa às normas e regras eclesiais, sendo assim, uma forma de educar o povo no catolicismo. SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. *A escrita Hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos*. Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. (disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletodfaz.genero.versaofinal.pdf)

⁴⁵ [...] São Sebastião- At. Mártir. Boland. 2. jan. Tillemont tom. 4. p. 551. As atas originais da vida de São Sebastião se perderam. Uma biografia deste Santo, que relata o seu Martírio, composta no séc. 5, contém fatos legendários e inverossímeis, por exemplo, este de São Sebastião, sendo oficial da guarda imperial, ter sido flechado no Coliseu e morto a pauladas. Milão e Narbone disputam a honra de serem a pátria do Santo; a família de São Sebastião é de origem milanesa. [...] Apud: LEHMANN, 1956, p. 57.

Com o passar das primaveras Sebastião demonstrou: disciplina, brilhantismo, espírito de liderança e ponderação em suas falas e atitudes, o que o destacava entre as centenas de soldados romanos. Tais atributos acarretaram na indicação do púbere militar a comandante da guarda pessoal do Imperante desconhecendo o fato de Sebastião ser cristão de coração.

Do mesmo modo que se despontava como um exímio chefe militar, anexando respeito e admiração por parte de seus comandados tornou-se também um grande benévolo dos cristãos presos e encarcerados pelo Império naquele período.

Com uma dada frequência o comandante Sebastião visitava àqueles considerados vítimas de um sentimento de aversão por parte dos pagãos romanos, principalmente de Diocleciano e seu amigo militar Maximiano, que ocupava o cargo de "Augusto", na prática um verdadeiro co-imperador romano. Com vocábulos de dádiva aliviava e fortalecia os aspirantes ao martírio que eram coroados com os louros do céu. Mas a missão desse exemplo de cristão não se limitava a isto, pois a evangelização e o apostolado do Mártir Sebastião também se difundia por entremeio aos seus comandados e qualquer outro que se demonstrasse descrente na fé cristã.

Apesar de realizar sua "missão" enquanto cristão pelos "bastidores" do Império Romano, a notoriedade em torno de seu nome crescia consideravelmente e, conseqüentemente, o perigo de ser descoberto pelo imperador. Mas ainda segundo a hagiografia católica e estudos realizados acerca da vida terrena de São Sebastião, há uma passagem que marcara sua trajetória na terra como um dos principais santos⁴⁶ da igreja católica.

⁴⁶ [...] Na Antiguidade Clássica, a morte constituía uma fronteira intransponível entre os homens e os deuses. Ora, na perspectiva cristã, foi precisamente por terem morrido como seres humanos, seguindo Cristo e na fidelidade da sua mensagem que os mártires tiveram depois acesso à glória do paraíso e à vida eterna. O santo é um homem através do qual se estabelece um contato entre o céu e a terra [...] [...] Assim, longe de constituir a moeda de troca da nova religião ou uma concessão da elite cristã às massas pagãs para fomentar a conversão, o culto dos mártires enraizou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões com as quais enteva em concorrência [...] [...] Além disso, o culto ao santo parece ter vindo de encontro aos anseios de indivíduos e comunidades que viveram numa época marcada pela ameaça de desintegração, quando os santos restituíam a confiança e ofereciam perspectivas de salvação ao nível da vida de todos os dias. Apud: CORREIA, Iara Toscano. *Caso João Relojoeiro: um santo no imaginário popular*. Uberlândia: Edufu, 2004. p. 225.

Dois irmãos cristãos e célebres cidadãos romanos por nomes Marceliano e Marcos foram presos e condenados a decapitação por demonstrarem uma certa tenacidade aos ideais cristãos. Já nos calabouços romanos receberam súplicas desesperadas por parte de seus familiares que rogavam para que desistissem de defender a fé cristã e morrer por Cristo. Mas antes mesmo de se curvarem ao medo da morte e ao apelo de seus entes, Sebastião surge com palavras reconfortantes e ao mesmo tempo enérgicas em relação à vida terrena, principalmente fazendo alusão ao gozo infindável do paraíso.

Envolto em luz Sebastião se pronunciou por quase uma hora e ao terminar foi surpreendido pela esposa do carcereiro dos irmãos que prontamente lhe suplicou através de gestos, por ser muda, desculpas pela forma com que trataram os detidos. No momento em que Sebastião roga a Deus pela mudez da mulher, ela o bendiz abençoada por meio da fala, assim como todos aqueles que ali se encontravam relatando aos mesmos ter visto um ser angelical segurando um livro, no qual estava proferido o discurso declamado pelo bem aventurado Sebastião.

Após este fato inúmeras foram as enfermidades curadas e batizados realizados, fazendo com que o prefeito de Roma se curvasse aos acontecimentos e ordenasse a destruição de uma série de estátuas de ídolos pagãos para demonstrar sua conversão com o intuito de ser curado de uma dada moléstia por intermédio do benevolente cristão. Mas, conforme crescia o apressamento por Sebastião nos bastidores de Roma, aumentava também o risco de suas ações serem desveladas aos olhos do rígido imperador romano.

Suas visitas aos corredores dos ergástulos romanos que já eram constantes se tornam cada vez mais frequentes, o que leva o então candidato a santo a ser delatado ao temido Imperador Diocleciano, o qual demonstra espantado com a traição de um dos seus melhores soldados, mesmo tendo a ciência de que o mesmo era cristão ao designá-lo como capitão de sua guarda pessoal. E, mesmo após todas as acusações, o imperador não desejava perder os bons serviços prestados por Sebastião e lhe dá um ultimato, o de que renunciasse à vida cristã e se entregasse por completo às leis romanas com a mesma fidelidade que seguia as leis de Deus. Mesmo tendo um apreço ao seu cargo de capitão da guarda recusa o convite se reafirmando como cristão,

dizendo ainda que a ele (o imperador) devia respeito em relação ao seu trabalho, ao contrário de Deus, a quem devia o simples fato de sua existência, palavras que o levaram a ser condenado à morte mediante flechadas para que sangrasse até ser decretado o fim de sua vida.

No dia da execução do ato ordenado por Diocleciano, Sebastião é despido de seu paramento militar deixado semi-nu imobilizado junto ao tronco de uma árvore. Várias são as flechadas direcionadas a ele, de forma a ser relatado ter Sebastião ficado semelhante a um porco espinho tantas foram as flechas cravadas em seu corpo. Entretanto, erroneamente como mostram suas imagens não foram as flechadas as causadoras de sua morte, pois, ao pensarem ter concluído o trabalho a eles designado, os arqueiros romanos o atiram em um rio e retornam aos paços do imperador, abandonando Sebastião naquela situação deplorável, sem demonstrarem sequer arrependimento.

Sebastião é encontrado por Irene, mulher que se tornará mais tarde Santa Irene, que ao encontrá-lo extremamente ferido às margens do rio, o leva até sua residência curando suas chagas. Há quem diga ainda, que Irene na realidade se desloca em conjunto com outras mulheres até o local em que Sebastião fora alvejado para dar-lhe uma sepultura e percebendo que o mesmo ainda se encontrava vivo o socorre. O fato é que independentemente da forma em que os casos ocorreram, Irene é descrita como a principal responsável pela recuperação do agora ex-soldado romano, mesmo sendo passível de se questionar a possibilidade de como poderia ele ter sobrevivido a quantidade considerável de flechadas que sofrera.

Ao se recuperar, o valente Sebastião retorna ao palácio do imperador exigindo do mesmo que extinguisse imediatamente com toda e qualquer forma de perseguição e barbaridades realizadas contra o povo, especialmente aos servos do salvador, por considerar tais atos como pecaminosos, demonstrando mais uma vez ser aguerrido perante seus ideais.

Perplexo e extasiado ao ver em sua frente um homem, que segundo sua ordem deveria estar morto, e, ao mesmo tempo enraivecido por seus comandados não a terem cumprido como deveriam, uma segunda sentença de morte é lida a Sebastião. Mas desta vez a ordem era clara. Dar fim à vida daquele que ousava contra a figura do imperador. Desta vez, Sebastião é espancado com acréscimo de pauladas até a morte.

Para evitar que o agora mártir Sebastião fosse venerado pelos cristãos ou quaisquer outros, ordenou que o corpo do imolado deveria ser depositado nos esgotos romanos. Entretanto o iluminado surge na noite seguinte para Luciana, que, a exemplo de Irene, também viria a se tornar santa e solicita-lhe recolher seus espólios descrevendo onde estavam depositados, pedindo ainda confiar seus restos junto aos evangelizadores de Cristo.



Autor: Ludovico Carracci.

Obra: St Sebastian Thrown into the Cloaca Maxima

Ano: 1612

Informações relevantes: Pintura a óleo sobre tela, 65 3/4x91 3/4 in. J. Paul Getty Museum, Los Angeles

Naquele período, Roma sofrera pelo decesso de inúmeras vidas devido a uma tenebrosa peste que assombrava a região e a população romana. No entanto, coincidentemente ou não, tal flagelo desaparece, como um passe de

mágica no momento em que suas relíquias⁴⁷ são depositadas na catacumba da *Via Appia Antica*⁴⁸, ao lado dos apóstolos Pedro e Paulo, especificamente em um local em que viria a ser construída uma basílica pelo imperador romano Constantino, considerado o imperador dos cristãos em homenagem à *memoria apostolorum*.

Estátua em mármore de São Sebastião (1672), obra desenhada por Gian Lorenzo Bernini e feita pelo escultor Giuseppe Giorgetti. Basílica São Sebastião *ad catacumbas*, Roma.



⁴⁷ Com a morte de pessoas santificadas, como São Sebastião, seus corpos se transformaram em relíquias, pois acreditava-se que, em posse mesmo que fosse de um pequeno fragmento, se estaria levando toda a proteção e se estaria ainda mais próximo do santo em questão. Alguns julgavam ainda que as relíquias dos santos possuísem um poder místico e milagroso.

⁴⁸ Desde o surgimento dos primeiros cristãos, os mesmos eram enterrados em catacumbas subterrâneas, pois acreditavam na vida eterna após a morte. Este termo, passa a ser usado principalmente após encontrarem escritos como *San Sebastiano ad Catacumbas* no local em que julgam estar depositados os restos mortais de São Sebastião, além de ser um dos espaços mais visitados pelo público cristão. Estas catacumbas estão dispostas ao longo de várias vias, como a Appia, Ostiense, Nomentana, entre outras, que se tratam de estradas que cortam Roma.

Cidades como Milão e Lisboa, em períodos distintos, também se viram assoladas por uma pestilência que os levaram a realizar inúmeros atos públicos e peregrinações, nas quais as súplicas eram pela intercessão do Mártir Sebastião, já que outrora o mesmo havia intercedido por Roma em período de pestes e mortes. Após efetuarem várias ações com o intuito de pedir graças ao imolado cristão, afirma-se que tais regiões se depararam com o fim das epidemias causadas pelas pestes que até aquele momento havia ceifado inúmeras vidas.

A partir deste momento vários cultos em devoção a São Sebastião surgem e se intensificam no velho continente. Tais práticas quase sempre associavam seu nome a proteção contra pestes, principalmente em se tratando de um período em que os surtos epidêmicos eram constantes devido à falta de higiene, saneamento básico e outros fatores que fragilizavam a saúde dos sujeitos que ali viviam. Coincidentemente ou não, após a realização de inúmeros atos de devoção ao santo, parece que os surtos cessavam amenizando a dor e o sofrimento causados pela peste. Desta forma, a popularidade deste santo eleva-se consideravelmente da mesma forma com que suas intercessões passam a ser (re)criadas e (re)apropriadas de diversas maneiras

Outras vertentes de devoção ao santo associam sua imagem cravejada de flechas para legitimar a associação entre São Sebastião e a proteção contra pestes. Segundo o imaginário popular as pestes são quase sempre mortais principalmente aquelas que atacam as plantações, além do que, seguindo essa ótica elas (as pestes) são rápidas e repentinas, da mesma forma que as flechas que acertaram o glorioso Sebastião.



Obra: São Sebastião intercede pela praga golpeado
Autor: Josse Lieferinxe
Ano: 1497-1499
Localização:
Centre Street: Terceiro Andar: 15 - Arte do século do
norte da Europa

1.2 - UM SANTO NO PLURAL

Este religioso é um dos santos cuja imagem é uma das mais reproduzidas e divulgadas no mundo. Várias são as recriações de suas figuras seguindo um vasto campo de possibilidades em que, de certa forma, a pluralidade de sentidos se torna nítida.

As primeiras imagens de São Sebastião fazem menção a um homem totalmente distinto ao que conhecemos hoje. Alguns estudiosos julgam que as mesmas fazem alusão a um homem com adornos imperiais, um pouco mais velho, mas com barba bem feita e com a pose de um pensador filosófico. Entretanto, durante o período renascentista um vasto material pictórico um verdadeiro repertório de imagens de São Sebastião começa a ser produzido e reproduzido, fazendo em quase sua totalidade menção ao momento em que o santo fora cravejado por flechas como demonstram as pinturas de Guido Reni⁴⁹ um dos maiores pintores italianos e com um grande apreço pela Igreja Católica. Este é responsável por inúmeras obras sacras entre pinturas e afrescos, todas a pedido ou de posse da Cidade do Vaticano. Mas, apesar de "beber na fonte" de Rafael e outros pintores renascentistas⁵⁰, Reni era considerado um artista importante dentro do movimento Barroco⁵¹ italiano.

⁴⁹ Pintor italiano, Guido Reni nasceu em Bolonha a 4 de novembro de 1575 e morreu na mesma cidade em 18 de agosto de 1642. Depois de ter sido aprendiz nos ateliês de pintores maneiristas, entrou na academia bolonhesa dos irmãos Carracci, aceitando plenamente o academismo eclético desses mestres, procurando unir o desenho de Rafael e o claro-escuro de Correggio com algo de colorido veneziano. Desde 1600 passou a maior parte da vida em Roma, recebendo numerosas encomendas dos papas, cardeais e casas aristocráticas. Esteve, também, em Paris e Nápoles, mas voltando sempre para Roma e, enfim, para Bolonha. (disponível em: <http://www.sabercultural.com/template/pintores/Reni-Guido-01.html>)

⁵⁰ As características principais das obras renascentistas referem-se às qualidades de moderação, economia formal, austeridade, equilíbrio e harmonia. Cf.: MARTINDALE, Andrew. *O Renascimento*. Universidade de East Anglia: Editora Expressão e Cultura, 1966.

⁵¹ Diferentemente do renascimento, no barroco, o mesmo objeto era representado com um maior dinamismo, partindo da utilização de contrastes mais fortes, oferecendo à obra uma maior dramaticidade, exuberância e realismo.

Cf.: PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: editora Ática, 2004



Dados técnicos:

Obra: O Martírio de São Sebastião

Artista: Guido Reni

Data de Conclusão: 1616

Estilo: Barroco

Gênero: pintura religiosa

Técnica: óleo

Material: lona

Dimensões: 146 x 113 cm

Galeria: Boston Athenaeum

Fonte:

<http://www.artesesubversao.com/2013/07/arte-italiana-no-rio.html>

O Martírio de São Sebastião é uma das obras mais importantes do artista, além do que a mesma deixa clara as características do barroco como o realismo e dramaticidade, como também uma harmonia na composição da obra, esta última já sendo influência das obras do renascentista Rafael.

Esta pintura em especial foi uma das obras expostas no Brasil durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ)⁵² sediada no Rio de Janeiro entre Junho e Julho de 2013. Durante este evento os brasileiros tiveram a oportunidade de ver de perto inúmeras obras de arte sacra, além de relíquias de santos diversos que foram expostas no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro.

⁵² O JMJ - Jornada Mundial da Juventude - é um evento oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, cujo real objetivo é o de reforçar a fé cristã e aproximar os jovens ainda mais da Igreja. Ao reunir jovens de todo o mundo em único lugar - neste caso o Rio de Janeiro, entre os dias 23 e 28 de julho de 2013 - a Igreja Católica também reuniu línguas e culturas múltiplas. Tal evento contou ainda com a ilustre presença do primeiro Papa latino-americano, o Papa Francisco, o qual demonstrou toda sua simpatia e peculiaridade em relação aos demais. Um dos pontos chave de sua visita fora a missa realizada em plena praia de Copa Cabana, fazendo com que o Rio de Janeiro, como também todo o Brasil parasse, praticamente em seu sentido literal, para ver e escuta-lo em uma cerimônia religiosa que reuniu, não só milhares de pessoas, mas devoções e emoção múltiplas em um só local.

Na mesma oportunidade na Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro também havia uma exposição especial para o evento em questão, contendo inúmeras imagens do santo de diversas formas. Mas, nenhuma das obras pode ser registrada durante este período de visitação, onde os peregrinos da f e que ali estavam apenas guardaram na memória imagens e momentos de f e e devoção importantes para a comunidade católica apostólica romana. No entanto, havia uma faixa fixada em frente à Igreja da Ressurreição com o Intuito de divulgar a Jornada Mundial da Juventude, com destaque aos dizeres sobre os mártires patronos do evento e entre eles encontrava-se São Sebast o.



Faixa fixada em frente a Igreja. Imagem de OLIVEIRA, Anderson. A. G. de. Igreja de Nossa Senhora de Copacabana e Santa Rosa de Lima, Copacabana, Rio de Janeiro-RJ. Julho de 2013.

Apesar de registro das artes sacras e/ou qualquer imagem no interior das exposições não serem permitidos, algumas foram expostas por meio de banners no interior da Igreja da Ressurreição, situada em Copacabana na Cidade do Rio de Janeiro-RJ, entre elas duas ganham destaque pela forma e disposição com que São Sebastião aparece.



Dados técnicos:
Obra: São Sebastião
Artista: Glauco
Rodrigues
Estilo: Modernismo



Dados técnicos:
Obra: São Sebastião
Artista: Glauco
Rodrigues
Estilo: Modernismo

A primeira traz o mártir com os arcos da Lapa ao fundo. Já a segunda é agraciada com a presença do Cristo Redentor e o Corcovado, locais que compõem os espaços de maior representação para os moradores da cidade, além de serem os cartões postais do Rio de Janeiro conhecidos mundialmente. Tais obras são do modernista gaúcho Glauco Rodrigues que estudou na Escola de Belas Artes do Rio, cidade que elegeu para viver, até sua morte no ano de 2004. Glauco é um dos artistas modernistas brasileiros que mais representou São Sebastião em suas obras conectando-o aos lugares, usos e costumes nacionais e cariocas, levando-se em consideração que este santo, assim como na cidade maravilhosa é padroeiro de Bagé-RS, cidade natal do artista.



Dados técnicos:

Obra: Guia turístico e histórico da cidade do Rio de Janeiro, viagem pitoresca através do tempo.

Ano: 1979.

Artista: Glauco Rodrigues

Estilo: Modernismo

A figura acima torna-se um tanto quanto emblemática no momento em que mistura sentidos e impressões múltiplas, pois se de um lado temos a representação santa de São Sebastião, temos a figura de uma bela mulata transportando à festa e à alegria do carnaval carioca. Sem passar

despercebido ainda, encontra-se um homem envolto em uma bandeira brasileira, como se gritasse ao mundo seu orgulho de ser brasileiro, sobretudo os mais emblemáticos cartões postais cariocas, o Cristo Redentor e o Corcovado. As obras de Glauco Rodrigues nos brindam com uma mistura de cores e sentidos, às vezes não muito bem recebidas por algumas pessoas, apesar de reconhecerem sua forma peculiar de representar o santo. Tanto é que, algumas de suas imagens foram escolhidas para serem expostas e visitadas pelo santo padre o Papa Francisco, claro que em suas versões modestas que não demonstrassem tanta 'criatividade' e não trouxesse qualquer tipo de incômodo ao religioso.

É difícil dizer se algumas obras foram encomendadas ou apropriadas para determinados fins, como é o exemplo do Guia Turístico, principalmente dada a circunstância de que Glauco foge, em praticamente todas as suas obras, do senso comum, abusando da criatividade e dos espaços de uma cidade que o recebera de braços abertos durante boa parte de sua vida.

A obra Tião do Brasil também de Glauco Rodrigues vai além. Ela deixa transparecer a aproximação de São Sebastião a Oxossi, pois nela, estão presentes algumas características como: a flecha, símbolo do martírio do santo; o negro, representando o brasileiro, a cultura afrodescendente e o cocar indígena que nos remete ao caboclo indígena que, por sua vez, representa Oxossi. Nas práticas religiosas da Umbanda não se incorpora os orixás, estes se manifestam por intermédio de mediadores com características semelhantes aos orixás. Neste caso o indígena por ser caçador, corajoso e dono das matas, assim como Oxossi na religiosidade afro-brasileira.

Nessa imagem visualiza-se uma dupla apropriação. O santo é (re)significado, cuja matriz remete à umbanda, o signo do nacionalismo aparece no verde e amarelo, o corpo é escultural, lembra esporte, praia, Rio de Janeiro. Atrás da imagem visualizamos ainda a representação do santo dardejado dando a impressão de que a flecha é o ponto que os une, nos levando por um contraste de cores e imagens a um misto de sentimentos, entre eles o sofrimento, a dor e a alegria.



Dados técnicos:
Obra: Tião do Brasil
Ano: 1980
Artista: Glauco Rodrigues
Estilo: Modernismo



Dados técnicos:
Obra: São Sebastião Hedonista
Ano: 1983
Artista: Glauco Rodrigues
Estilo: Modernismo

Já a gravura São Sebastião Hedonista diferentemente de várias obras do artista não faz menção ao Rio de Janeiro, ou ao Brasil. Nesta, Glauco tenta demonstrar a escolha de São Sebastião no martírio em nome de sua fé e de sua igreja. O próprio título nos leva a tal conclusão já que *Hedonista* significa aquele que escolhe a dor como objetivo de vida, ou seja, ao escolher retornar ao palácio do imperador e enfrentá-lo, ao invés de ficar recluso e ter uma vida longe daqueles que atentaram contra sua vida, Sebastião escolhe o embate, mesmo tendo a ciência que poderia lhe custar a vida como meio de (re)afirmar sua fé.

Mas Glauco não se restringe a obras de arte para simples exposição como também para fins comerciais. Um exemplo disso é a gravura da capa do disco de João Bosco no ano de 1975, na qual ele trás aspectos que fazem menção ao Brasil como as cores, o sertanejo e a arara azul (só encontrada em terras brasileiras) mas dando um destaque especial a São Sebastião.

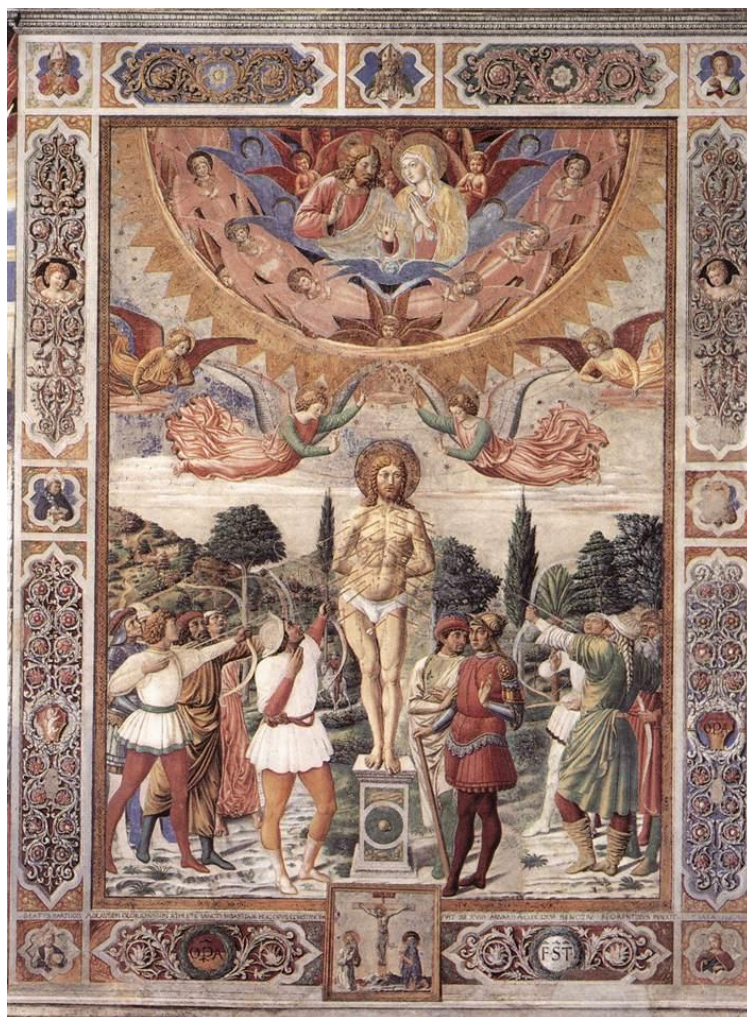


Dados técnicos: Capa do disco *Caça à Raposa* / João Bosco.
Gravura de: Glauco Rodrigues.
Ano: 1975

Ao olhar por dentro do álbum as músicas de João Bosco remetem aos indígenas e a João Cândido⁵³, popularmente conhecido como mártir do povo, características que, de certa forma, fazem ligação com a imagem e representação do Santo Sebastião.

As imagens a seguir demonstram como a pluralidade de sentidos é construída em torno de São Sebastião, além de clarear como a figura do santo é delineada ao longo dos séculos até chegarmos às atuais comercializadas e difundidas pelo globo.

⁵³ João Cândido era negro e um dos personagens mais marcantes da Revolta da Chibata. Ele conseguiu unir negros e brancos de um só lado contra as barbaridades e castigos impostos pela Marinha do Brasil. Apesar da lei da anistia, com a troca de comando, O Almirante negro, como ficou conhecido, foi excluído do quadro da Marinha e passou a viver de bicos até falecer com câncer aos 89 anos. E, apenas após sua morte, foi reconhecido e tomado como patrono da Marinha brasileira. Mas por sua trajetória de lutas e sua vida difícil ocasionada pela expulsão da Marinha, ele também passa a ser considerado mártir do povo, daí a ligação de João Bosco com sua obra e São Sebastião.



Obra: San Sebastian
 Artista: Benozzo Gozzoli
 Período: 1465 (**Renascença**)
 Gênero: pintura religiosa
 Técnica: fresco
 Dimensões: 525 x 378 centímetros
 Local: Galeria de San Gimignano, Itália.

Breve descrição: Esta imagem traz um homem com barba e cabelos grandes cravejado por flechas. Nela percebe-se ainda a presença do que seriam as imagens de Jesus e Maria logo acima envoltos de figuras que nos remetem a anjos. Não podemos deixar de notar a semelhança entre Jesus e São Sebastião nesta imagem. Nela, Jesus, Maria e São Sebastião possuem uma auréola, o que designa santidade. Abaixo da imagem temos ainda, ao que indica, soldados em um movimento como se estivessem flechando Sebastião.

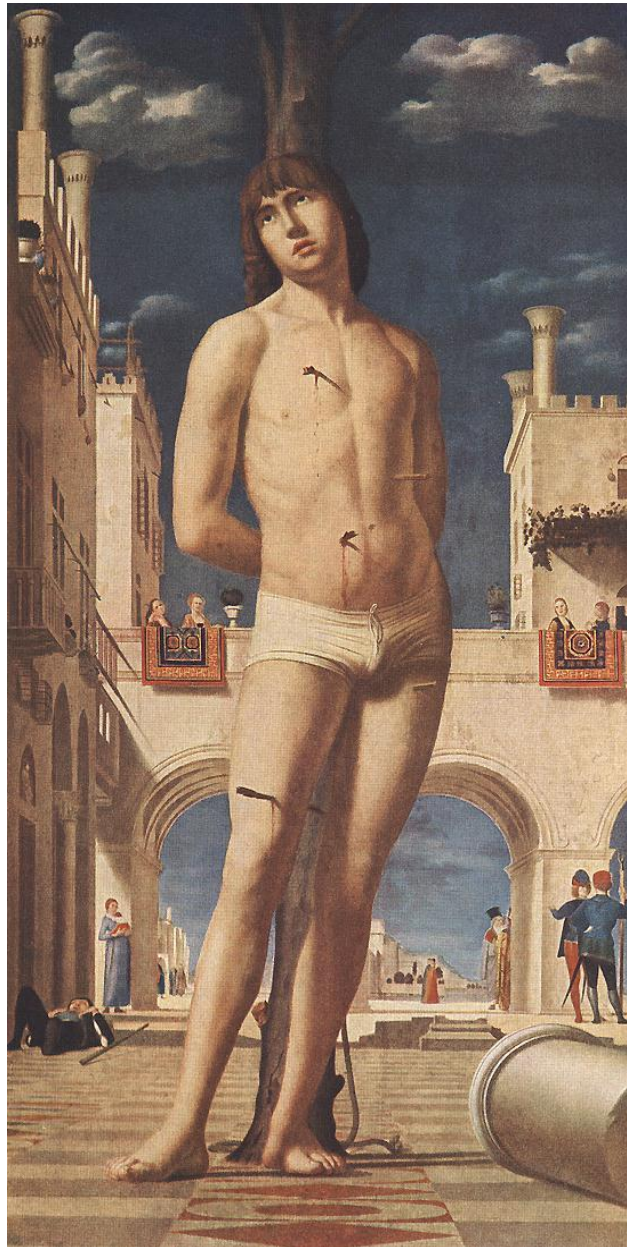
[Benozzo Gozzoli (1421 - 1497) foi um pintor italiano, de Florença, que fez parte do começo da Renascença. Seu trabalho mais conhecido é uma série de murais (afrescos) para o Palazzo Medici-Riccardi, em Florença, representando vibrantes procissões e uma impressionante riqueza de detalhes, com influência marcante do Gótico internacional. Gozzoli morreu em Pistoia, em 1497. Recebeu em 1478 um túmulo no Campo Santo como agradecimento da cidade por sua obra. (<http://www.wikipedia.org>)]



Obra: Sebastian
Artista: Sandro Botticelli
Gênero: pintura religiosa
Período: 1473 (Renascença)
Dimensões: 195 x 75 cm
Localização atual: Berlin

Breve descrição: Aqui São Sebastião aparece jovial e semi nu envolto apenas de um pequeno pano. O santo está preso ao tronco de uma árvore cravado por seis flechas. A imagem possui ainda a presença da auréola representando santidade.

[**Sandro Botticelli** Pintor italiano, Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, dito Botticelli, nasceu em Florença em 1444 e morreu na mesma cidade a 17 de maio de 1510. Foi discípulo de Fra Filippo Lippi, de Piero del Pollaiolo e de Verrocchio. Em 1469 foi encomendada a Pollaiolo uma representação das sete Virtudes para o tribunal da Mercanzia. Em 1470, Botticelli foi oficialmente encarregado da execução da "Constância". Os Medici seriam seus maiores patronos, e Botticelli, por sua vez, criou numerosas obras refletindo os ideais poéticos dessa grande família florentina. (<http://www.sabercultural.com/template/pintores/Sandro-Botticelli-1.html>)]



Obra: St. Sebastian
Artista: Antonello da Messina
Gênero: pintura religiosa
Técnica: óleo sobre madeira
Período: 1476 (Renascença)
Local: Dresden

Breve descrição: Aqui Sebastião encontra-se jovial, e está preso a uma árvore no centro de uma cidade. A imagem do santo está cravada por cerca de quatro flechas e semi nu, com apenas um tapa sexy, que ao que tudo indica não é característico do período. Podendo esta imagem ter sofrido alterações posteriores a sua produção.

[Antonello da Messina (Messina, 1430 - 1479) Foi um dos melhores pintores do Renascimento italiano. É considerado um dos introdutores das técnicas pictóricas de óleo na Itália. A sua obra influenciou muitos artistas, entre eles Petrus Christus, Lorenzo Lotto, Zanetto Bugatto, Pier Maria Pennacchi e Giovanni Bellini. (<http://www.wikipedia.org>)]



Obra: O Martírio de São Sebastião

Artista: Hans Memling

Ano: 1479

Técnica: Óleo sobre madeira, 67,4 x 67,7 cm

Gênero: pintura religiosa

Local: Musées Royaux des Beaux-Arts, em Bruxelas

Breve descrição: Na imagem acima, Sebastião aparece preso a uma árvore vestido de uma calça, próximo a vestimentas, ao que tudo indica serem suas e que são características de nobres do período.

[Hans Memling (Seligenstadt, 1430 - 1494) Foi um dos mais notáveis pintores alemães. Viveu a maior parte de sua vida em Flandres, na Bélgica. Foi ignorado pela historiografia de arte até meados do século XIX, quando o seu nome se tornou conhecido. Na sua obra, predominam as composições religiosas e famosos retratos. Ao longo da sua vida, o seu estilo pouco mudou. Este fato veio a dificultar a classificação cronológica dos seus quadros. Entre as suas mais famosas obras, contam-se Retrato de uma anciã e São Sebastião. (<http://www.wikipedia.org>)



Obra: St Sebastian
Artista: Raffaello Sanzio
Período: 1501–1502 (Renascença)
Gênero: pintura religiosa
Técnica: Óleo sobre
madeira 43 x 34 cm
Local: Accademia Carrara, Bergamo

Breve descrição: Aqui Sebastião é jovial e de cabelos longos. Está completamente vestido com características de nobreza. A imagem transparece calma em seu semblante. O santo segura uma flecha, símbolo de seu martírio e tem sua cabeça envolta de uma auréola.

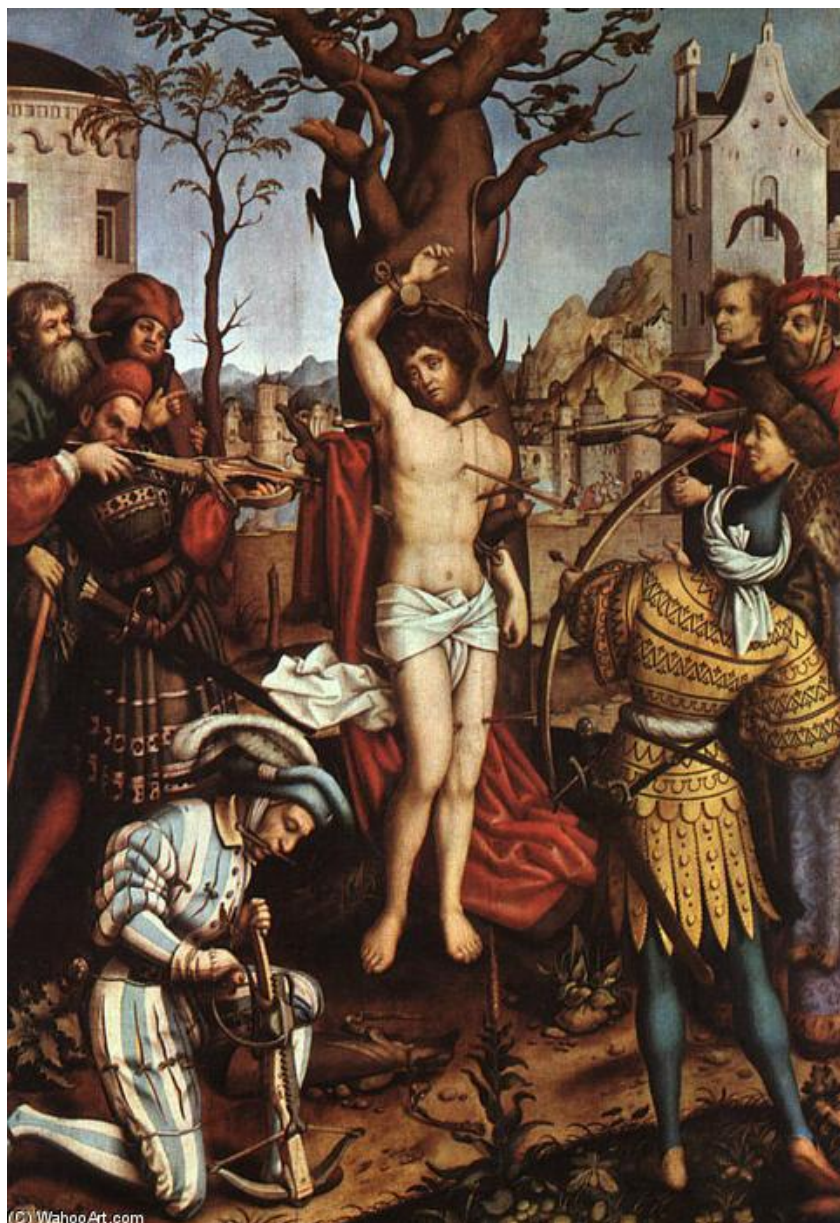
[**Raffaello Sanzio** (1483 - 1520) Frequentemente referido apenas como Rafael, foi um mestre da pintura e da arquitetura da escola de Florença durante o Renascimento italiano, celebrado pela perfeição e suavidade de suas obras. Junto com Michelangelo e Leonardo Da Vinci forma a tríade de grandes mestres do Alto Renascimento. (<http://www.sabercultural.com/template/pintores/Rafaello-1.html>)



Obra: St. Sebastian
Artista: Francesco di Giovanni Botticini
Ano: 1505
Gênero: pintura religiosa
Local: O Metropolitan Museum of Art de Nova York

Breve descrição: Nesta imagem o santo aparece semi nu cravejado por cerca de seis flechas e preso ao tronco de uma árvore. Nela a única presença, a não ser do próprio santo, é a figura do que seria um anjo com uma coroa nas mãos, em um movimento como se estivesse por coroar São Sebastião.

[Francesco di Giovanni Botticini (1446 - 1497) Foi um pintor italiano Início da Renascença que estudou com Cosimo Rosselli e Andrea del Verrocchio. Ele nasceu em Florença e é conhecido principalmente por sua pintura "Assunção da Virgem", na National Gallery, em Londres, mostrando a hierarquia angelical. (<http://www.wikipedia.org>)



Obra: O Martírio de São Sebastião
Artista: Hans The Elder Holbein
Ano: 1516
Gênero: pintura religiosa
Local: Alte Pinakothek (Munich, Germany)

Breve descrição: Na figura ao lado, Sebastião possui a aparência de uma pessoa mais velha com barba e semi nu. O mesmo encontra-se preso a um pequeno tronco de árvore, rodeado do que seriam soldados romanos como se estivesse deflagrando flechas em sua direção. Um deles está ajoelhado, provavelmente preparando sua arma.

[**Hans Holbein** (1465-1524) nasceu na cidade imperial livre de Augsburg (Alemanha), e morreu em Altar, Alsácia (hoje França). Ele pertencia a uma família de pintores célebres; seu pai era Michael Holbein; seu irmão era Sigismund Holbein. Pintou obras religiosas ricamente coloridos. Suas pinturas posteriores mostram como ele foi pioneiro e liderou a transformação da arte alemã do (Final) gótico internacional ao estilo renascentista. (<http://www.wikipedia.org>)]



Obra: Martírio de St. Sebastian
Artista: Albrecht Altdorfer Ano: 1518
Gênero: pintura religiosa
Local: Augustine Monastery Linz Austria

Breve descrição: Aqui São Sebastião está preso a uma enorme pilastra, dando a ideia de ser as mediações do palácio do imperador. Ele encontra-se semi nu cravejado por algumas flechas e com o que seriam soldados a postos. Nesta imagem percebe-se ao fundo a presença de algumas pessoas, como se estivessem assistindo o episódio.

[**Albrecht Altdorfer** (1480 - 1538) Pintor, gravador e arquiteto renascentista alemão. Um dos mais notáveis representantes da Escola do Danúbio, teve influências de Dürer e Cranach. Nas suas obras podemos observar uma pura pintura de paisagens, animada pela narração de lendas, como por exemplo, em Susana no Banho (Munique). Mas há em Altdorfer a noção fundamental de um indissolúvel laço entre a natureza e os acontecimentos humanos que nela passam. (<http://www.wikipedia.org>)]



Obra: San Sebastián
Artista: Agnolo Bronzino
Ano: 1525
Técnica: óleo sobre painel - 87 x 77 cm
Gênero: pintura religiosa
Local: Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid, Espanha.

Breve descrição: Aqui Sebastião está envolto em um pano vermelho, jovial e com o corpo forte. Possui uma flecha cravada em seu corpo e outra em uma de suas mãos, como se as tivesse arrancando de seu corpo. Nesta imagem, o que chama a atenção é a humanização do personagem, o qual transparece características próximas do real nos traços e na composição da obra.

[Agnolo Bronzino. (1503 - 1572 / Florença). Pintor italiano predominantemente palaciano, um dos maiores representantes do maneirismo. Existe poucas informações acerca da sua infância. Justamente por essa falta de dados que supõem os seus biógrafos que tenha nascido de família bastante humilde, como também a dificuldade encontrada para se estabelecer seu sobrenome verdadeiro - tendo o mesmo adotado como tal o epíteto (Bronzino) que lhe deram os contemporâneos. O apelido Bronzino significa brônzeo, e possivelmente deriva do seu semblante carregado, que seria "como de uma estátua de bronze". (<http://www.wikipedia.org>)]



Página: St Sébastien Martyre
Artista: Guido Reni
Ano: 1620
Estilo: Barroco
Gênero: pintura religiosa
Local: Musée du Louvre

Breve descrição: Além da humanização presente na obra, o santo transparece um semblante de sofrimento. Nesta imagem, São Sebastião está semi nu cravejado por uma única flecha e preso ao tronco de uma árvore. O corpo é jovem e forte com músculos bastante definidos.

[**Guido Reni** (1575 - 1642) Pintor italiano, natural de Bolonha, depois de ter sido aprendiz nos ateliês de pintores maneiristas, entrou na academia bolonhesa dos irmãos Carracci, aceitando plenamente o academismo eclético desses mestres, procurando unir o desenho de Rafael e o claro-escuro de Correggio com algo de colorido veneziano. Desde 1600 passou a maior parte da vida em Roma, recebendo numerosas encomendas dos papas, cardeais e casas aristocráticas. Esteve, também, em Paris e Nápoles, mas voltando sempre para Roma e, enfim, para Bolonha. (Fonte: <http://www.sabercultural.com/template/pintores/Reni-Guido-01.html>)]

Cada imagem possui uma particularidade que ressalta as características e pensamentos dos períodos em que foram confeccionadas. Em algumas o mártir é representado com uma aparência mais velha, como se demonstrasse uma experiência inerente a sua posição dentro do exército romano a de capitão da guarda pessoal do imperador. Em outras, ele surge com um aspecto jovial, forte e praticamente semi nu com um vigor também característico de um bom soldado romano. Mas existem também representações de um homem bem vestido transparecendo o sentido de nobreza. Já a origem e/ou locais em que tais imagens estão postas são completamente distintas variando principalmente com a origem do artista.

Por um parâmetro geral, em todas as imagens analisadas, o aspecto que mais se repete é o de jovialidade, como se a real intenção dos autores fosse a de demonstrar saúde abundante e vigor como se nada o pudesse afetar, nem mesmo as flechas que nele encontram-se cravadas, principalmente em se tratando de um santo cujos principais pedidos de proteção se referem a pestilências ou seja aos males do corpo.

Já que nos referimos às flechas, grande parte das imagens que trazem São Sebastião cravado por elas, no caso das representações clássicas os números variam sempre em torno de 4 a 7 flechas no corpo do santo. Mas o que chama a atenção é justamente a falta de padrão, o que reforça as particularidades e intencionalidades de cada representação⁵⁴, podendo perpassar por uma imagem com mais de 20 flechadas diretas no mártir até aquelas em que nenhuma flecha está presa ao seu corpo, havendo somente uma ferida aberta lembrando que elas o atingiram, mas que não conseguiram ceifar sua vida.

⁵⁴ [...] a noção de "representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe [...] CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

No imaginário popular as flechas se assemelham às pestilências, rápidas e repentinas, ou seja, representam todo e qualquer flagelo que poderia vir a afetar e/ou prejudicar a vida humana. É válido ressaltar ainda que há referência ao hibridismo religioso, pois Oxóssi também possui a flecha como uma das partes de sua representação.

No Brasil, a imagem mais ilustrada e cultuada de São Sebastião é praticamente a mesma difundida por todo o globo, a de um santo jovial e forte preso a um tronco de árvore, cravejado por três flechas representando as batalhas que superou para merecer um lugar de destaque enquanto intercessor junto a Deus, pai todo poderoso. São elas: a *abastança*, a *grandeza* e o *prazer*, o que denominam por tripla glória de São Sebastião.



Imagem: São Sebastião
Fonte: Popular 'santinho'
Autor: Desconhecido / Não encontrado

É válido ressaltar que inúmeras imagens do santo dardejado são impressas e vinculadas pelo território nacional por meio de pagamento de

promessas, onde aqueles que alcançam a graça produzem e distribuem com recursos próprios os popularmente conhecidos como santinhos. De um lado a imagem do santo (em quase sua totalidade a representação acima) e de outro a oração ao mártir uma verdadeira forma de popularização da fé e da imagem do santo. Não seria essa uma forma de divulgação e de atualização do seu perfil?

Uma outra imagem que se espalha pelo território nacional possui as mesmas características da imagem acima, mas com um detalhe que faz toda a diferença, pois é carregada de significado. É mais uma vez o imaginário popular se fazendo presente em relação às formas de representações e sentidos do mártir. Seria a imagem na qual uma das três flechas comuns de serem observadas dá lugar apenas a uma ferida aberta como se a flecha tivesse sido arrancada de seu corpo, ou como a imagem abaixo, com apenas uma ferida também característica de uma flechada. A justificativa de apenas uma das flechas não estar cravada no peito do santo ou de apenas uma ferida presente em seu corpo, seria outra versão pelo santo ter intercedido diretamente em um assalto. Episódio em que o bandido, sem piedade alguma, estaria por tirar a vida de um cidadão, o qual, mesmo sem ser um modelo de cristão, recebeu a dádiva da vida e da proteção divina intercedida pelo mártir. Já o assaltante morto aparece com uma flechada no peito justamente a flecha que lhe falta na imagem.

Imagem de São Sebastião na Comunidade Lemes, município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.



A partir de tais memórias inúmeros contos e canções surgem entre elas o "Milagre da flecha", uma das canções mais conhecidas no território nacional, ela que é uma obra de Moacyr Franco, natural da cidade de Ituiutaba-MG e um dos compositores e humoristas brasileiros de relevância no cenário da mídia nacional.

Era alta madrugada, já cansado da jornada, eu voltava pro meu lar
Quando apareceu no escuro, me encostando contra o muro, um ladrão prá me
assaltar
Com o revólver no pescoço, ainda expliquei pro moço, tenho filho prá criar
Sou arrimo de família, leva tudo, me humilha, mas não queira me matar

(refrão)
Ave Maria aleluia, ave Maria

Mas o homem sem piedade, um escravo da maldade, começou me maltratar
Prá ver se eu tinha medo, antes de puxar o dedo, ele me mandou rezar
Eu nunca tinha rezado, eu que era só pecado, implorei por salvação
Elevei meu pensamento, descobri neste momento, o que é ter religião

(refrão)

Um clarão apareceu, minha vista escureceu, e o bandido desmaiou
E morreu não teve jeito, com uma flecha no peito, sem saber quem atirou
Nesta hora a gente grita, berra, chora e acredita, que o milagre aconteceu
De joelho na calçada, perguntei com voz cansada, quem será que me atendeu

(refrão)

Já estava amanhecendo, a alegria me aquecendo, quando entrei na catedral
Cada santo que eu via, eu de novo agradecia, e jurava ser leal
Veja o santo de passagem, não me toque nas imagens, me avisou o sacristão
Pois lá ninguém explicava, uma flecha que faltava... na imagem de São Sebastião

Milagre da Flecha
Moacyr Franco⁵⁵

Tal canção atrelada à sua imagem nos dá a alusão do imaginário popular no interior do Brasil em relação a trajetória e presença do mártir na vida cotidiana dos devotos e simpatizantes do santo. O fato é que

⁵⁵ Moacyr Franco tem visibilidade nacional. Ele é natural de Ituiutaba-MG e ainda nos anos de 1960 começou sua carreira no então programa televisivo "A praça é nossa", do SBT. É ator, cantor, autor, apresentador de TV, humorista e compositor, e, entre suas principais obras estão as canções: "Me dá um dinheiro aí"; "Seu amor ainda é tudo"; "Ainda ontem chorei de saudade"; "Se eu não puder te esquecer", dentre tantas outras gravadas e regravadas por artistas renomados no cenário musical brasileiro.

independentemente de sua representação enquanto imagem, o mártir Sebastião ganha lugar de destaque no cenário festivo e religioso do país. Práticas festivas religiosas que se ramificam pelo interior por vários motivos, entre eles o principal, o de serem regiões marcadas por uma agricultura familiar.

As imagens estão por todo lado, aqui e ali, nos cercando, tornando-se parte fundamental, pois não podemos negligenciar que somos também movidos pelo visual. Constantemente somos bombardeados por elas, das mais variadas formas, cores e traços, carregados de intencionalidade, como se o autor nos quisesse dizer algo, sem proferir ou escrever uma palavra sequer. Devemos ver as imagens também como narrativas, como uma mata virgem a ser desbravada, mas com todo cuidado para não cairmos nas armadilhas dos nossos sonhos e desejos. Até porque:

[...] A imagem criada pelo artista é algo completamente diferente de um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma marca, um sulco, um vestígio visual do tempo que ela quis tocar, até mesmo daqueles tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos - que ela não pode, enquanto arte da memória, deixar de aglutinar. É a cinza mesclada, mais ou menos morna, de uma multidão de fogueiras. [...] ⁵⁶

⁵⁶ ANTELO, Raul. *A imanência histórica das imagens*. In.: FLORES, Maria Bernardete Ramos; VILELA, Ana Lucia Vilela (Org.). *Encantos da imagem: estâncias para a prática historiográfica entre história e arte*. Letras Contemporâneas, 2010. p. 11.

Conferir também:

*Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *História e Imagem*. São Paulo: EDUC, n. 0, 1981

*BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

*FLORES, Maria Bernardete Ramos; VILELA, Ana Lucia (Org.). *Encantos da Imagem: Estâncias para a prática historiográfica - Entre História e Arte*. Blumenau-SC: editora Letras Contemporâneas, 2010.

*KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

*MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2011.

*PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

*RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens na História*. São Paulo: HUCITEC, 2008.

Cada autor ao rascunhar o santo flechado leva junto à tela não só as cores e traços técnicos, mas deixa ali sua emoção, sua trajetória de vida, sua visão de mundo, e porque não, sua fé. Seja na era renascentista com seus ilustres mestres da harmonia, sempre em busca da perfeição, no barroco com sensibilidade do realismo, nos trazendo à tona uma emoção indescritível ou na arte moderna aproximando o real dos sonhos, a intenção do desejo, todos aqueles que de, certa forma, trazem o mártir Sebastião abrem o baú da memória e da imaginação humana.

Sabe-se que não há uma veracidade concreta na trajetória de vida ou santificação de St Sebastian, tudo o que sabemos e analisamos são partes de um grande quebra cabeças, bem como as obras a que nos referimos. Nelas os autores abusam da criatividade, ou da intencionalidade presente na disputa entre os artistas de Milão e Narbone, por exemplo, onde acabam praticamente se digladiando, uma verdadeira disputa para ter a honra de serem conterrâneos de um homem que mesmo não sabendo a real origem ou trajetória é carregado de significados múltiplos e partilhados de fé, esperança e perseverança.

Da mesma maneira ao olharmos para as obras nos damos o direito de traçar a história de vida e santificação do mártir, como se fosse possível, a partir das imagens, voltar centenas de anos e estar ali junto ao santo flechado, mesmo que momentaneamente pudéssemos fazer parte da obra, parte da vida de São Sebastião. Aqui partilho um questionamento levantado por Sandra Jatahy Pesavento. O que realmente queremos é:

[...] Compreender uma sociedade de um outro tempo, juntar todos os traços deixados, materiais e objetivos, mesmo que neles se contenha a imaterialidade da trama da vida, ou seja, as razões, as emoções e os sentimentos, ou seja, a tradução do mundo, de um outro tempo e de "outros" no tempo? [...]⁵⁷

É neste momento que o imaginário popular ganha destaque com suas mais variadas formas de representação do santo flechado pois colocam o mesmo também naquela realidade em que encontram-se inseridos tentando tornarem-se mais próximos de São Sebastião, uma proximidade que muitas

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens, memórias, sensibilidades: território do historiador*. In.: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens na História*. São Paulo. Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 18.

das vezes se confunde com o real e com a vida dos devotos, como por exemplo o batismo com o nome do santo. Inúmeros Sebastiãos e Sebastianas que parecem dividir o martírio e a glória daquele que lhes empresta o nome. Martírios e glórias aqui representados pelas dificuldades e conquistas que enfrentam a cada labor diário, a cada nascer do sol, a cada conta paga e/ou realizações pessoais por mais simples que sejam. Mártires modernos de um progresso desmedido que não olha por onde ou por quem varrendo consigo a esperança e a vida de inúmeros Sebastiãos.

CAPÍTULO II: *Um Brasil cortado por São Sebastião*

2.1 - UMA HERANÇA LUSITANA

As expedições rumo ao mundo desconhecido transformaram a paisagem e o modo de ver e viver as coisas pelas bandas de cá. Os europeus com sua pompa e circunstância não trouxeram consigo apenas seu jeito de se vestir ou arrazoar. Com eles sem levar aqui em consideração os mandos e desmandos seguidos de uma exploração que reflete ainda hoje na sociedade brasileira, aprendemos e (res)significamos ricas práticas culturais, influências musicais, alimentícias e sobretudo religiosas.

O Brasil é um país múltiplo e único. Somos uma mistura de raças e cores, uma verdadeira colcha de retalhos costurada minuciosamente ano a ano, cultura a cultura, vida a vida. Ao atracar em terras tropicais os imponentes portugueses não estavam sós. Consigo traziam uma imagem daquele que se transformaria em um dos mais cultuados e festejados pelo povo brasileiro: São Sebastião.

Ainda em terras lusitanas este santo que já era estimado por todos ganha lugar de destaque em um dos momentos mais importantes da história portuguesa o nascimento do príncipe herdeiro que receberia seu nome Sebastião. Mas, para falarmos do príncipe herdeiro de Portugal, devemos voltar um pouco no tempo.

Segundo Vinícius Miranda Cardoso, Portugal encontrava-se assolado em pestilências e:

[...] Em 1527, deu-se o famoso saque de Roma pelos homens de Carlos V d Áustria (1500-1550, Carlos I das Espanhas). Uma das peças capturadas pelos soldados imperiais teria sido o assim chamado "braço de São Sebastião", com o qual o Habsburgo presentearia o rei *piadoso*, D. João III de Portugal, seu cunhado. Esse traslado foi, muito possivelmente, "a origem da maior expansão ao Mártir" entre os portugueses, ao longo do século XVI, "pois não só o soberano português teve a oferta em grande conta", como, supõe-se, o espólio sagrado "serviu para reavivar a veneração que se prestava em vários

templos ao santo, tanto mais que se atribuía à vinda do braço se ter aplacado a peste que assolava o Reino". [...]⁵⁸

Por muitos anos São Sebastião fora o que poderíamos considerar o segundo santo oficial em todo território português justamente em decorrência das pestes que castigavam a região. E, com a chegada do que eles consideravam ser um dos braços do santo essa devoção se intensifica consideravelmente em especial por um momento frágil da família real. Pois:

[...] Em meados do século XVI enquanto D. João II envelhecia, desenhava-se um quadro de crise sucessória que assombrava os aposentos palatinos portugueses. Erguia-se o horizonte sombrio de uma possível anexação do trono lusitano por Castela. Sete filhos do casal régio já haviam falecido sem garantir a continuidade dinástica. No dia 02 de janeiro de 1554, o infante D. João oitavo filho de D. João III e príncipe herdeiro, veio também a óbito. No entanto, a princesa D. Joana estava grávida. Por isso, o reino teria se entregado às súplicas ante o Divino e os intercessores celestes rogando por um bom parto. Quando sobrevêm as dores a D. Joana à meia noite para 01 hora, a 20 de janeiro de 1554, dia do Mártir São Sebastião "surge nas ruas de Lisboa o braço de São Sebastião, relíquia ostentada por uma procissão convocada às pressas. [...]"⁵⁹

A procissão citada por Cardoso segundo a historiografia portuguesa foi responsável pelo nascimento com saúde do jovem que viria a receber o nome do mártir e herdaria o trono dando continuidade à linhagem da família real. E, em mais um dos momentos difíceis enfrentados por Portugal lá estava São Sebastião como uma das figuras mais exaltadas e proclamadas para interceder junto a Deus.

No ano de nascimento do príncipe herdeiro os portugueses já colonizavam, mesmo que tardiamente, as terras do "Novo Mundo" e durante os primeiros contatos entre colonizadores e colonizados, São Sebastião lhes é apresentado, e em algumas regiões assimilado a 'seres/sujeitos/personalidades' importantes para aqueles que aqui já se

⁵⁸ CARDOSO, Vinícius Miranda. *Emblema Sagitado: Os Jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, Séculos XVI-XVII*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História, na Área de Concentração em Estado, Cultura Política e Ideias. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2010. p. 109.

⁵⁹ op. cite. p. 111.

encontravam. E anos mais tarde a mesma relíquia que auxiliou no bom parto da princesa para o nascimento de D. Sebastião, ou pelo menos o que julgavam ser pedaços da mesma, acaba desembarcando em terras brasileiras de forma a tentar realizar o mesmo que ocorrera em Portugal como exemplo à propagação da devoção ao santo. Mas o papel da relíquia vai além. Ela *"além de regular o tempo e o espaço"*, segundo os devotos portugueses também *"enobreceria a cidade receptora"*, *"propiciando curas"* e *"protegendo-a, fornecendo apoio nas batalhas contra o Demônio e os hereges protestantes"*. (CARDOSO, 2010)



Versa a tradição que dentro deste objeto encontra-se fragmentos de um dos braços do Mártir Sebastião, o qual foi saqueado da terra santa por Carlos V d Áustria e dado de presente a D. João III rei de Portugal. O exótico relicário em forma de braço é de Lorenzo Ghiberti, o mesmo das portas douradas do Batistério de Firenze Fonte: <http://www.artesesubversao.com/2013/07/arte-italiana-no-rio.html>



Visita da Relíquia de São Sebastião (o que acreditam ser um fragmento do osso e da carne do santo) a Campo Grande em comemoração aos 05 anos da paróquia daquele lugar. É a primeira vez desde a colonização que a mesma deixa o santuário de São Sebastião no Rio de Janeiro-RJ. Fonte: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento/misterio-e-milagre-feune-fieis-durante-visita-das-reliquias-de-sao-sebastiao>

Constantemente o Rio de Janeiro era invadido por nações imperialistas com a intenção de explorar as riquezas do país, entre elas encontrava-se a França, a que passara por uma modificação religiosa tendo como maioria protestantes. Sabe-se ainda que para explorar as terras do "Novo Mundo", principalmente as colônias portuguesas, todo e qualquer indivíduo deveria se converter ao cristianismo mas havia aqueles que a revelia do que estabelecia o tratado, teimavam em invadir terras brasileiras, e foram conhecidos como hereges e inimigos da igreja.

2.2 - OS "ENCANTADOS" DO "Novo Mundo"

Durante esse processo lento e gradual de colonização os primeiros nativos a manter contato com os conquistadores portugueses foram os Tupinambás, e, até hoje, a herança de uma cultura lusitana persiste em práticas religiosas deste grupo indígena.

Segundo a socióloga Patrícia Navarro os Tupinambás mantêm todos os anos práticas de reverência ao santo como por exemplo o ato de levantar o mastro com a imagem do mártir no dia 20 de janeiro, data escolhida pela Igreja Católica para louvar a trajetória de São Sebastião.

Ainda segundo os estudos de Patrícia Navarro em grande parte dos momentos as práticas religiosas nativas e portuguesas acabam se confundindo de forma que não conseguimos dizer onde se separam, a não ser destacar momentos em que características de um se sobressaem a do 'outro'.

As manifestações religiosas dos nativos do "Novo Mundo" até hoje são incógnitas para vários estudiosos, principalmente se levarmos em consideração que inúmeros segredos estão por ser desvelados. Segundo os indígenas, Tupinambá fora um grande guerreiro, assim como São Sebastião, desta forma não demorou muito para que fizessem a assimilação entre os dois e dessem início a um culto que perduraria até os dias de hoje, tendo como vertente principal de devoção aquilo que eles chamam de *processo de cura* e de *purificação*. E, seguindo a lógica dos Tupinambás:

[...] São Sebastião seria o "médico de todas as Aldeias", aquele capaz de livrá-los de enfermidades e torná-los firmes em momentos de adversidade, tanto ligadas à saúde do corpo quanto da alma, que porventura os pudessem abater em sua labuta diária. [...]⁶⁰

O interessante é que não são apenas características do catolicismo que estão presentes em torno das práticas religiosas. Patrícia Navarro afirma que durante a preparação para as festividades em Louvor a São Sebastião, em um determinado momento, tiveram que adentrar a mata para colher algumas folhas e ervas para enfeitar o 'Congá dos Encantados'⁶¹, cantando a todo momento, canções como:

Minha cama é de vara
Forrada de cansação
E eu me chamo é Tupinambá
E eu não nego minha nação!

Sultão das matas sabe bem amarrar negro
Sultão das matas sabe bem amarrar
Ele dá um nó e esconde a ponta
Pra ninguém desamarrar

Senhor Oxossi
Senhor caçador
Cadê meu cachorro
Aonde deixou
O meu cachorro é de ouro
É da prata
Ele toma conta da boca da mata!

Sou eu lage grande
Testa de quebrar lajedo
Sou caboclo destemido

⁶⁰ COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos Encantados: Identidade e Religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA*. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008. p. 103

⁶¹ Congá dos Encantados corresponde ao altar - espaço sagrado.

Que de nada tenho medo

Caboclo preto guerreiro

A aldeia está te esperando

Você quer vir, venha logo

Deixa de tá me enganando!

A partir desta canção é perceptível que religiões de matrizes africanas também fazem parte do processo das práticas culturais religiosas em especial de alguns grupos indígenas, como é o caso daquele da Serra do Padeiro em Buerarema-BA. O encantado Tupinambá segundo os nativos era um grande guerreiro da mata, desta forma, a todo momento que se pretende adentrar o capão se faz necessário reverenciá-lo. Mas, o mais importante aqui é perceber a presença de Oxossi⁶² em um dos trechos, o que demonstra uma influência, mesmo que indireta das práticas religiosas africanas nas indígenas que vem do contato que mantiveram desde a colonização portuguesa no Brasil.

Segundo os apontamentos de Patrícia Navarro podemos ainda subentender que vários grupos indígenas incorporam os que a autora chama de *cabloclos/encantados* mas que poucos afirmam ou ao menos reconhecem tal prática:

[...] ouvi relatos de que índios de Olivença (uma região da Bahia), visitando a Serra do Padeiro durante os festejos em louvor a São Sebastião teriam "encaboclado" ou "espiritado". Ou seja teriam incorporado cablocos/encantados. Os índios de Olivença negam veementemente que entre eles haja incorporações de cablocos/encantados pois isto, segundo os mesmos, não seria "coisa de índio", enquanto que na Serra do

⁶² **Oxóssi** s.m. orixá da floresta e da caça, possui como características a alegria e a busca da fartura. Sua missão é caçar e trazer o alimento para casa, daí sua fala de diligente responsável e provedor. *É associado a São Sebastião. Oxóssi é o rei das matas.* SOUSA, Alexandre Melo de. *Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico- semântico do vocabulário umbandístico.* Revista Philologus, ano 13, Nº 39, 2002. (disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/39/05.htm>)

Conferir também:

BRITO, Selma de Sousa Brito. *Diálogos e sincretismos na atualidade: o glorioso São Sebastião visita o Mansu Nangetu durante trezena de Santo Onofre.* Anais dos Simpósios da ABHR. Religião, carisma e poder: As formas da vida religiosa no Brasil, São Luís, UFMA, 2012. vol. 13. (disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/450/361>)

Padeiro isto é claramente aceito e praticado durante o Toré⁶³ e em outros momentos rituais. [...] ⁶⁴

Mas este não seria o único resquício da herança lusitana dentro das práticas dos encantados do novo mundo. No estado do Maranhão é muito recorrente se ouvir falar em culto dos encantados que possui como principal homenageado Dom Sebastião. Não me refiro aqui a São Sebastião santo guerreiro que serviu o exército de Diocleciano no grandioso Império Romano. Refiro-me a Dom Sebastião o rei de Portugal que já teria nascido predestinado a salvar a sucessão da coroa, tendo em vista que todos os outros filhos de Dom João III teriam falecido sem deixarem herdeiros legítimos.

Dom Sebastião teria, segundo a lenda, perecido durante uma Cruzada no norte da África, mas seu corpo nunca fora encontrado. Entretanto, teria ele sido visto por diversas vezes em praias maranhenses, e, partindo-se da lenda de que Dom Sebastião iria retornar para salvar Portugal e suas colônias da exploração espanhola durante a União Ibérica e tantas outras histórias, ele acaba tornado-se um dos encantados cultuados na região como nos mostra os estudos de Rayan Santos Dominici e Valquíria Martins⁶⁵, além dos apontamentos de Mundicarmo Ferreti o que reforça a teoria de que a prática em devoção a São Sebastião e por consequência a Dom Sebastião (já que sua trajetória de vida está intimamente ligada ao Mártir Sebastião) teria iniciado ainda em terras baianas e se recriado pelo país por intermédio das variadas

⁶³ O Toré seria uma dança guerreira, executada apenas por homens vestidos de índio, com os corpos tingidos de urucum, formando um círculo, a cujo centro ficava um velho caboclo, espécie de mestre de cerimônias, o qual tirava a toada. Os outros dançadores repetiam o estribilho e cada vez que faziam isso, batiam com força o pé no chão. (CASCUDO, 1962, Apud COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos Encantados: Identidade e Religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA*. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008. p. 150)

⁶⁴ COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos Encantados: Identidade e Religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA*. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008. p. 140.

⁶⁵ DOMINICI, Ryan Santos; MARTINS, Valquíria. *Dom Sebastião: do mito português a adoração maranhense*. Vol. 13 (2012): Religião, carisma e poder: As formas da vida religiosa no Brasil - 29/05 a 01/06/2012, São Luís, UFMA.

formas de se ver o mundo e interpretar as várias histórias e lendas envolvendo São Sebastião e o rei de Portugal que leva consigo seu nome, Dom Sebastião.

São várias as vertentes de discussão acerca do que seriam os encantados e de como se estabelecem seus cultos e práticas. Mas, se de alguma forma pudéssemos resumi-los diria que os encantados na realidade não são pessoas tão pouco espíritos. Seriam algo que transcende o ser humano mas que não chega a se transforma em um ser de luz (espírito) ou divinizado. Segundo Mundicarmo Ferreti os encantados seriam:

[...] 1) seres *invisíveis* à maioria das pessoas ou algumas vezes visíveis a certo número delas; 2) que *habitam as encantarias* ou "incantes", situados "acima da Terra e abaixo do céu", geralmente em lugares afastados das populações humanas; 3) que tiveram vida terrena e *desaparecem* misteriosamente, "sem morrer", ou que *nunca tiveram matéria*; 4) que *entram em contato* com algumas pessoas em sonhos, fora de lugares públicos (na solidão do mar, da mata, por exemplo) ou durante a realização de rituais mediúnicos em salões de curadores e pajé, barracões de mina, umbanda, terecô (religiões afro-brasileiras) e outros locais onde são chamados. [...]⁶⁶

É neste ponto que Dom Sebastião e até mesmo Oxóssi se destacam. Ambos, segundo algumas vertentes de estudo e/ou lendas a partir de suas trajetórias de vida se aproximam das características acima citadas, além de abeirarem-se das necessidades locais em relação a proteção com destaque ainda a ligação feita com o santo dardejado.

2.3 - O CABOCLO PRETO DAS MATAS

A exemplo do culto aos encantados, ou seja, aos espíritos ancestrais promovido pelos Tupinambá a religião afro também segue o princípio da

⁶⁶ FERRETI, Mundicarmo. Encantados e encantarias no folclore Brasileiro. Anais do VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008. p. 01.

ancestralidade⁶⁷ e de pessoas que segundo seus ideais já habitaram este plano e foram de suma importância para a constituição e manutenção de seus povoados e de suas vidas, aqueles que iremos chamar a partir deste momento de *ancestral divinizado*.

Mas é válido ressaltar que há uma diferença considerável entre o Orixá e o Encantado. Como afirma Alcides Manoel dos Reis dentro dos próprios ancestrais divinizados, cultuados dentro do Candomblé, existem dois lados, dois estilos de ancestralidade. De um lado o *Egúngún* (Egum) e de outro o *Orixá*:

[...] A diferença reside, no primeiro caso, na experiência da morte. O egum, ao contrário do orixá, experimentou a morte e sabe os seus mistérios, por isso a máscara é a sua forma de aparição. Os orixás, por sua vez, foram em vida seres excepcionais, que detinham um poderoso axé⁶⁸ e não morrem simplesmente, fazendo, na verdade, uma passagem da condição mortal de seres humanos para a condição imortal de orixá, que se dá num momento de grande emoção, paixão, cólera ou desespero, no qual a sua parte material desaparece restando apenas o axé em estado de energia pura. [...]⁶⁹

Esta discussão se faz necessária para entendermos como Oxóssi se torna um orixá e qual sua relação com a mata, proteção e, principalmente, com os Tupinambá brasileiros. São inúmeras as lendas envoltas de como Oxóssi

⁶⁷ Ancestralidade, aqui, é empregada como uma categoria analítica e, por isso mesmo, converte-se em conceito-chave para compreender uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura. A referência territorial é o continente africano, por um lado, e o território brasileiro africanizado, por outro. Por isso, o regime de signos é a cultura de matriz africana ressemantizada no Brasil. Cultura, doravante, será o movimento da ancestralidade (plano de imanência articulado ao plano de transcendência) comum a esses territórios de referência. OLIVEIRA, Eduardo. *Epistemologia da Ancestralidade*. Revista de sociopoética e abordagens afins. v. 4 n. 2 março/setembro de 2012. (disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>)

⁶⁸ **Axé:** Força dinâmica das divindades, poder de realização, vitalidade que se individualiza em determinados objetos ou em pessoas iniciadas no candomblé. MORAIS, Mariana Ramos de. *Nas teias do sagrado: registro da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG: Espaço Ampliar, 2010.

⁶⁹ REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000. p. 57.

Conferir também:

SANTOS, Anselmo José da Gama. *Terreiro Makambo: espaço de aprendizagem do legado banto no Brasil*. Brasília: FCP, 2010.

teria se transformado em um orixá, mas aqui, privilegiamos a de que o mesmo era caçador do reino de Ifé, na África.

Dentro desta perspectiva e segundo a cultura africana os caçadores eram os únicos que possuíam armas e tinham também a obrigação de proteger a tribo. Segundo a história de Oxóssi a partir desta vertente o mesmo era inteligente e cauteloso, pois possuía apenas uma flecha não podendo errar por hipótese alguma sua presa, e ele jamais errava. Um dia o reino de Ifé se preparava para uma festividade quando foram atacados por uma ave feroz por nome de Iyá-Mi, uma ave gigantesca que apavorava o reino. Vários caçadores foram chamados, o caçador de 20 flechas, o caçador de 40 flechas e o de 50 flechas, mas nenhum obteve êxito em acabar com a ameaça.

É aí que o caçador de uma única flecha é chamado. Sua mãe faz uma oferenda levando uma galinha com o peito aberto para uma estrada oferecendo-a ao pássaro pedindo para que o peito da ave se abrisse para receber a oferenda. Neste mesmo momento ele se preparava para lançar sua flecha quando o peito do pássaro se abriu para receber a oferenda sendo atingido pela flechada única e certa que matou a ave e deixou o povo completamente feliz e livre da ameaça que os atormentava, consagrando-o como *Òsówusì*, o guardião do povo, conhecido no Brasil como Oxóssi.

Ainda segundo sua história, Oxóssi possuía um irmão de quem era muito próximo e amigo, Ogum. Um dia mesmo alertado por sua mãe Iemanjá dos perigos da mata Ihe pedindo para não ir, Oxóssi se embrenha em meio a floresta em um território desconhecido para além dos limites da aldeia. Exausto Oxóssi encontra Ossaim, o senhor de todas as plantas selvagens, que Ihe oferece uma bebida enfeitiçando-o e tornando-o prisioneiro da mata por um tempo.

Quando o encanto se desfez Oxóssi voltou para casa, mas encontrou sua mãe Iemanjá diferente, pouco acolhedora e intransigente. Oxóssi resolve então voltar pra a mata e viver com Ossaim, que Ihe ensina todos os segredos das plantas e folhas medicinais. Ogum, irmão de Oxóssi desapontado com a atitude da mãe não aceitar seu filho de volta resolve abandoná-la, e ela se acaba em prantos de tal forma a se desfazer em suas próprias lágrimas formando um rio que corre em direção ao mar. (REIS, 2001)

A partir da história de Oxóssi podemos entender um pouco melhor o surgimento de um orixá e de um culto que perduraria até hoje, porém com (res)significações à medida que ao aportar no Brasil sofreu influências e bricolagens a partir da bagagem trazida pela colonização portuguesa.

Mas, a maior modificação ainda estaria por vir. Quando os negros são contrabandeados para o Brasil durante comércio de escravos para a produção açucareira consigo trouxeram também seus valores, sua cultura e sua religião. Desta forma Oxóssi e tantos outros orixás foram difundidos pelo "Novo Mundo", mesmo frente à estratégia lusitana em separar aqueles que descendiam da mesma região.

Por isso com o passar dos anos e o aumento da repressão em relação aos cultos vindos de África os negros passaram a cultuar os santos católicos como se fossem espelhos de seus orixás, como é o caso de Oxóssi ser assemelhado a São Sebastião, ou seja, cultuavam os santos católicos que se aproximassem das características de seus orixás para que, dessa maneira, pudessem continuar a manter seus ritos sem serem punidos por tais atos. É o início do que chamamos hoje de sincretismo⁷⁰ religioso. Neste sentido Berkenbrock nos lembra que:

[...] uma primeira perda houve no relacionamento entre religião e sociedade. As culturas africanas no Brasil não eram mais culturas de uma sociedade como um todo. elas eram agora culturas exclusivas de uma determinada classe social, culturas de um grupo dentro da sociedade brasileira. [...] [...] um grupo subordinado. [...] [...] perdeu-se também a ligação com o grupo étnico. [...] [...] O exercício de cultos de influência africana foram por muito tempo proibidos no Brasil e até hoje são vistos ainda com um certo olhar de desconfiança. [...] [...] Para as gerações trazidas da África, estas lacunas religiosas eram sentidos como dolorosas. [...] [...] As gerações nascidas no

⁷⁰ O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno social complexo: ele se desenvolve desde a chegada dos portugueses ao país, quando diferentes povos começaram a entrar em contato. Ele se deu através do contato intercultural de povos e grupos distintos, numa espécie de contaminação mútua e interdependente. A existência no Brasil de uma multiplicidade de traços culturais e religiosos, num primeiro momento tido como incompatíveis e diversificados, foram com o tempo se transformando numa forma peculiar de prática religiosa: a união de elementos religiosos e culturais diferentes e antagônicos num só elemento. RIBEIRO, Josenilda Oliveira. *Sincretismo religioso no Brasil: uma análise das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo*. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Sociais. (Monografia), 2012. p. 17

Brasil iniciaram um processo de interpretação própria, desencadeando o processo de adaptações. [...] [...] O sincretismo aconteceu de diversas formas: o primeiro entre os cultos e doutrinas africanas. [...] [...] uma segunda é entre tradições africanas e o cristianismo católico. [...] [...] A terceira deu-se com a acolhida de elementos das religiões indígenas nas religiões afro-brasileiras. Uma última composição sincrética é a influência do Espiritismo. [...] [...] Novos arranjos feitos no sentido de simplificar e concentrar a hierarquia levaram a mudança nas formas rituais. [...] ⁷¹

Mas o sincretismo relacionando os orixás e santos católicos não fora o único resultado dessa troca de culturas. O mais representativo foi o surgimento de uma nova vertente religiosa que tem como base as religiões de matrizes afro e que reúne características do cristianismo, de vertentes espíritas de Alan Kardec e das práticas religiosas nativas. Estamos falando da Umbanda, uma religião genuinamente brasileira.

2.4 - ARCO E FLECHA PARA OXOSSI

Segundo Dutra (2011) a Umbanda surge durante um processo de formação da identidade nacional e reúne um leque de manifestações religiosas perpassando pelo catolicismo⁷², pelo Candomblé, por preceitos espíritas de Alan Kardec e pelo Culto dos Encantados - prática religiosa indígena.

Mesmo o candomblé fazendo parte do processo de formação da Umbanda os dois se diferem de forma considerável, principalmente no que se refere à incorporação das entidades⁷³, pois:

⁷¹ BERKENBROK, Valney J. A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997. p. 111 a 115.
Conferir também:

MORAIS, Mariana Ramos de. *Nas teias do sagrado: registros da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG: Espaço Ampliar, 2010.

⁷² Mas neste caso não nos referimos ao catolicismo vertical e dogmático da Igreja Católica Apostólica Romana, e sim de uma nova forma de prática religiosa conhecida como Catolicismo Rústico ou Popular.

⁷³ **Entidade** s.m. espíritos de mortos que descem ao plano material através da incorporação de médiuns. SOUSA, Alexandre Melo de. Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico- semântico do vocabulário umbandístico. Revista Philologus, ano 13, Nº 39, 2002. (disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/39/05.htm>)

[...] Ao contrário do Candomblé, os orixás não se manifestam na Umbanda. Nos terreiros, por meio das incorporações, quem se apresentam são os índios, pretos-velhos, ciganos e crianças. Essas entidades estão distribuídas em sete linhas de vibração (ou falanges) chefiadas por um orixá. Oxóssi, por exemplo, manifesta-se através dos caboclos (índios). [...]⁷⁴

A partir deste fragmento podemos perceber, para além das influências afro-brasileiras, uma participação efetiva dos cultos indígenas no processo de formação e de realizações das práticas dentro da Umbanda o que legitima a riqueza cultural/religiosa presente na mesma.

Levando em consideração o processo de sincretismo religioso devemos ressaltar que as assimilações entre os orixás, caboclos e santos não eram feitas de forma aleatória e sim a partir de afinidades tais como: trajetória e filosofia de vida, ocupação na sociedade e sua representação em relação àqueles que o seguem.

Não se sabe falar com razoabilidade quando os mesmos começaram a ser assemelhados. A única certeza que se tem até o presente momento é que foram anos de trocas, recepções e imposições religiosas que favoreceram tal processo.

Oxóssi, por exemplo, era um caçador (protetor) na África, assim como Tupinambá no Brasil. São Sebastião fora um exímio soldado/guerreiro e sempre lutou para proteger seu povo principalmente os cristãos das perseguições do imperador romano, além de posteriormente ser considerado o intercessor junto a Jesus contra as pestes, aquelas que ocasionam a morte e

⁷⁴ MAGNANI, J. G. C. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1991. p. 33.

Conferir também:

CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2010.

DUTRA, Bruno Rodrigo. *"São muitas Bandas de uma só" - Identidade religiosa da Umbanda - Estudo de caso na casa "O Além dos Orixás": Contagem-MG*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

LOPES, Rodrigo Barbosa. *Olhares sobre a Umbanda: o cultuar de orixás na e pela cidade de Uberlândia*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

que atacam as plantações gerando fome e sofrimento. Ou seja, todos os três possuíam o dever de proteção e de alguma forma estavam ligados à natureza.

Mas essas não seriam as únicas características que os aproximavam. Oxóssi era conhecido como o caçador de uma única flecha, Tupinambá por ser indígena e viver da caça e da pesca tinha como ferramenta/arma, a exemplo de Oxóssi, um arco e flecha, já São Sebastião teve a flecha como representação de seu martírio mesmo as pessoas julgando erroneamente que foram as flechadas que ceifaram sua vida. Sua imagem na Umbanda não poderia, então ser diferente.

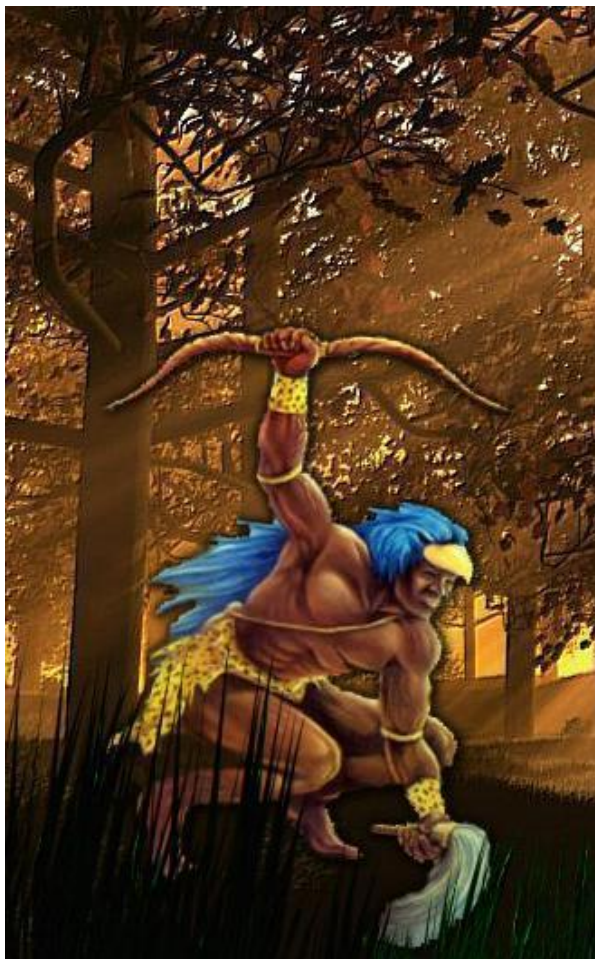


Imagem: Oxóssi

Autor: Desconhecido

Fonte: <http://zaradaestrela.blogspot.com.br/2012/01/salve-oxossi.html>

Na imagem acima percebe-se as penugens, em especial aquelas que representam a arara azul, e a flecha, que nos remete aos indígenas e/ou caboclos; já o negro envolto em um couro de animal nos leva ao caçador e/ou guerreiro africano em uma posição de combate todas elas características de Oxossi. E, o conjunto nos leva à São Sebastião guerreiro e protetor, o santo flechado.

E, apesar de esta manifestação religiosa/cultural ser nacional e possuir influências de diversos segmentos religiosos, acaba se mantendo na marginalidade⁷⁵ conhecida por ser uma religião de pobres, negros e excluídos da sociedade onde grande parte dos terreiros, ainda hoje, se mantêm em áreas periféricas e vários de seus adeptos não têm coragem de se afirmar como pertencentes aos terreiros, como umbandistas, fora de seus muros, pelo receio constante de discriminação por parte de uma sociedade completamente preconceituosa.

⁷⁵ No caso apresentado, uma religião marginal representa estar às margens das religiões institucionalizadas, além de serem recriminadas pela sociedade criada a partir de preceitos cristãos e discriminatórios.

IBCC
CNFL

S. Sebastião-Oxossi os dois cultos paralelos da cidade

O culto ao santo mártir do catolicismo, São Sebastião, foi introduzido no Rio de Janeiro pelos portugueses comandados de Estácio de Sá, que aportaram na Guanabara em 1565, com a missão de expulsar os franceses radicados entre os Tamoios.

Cumprida a missão, os lusitanos abandonaram o arraial que haviam fundado, entre o Morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, e fundaram nova vila (entre os montes do Castelo e São Bento), dedicada ao santo mártir.

A CONVERSÃO

Vencidos os tamoios, veio bônus os negros de converterem longo período de paz, aproveitando-se os ritos de sua religião. Os escravos valeram-se dos ensinamentos católicos, equiparando santos aos seus deuses. Os jesuítas, para facilitar-lhes a compreensão dos mistérios cristãos, comparavam os santos aos seus ídolos. E os nativos logo absorveram os ensinamentos. Mas verificado o sincretismo, o divórcio das duas crenças se foi tornando difícil. Mais tarde, com a vinda de escravos africanos, impossível.

RECURSO

Do mesmo processo de conversão usaram os jesuítas para com os escravos africanos. Santos católicos atribuíam as mesmas virtudes aos deuses da liturgia africana, não em sua terra de origem, mas em sua terra de destino.

DE MANHÃ: IGREJA; DE NOITE, TERREIRO

Essa adoração ambígua se verifica até hoje no Rio de Janeiro. Nos dias consagrados a São Sebastião, São Jorge, São Cosme e Damião, o povo invade as igrejas que lhes são dedicadas, pela manhã, e, à noite, comemoram-nas nos seus terreiros de Umbanda e Quimbanda.

S. Sebastião-Oxossi: os dois cultos paralelos da cidade /
Diário Carioca 20/01/1964.
Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Geral - santos.
Documento 70.

O arquivo acima faz uma introdução de como São Sebastião é apresentado pelos portugueses e como se consolida após as batalhas contra os franceses, até o batismo da região em que o confronto ocorrera com seu nome. Tal artigo ainda faz menção ao sincretismo aludindo que "seria difícil

haver o divórcio entre as culturas" (aqui a lusitana e indígena) e posteriormente "impossível" com a chegada dos africanos em terras brasileiras (agora o hibridismo cultural e religioso começa a tomar corpo).

De maneira geral o fragmento deste documento reforça a presença de uma prática que, mesmo marginalizada, existe e se faz presente de forma marcante em algumas regiões do país (apesar do documento remeter diretamente ao Rio de Janeiro, o mesmo processo estaria ocorrendo no nordeste brasileiro, em especial na Bahia), posteriormente por todo território nacional.

As práticas da Umbanda que homenageiam São Sebastião se aproximam muito das práticas cristãs da mesma forma que usa e abusa da bricolagem de religiões. Com a oração do "Pai Nosso" os trabalhos começam e encerram. Durante a procissão, inusitada para leigos e/ou visitantes que nunca haviam presenciado tal culto, os integrantes cantam, dançam e louvam a São Sebastião.

A fumaça do defumador e a filha⁷⁶ de Oxóssi abrem o caminho em uma procissão que não possui curvas fechadas. Ou seja, durante a caminhada o que se forma é um grande círculo no quarteirão em que o "centro de realização dos cultos da Umbanda" se encontra alocado em um movimento como se estivesse protegendo aquele espaço de todos os males. Iluminados pelas luzes das velas e no ritmo da batida dos atabaques entoam pontos cantados como:

CANÇÃO I:

TODOS OS CABLOCOS PARARAM
PARA VER A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO
TODOS OS CABLOCOS PARARAM
PARA VER A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO

O QUE? O QUE CABLOCO?
É A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO
O QUE? O QUE CABLOCO?
É A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO

⁷⁶ O orixá que é atribuído a cada médium, dos que são cultuados na Umbanda, são definidos, na maioria dos casos, por meio do signo de nascimento e/ou pela data de nascimento. Ex.: Segunda-feira (Omolu), Terça-feira (Ogum), Quarta-feira (Xangô), Quinta-feira (Oxossi), Sexta-feira (Oxalá), Sábado (Iemanjá), Domingo (Nanã).

CANÇÃO II:

QUEM MANDA NA MATA É OXÓSSI...
OXÓSSI É CAÇADOR... OXÓSSI É CAÇADOR...
EU VI MEU PAI ASSUVIAR
E EU MANDEI CHAMAR...
É NA ARUANDA AUÊ!
É NA ARUANDA AUÁ!
SEU OXÓSSI DE UMBANDA
É NA ARUANDA AUÊ!

EU CORRI MAR... EU CORRI TERRA...
ATÉ QUE EU CHEGUEI LÁ NO MEU PAÍS!
SALVE OXÓSSI DAS MATAS
QUE AS FOLHAS DA MANGUEIRA AINDA NÃO CAIU!

EU VI CHOVER, EU VI RELAMPEJAR
MAS MESMO ASSIM O CÉU ESTAVA AZUL!
FIRMA SEU PONTO NA FOLHA DA JUREMA
QUE OXÓSSI É BAMBA NO MARACATU!

A MATA ESTAVA ESCURA...
UM ANJO A ILUMINOU!
NO CENTRO DA MATA VIRGEM
SEU OXÓSSI ANUNCIOU:
MAS ELE É O REI, ELE É O REI, ELE É O REI!
SEU OXÓSSI, NA ARUANDA, ELE É O REI!

OXÓSSI É REI NO CÉU!
OXÓSSI É REI NA TERRA!
ELE NÃO DESCE DO CÉU SEM COROA
E SEM A SUA MISSÃO CÁ DE TERRA!

OXÓSSI MORA NO TRONCO DA AMENDOEIRA!
OGUM MORA NA LUA
E XANGÔ LÁ NA PEDREIRA!

VIVA OXÓSSI Ê!
MEU SÃO SEBASTIÃO!
OXÓSSI É CABOCLO MORADOR LÁ DO SERTÃO!
VIVA OXÓSSI, VIVA SÃO SEBASTIÃO!
VIVA TODOS OS CABOCLOS MORADOR LÁ DO SERTÃO!

EM FORMA, EM FORMA!
EM FORMA OXÓSSI SETE ONDAS!
NO RECINTO DE UMBANDA
ELE É DE LEI!
VIVA OXÓSSI! ELE É DE LEI!
SETE ONDAS RELUZIU
QUANDO OXÓSSI SURTIU!

O SEU OXÓSSI MORA LÁ NAS MATAS ONDE PIA COBRA!
LÁ NO JUREMÁ!
SEU CAPACETE É DE PENAS DE EMA!

ELE É OXÓSSI, CAPANGUEIRO DA JUREMA!

QUEM MANDA NA MATA É OXÓSSI!
OXÓSSI É CAÇADOR! OXÓSSI É CAÇADOR!

OKÊ BAMBOCRIM!
ESSE MUNDO É DE OXALÁ!
VIVA OXÓSSI NA ARUANDA AUÁ!

OXÓSSI É CASSUTÉ DE UMBANDA!
É NA ARUANDA!
É NA ARUANDA AUÊ!

ATIRA, ATIRA, EU VAI ATIRAR!
NO REI BAMBÁ EU VI ATIRAR!
VEADO NO MATO É CORREDOR!
OXÓSSI NA MATA É CAÇADOR!

É ZAMBI QUEM GOVERNA O MUNDO!
É ZAMBI QUEM VEM GOVERNAR!
É ZAMBI QUE GOVERNA A ESTRELA
QUE CLAREIA OXÓSSI LÁ NO JUREMÁ!
OKÊ! OKÊ! OKÊ! (2X)
OKÊ, MEUS CABOCLOS, OKÊ!

Ó VIVA SÃO SEBASTIÃO!
NOS CAMINHOS QUE PASSOU
SALVAR FILHOS DE UMBANDA
JESUS CRISTO É QUEM MANDOU!
Ó VIVA SÃO SEBASTIÃO!

XANGÔ NA PEDREIRA BRADOU!
OGUM LÁ NA LUA CONFIRMOU, Ô JUREMA!
OXÓSSI NA MATA É CAÇADOR!

OH, ELE É CAPITÃO NA MARAMBAIA! (3X)
OH, ELE É SEU OXÓSSI NA URUCAIA!

CABOCLO ROXO, DA COR MORENA...
ELE É SEU CASSUTÉ
CAPANGUEIRO DA JUREMA!
ELE JUROU, ELE JURAVA
PELOS CONSELHOS QUE A JUREMA LHE DAVA!

E O VEADO FUGIU...
E OXÓSSI CHEGOU NA BAHIA!
SEGURA O PONTO, MAMÃE SEREIA!
OH, GANGA!

OXÓSSI NÃO HÁ TATÁ NUAROU Ô!
É BABA É BAREBOU!
OXÓSSI, VOSSOS FILHOS ELE SALVOU!
É BABA É BAREBOU!

OXÓSSI OXÓSSI, ELE É O REI DAS MATAS!

OXÓSSI MORA NA RAIZ DA BANANEIRA!
OXÓSSI VEM ABENÇOAR NOSSA TERREIRA!

EU JÁ CANSEI DE PEDIR SENHOR OXÓSSI
UMA CHOUPANA PARA MIM PODER MORAR
ELE ME DISSE COM FIRMEZA,
PRECISA ORDEM DE NOSSO PAI OXALÁ.

CABOCLO DA MATA VIRGEM,
DA MATA CERRADA LÁ NA JUREMÁ
QUEM MANDA NA MATA É OXÓSSI
QUEM MANDA NO CÉU É OXALÁ!
OKÊ CABOCLO, QUERO VER GIRAR
QUERO VER CABOCLO DE UMBANDA ARRIAR!

NAQUELA ESTRADA DE AREIA,
AONDE A LUA CLARIOU
ONDE OS CABOCLOS PARARAM
PARA VER A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO
OKÊ, OKÊ CABOCLO
MEU PAI OXÓSSI É SÃO SEBASTIÃO.

OXÓSSI VEM...
VEM CHEGANDO DE ARUANDA!
OXÓSSI VEM...
VEM SALVAR FILHOS DE UMBANDA!

ESTAVA NA MINHA PRAIA
VI A SEREIA CANTANDO
AS ONDAS DO MAR CHORANDO...
YEMANJÁ, YEMANJÁ!
SOU BEIRA-MAR, BEIRA-MAR!
DEIXA A SEREIA CANTAR...
NÃO DEIXA AS ONDAS CHORAR!

OXÓSSI ASSOBIOU
LÁ NO HUMAITÁ!
OGUM VENCEU DEMANDAS
COMPANHEIRO DE OXALÁ!

O VENTO NA MATA ZUNIU...
FOLHA SECA BALANÇOU!
SARAVÁ OXÓSSI, NOSSA BANDA SARAVÁ!
ELE VEM COM DEUS NOSSO SENHOR!

OXÓSSI ASSOVIU NA MATA...
OGUM BRADOU NO HUMAITÁ!
FILHOS DE UMBANDA LOUVARAM:
SARAVÁ, OXÓSSI, SARAVÁ!

FEZ BARULHO NA CACHOEIRA
SOBRE A PEDRA ELA ROLOU!
COM SUA FLECHA CERTEIRA
É OXÓSSI QUE CHEGOU!

OXÓSSI QUANDO VEM LÁ DE ARUANDA
TRAZENDO FORÇAS PRA SEUS FILHOS DE UMBANDA
ELE É CABOCLO, ELE É FLECHEIRO ATIRADOR!
NA ARUANDA TODO OXÓSSI É CAÇADOR!

OXÓSSI MORA NA LUA
SÓ VEM AO MUNDO PARA CLAREAR!
QUERIA VER UM OXÓSSI
PARA COM ELE EU FALAR!

OXÓSSI Ê Ê
OXÓSSI Ê Â
OXÓSSI E REI DAS MATAS
ONDE CANTA O SABIÁ!
EU VOU PEDIR LICENCA PARA OXÓSSI
PARA SARAVAR NAS MATAS DA JUREMA!
SARAVÁ PAI XANGÔ LÁ NA PEDREIRA
FIRMA SEU PONTO MÃE OXUM NA CACHOEIRA!

Ao retornar para o centro de umbanda, antes de adentrarem, uma pausa para orações e pedidos. E, já dentro do espaço, mais danças e homenagens a São Sebastião e Oxóssi ao som dos atabaques e pontos cantados (como os já citados acima). Praticamente no fim da prática festiva integrantes do "centro" entregam aos visitantes alimentos que estiveram desde o início compondo o interior do altar, alimentos estes abençoados por São Sebastião e protegidos por Oxossi. E neste momento os presentes acreditam não apenas alimentar o corpo como também a alma afastando de si todos os males.

2.5 - AGORA O BRASIL CONHECE SÃO SEBASTIÃO:

Ao trazer a história e imagem de São Sebastião para o "Novo Mundo" os lusos nos apresentaram um mortal que parecia se importar com os anseios e problemas da população. Um mártir que, de certa maneira, se tornava próximo do povo. O fato é que a imagem do mártir se difundiu Brasil adentro auxiliado pelas inúmeras práticas culturais/festivas/religiosas afro-brasileiras⁷⁷ e indígenas, que obtiveram um papel importante neste processo.

⁷⁷ Percebo aqui cultura afro-brasileira como sendo uma hibridização cultural e religiosa envolvendo práticas africanas e brasileiras. Em grande parte dos momentos é notável

Algo a ser considerado neste momento é que os brasileiros, aqui me referindo desde a formação do país, apesar de constituírem o maior número de católicos do mundo sempre se diferenciaram em relação a sua formação cristã. O Brasil é um país continental e isto influenciou diretamente na (re)criação e (re)adaptação de culturas e práticas religiosas.

Tal influência seria tão forte que uma das cidades brasileiras até mesmo receberia o nome do Santo São Sebastião do Rio de Janeiro local em que a devoção ao mártir foi oficializada, sem esquecermos dos mais variados e distantes vilarejos e povoados que já tinham o santo flechado como principal intercessor e protetor contra a peste, a fome e a guerra.

Em grande parte dos momentos sempre ligamos São Sebastião às pestilências que uma sociedade por ventura esteja enfrentando, mas esquecemo-nos que o mesmo é um santo guerreiro e aqui em terras brasileiras, ele seria constantemente invocado para ajudar a proteger as colônias de invasões estrangeiras, sendo a mais conhecida, a incursão francesa e o aparecimento da imagem do mártir no momento do conflito o que teria ajudado os colonos e a guarda real a expulsar os invasores.

[...] Enquanto os índios e portugueses com sua natural bravura, combatem sem medida, sem disciplina, alguém caindo de joelhos e de mãos postas, à detonação de uma roqueira que dispara e incendeia um punhado de pólvora, exclama: " - Valha-me o mártir São Sebastião! [...] [...] Os tamoios, amedrontados, desertam com as suas canoas, deixando algumas aprisionadas e alguns cativos. [...] [...] Depois deste ataque, os guerreiros vitoriosos, adornados de flores e no meio de hinos de festa, dirigiram-se ao templo, a render graças a S. Sebastião [...] [...] É da lenda que os aliados dos franceses (Tamoios)⁷⁸, recordando-se daquela hora fatal, perguntavam aos portugueses: "- Quem era aquele gentil-homem que andava armado durante o conflito, e saltando em vossas canoas?" Ao que eles respondiam, na convicção inabalável de

que, apesar das influências e uma e de outra, cria-se e (re)cria-se algo novo. É uma cultura que se reinventa e se perpetua no território brasileiro.

⁷⁸ Mesmo com a tática de aproximação e discurso de paz por parte dos portugueses aos nativos e guerreiros que dominavam a costa brasileira, com a real intenção de evitar a entrada dos hereges protestantes nestas terras, os Tamoios acabam se aliando aos franceses, fazendo parte mais tarde de um episódio que iria marcar a história da cidade do Rio de Janeiro.

suas crenças: "- O gentil-homem que vistes, era S. Sebastião, o nosso padroeiro." [...]⁷⁹

[...] Na batalha final contra os franceses que ocupavam a Guanabara, "a crença, segundo a tradição corrente entre os tamoiros e assinalada por alguns dos nossos cronistas, entre os quais Melo Moraes pai, diz que o próprio santo protetor da cidade foi visto de envolta com os portugueses, mamelucos e índios, batendo-se contra os calvinistas." [...] [...] E o dia da luta coincidiu com a festa de São Sebastião, 20 de janeiro de 1567. [...]⁸⁰

Sendo ou não aquele *gentil-homem* São Sebastião, o fato é que as lendas criadas em torno desta batalha, e a assimilação de um dos guerreiros como sendo o próprio mártir, avançaram os anos reforçando ainda mais a presença e a imagem do santo dardejado em terras brasileiras, principalmente entre os indígenas e colonos portugueses.

É possível, de certa forma, afirmar neste momento que a vinda da relíquia do Velho Mundo para o "Novo Mundo" tinha como principal objetivo auxiliar nas disputas religiosas entre católicos e protestantes representados aqui por portugueses e franceses. No momento em que o reino Francês inicia suas incursões nas colônias portuguesas com a intenção de explorar a região, a coroa portuguesa em conjunto com a Igreja Católica representada pelos jesuítas iniciam um processo que podemos chamar de propagação e (re)afirmação das práticas católicas, de forma a tentar combater possíveis influências protestantes, pois "*o juízo geral dos jesuítas quanto aos franceses era o de que os "invasores" heréticos não só feriam o que consideravam de sua posse por direito como vinham principalmente com a intenção de afastar os indígenas do caminho da salvação*" (CARDOSO, 2010, p. 41)⁸¹. Agora as disputas políticas, econômicas e religiosas se tornam evidentes e a presença da relíquia reforça os laços de fé e devoção ao santo flechado.

⁷⁹ MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p.144.

⁸⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6. ed. - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988. p. 702.

⁸¹ CARDOSO, Vinícius Miranda. *Emblema Sagitado: Os Jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, Séculos XVI-XVII*. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História, na Área de Concentração em Estado, Cultura Política e Ideias. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2010.

A partir disto, oficialmente a devoção a São Sebastião parte do Rio de Janeiro para o restante do país, apesar de que as memórias e práticas dos subalternos (índios e negros) diz o contrário que desde a chegada dos portugueses e seu primeiro contato com os indígenas o santo já teria se propagado em meio às práticas culturais religiosas locais, se intensificando com a chegada dos negros para as lavouras de açúcar e a hibridização cultural religiosa como meio de resistência negra à imposição dos preceitos cristãos. Como tais trabalhadores foram dispersos por todo território este também poderia ter sido um caminho para a ramificação e enraizamento do culto a São Sebastião.



Mapa do período colonial.

Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/04/10-fatos-que-marcaram-o-brasil-colonial.html>

Adaptação: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

O mapa acima demonstra uma possível vertente de ramificação da devoção ao santo da chegada dos portugueses às disputas e à presença da

reliquia no Rio de Janeiro levando em consideração as práticas festivas no interior do Brasil. Já a imagem a seguir intitulada "Os caminhos da fé" traz um mapeamento sobre a devoção por região, mas percebe-se que no mesmo, São Sebastião só aparece em destaque em duas localidades, Rio de Janeiro e Acre. A partir dele, poderia subentender-se que não haveria manifestações em louvor ao santo flechado ou que seriam insignificantes perante a outros santos da Igreja Católica. Mas qual seria o método utilizado para confecção de tal mapa? Seria a partir das informações oficiais do clero?

O fato é que o mesmo se torna obsoleto e se contradiz com as inúmeras práticas festivas populares em relação ao santo. Seria então uma forma de controlar tais práticas e devoções?

Os Caminhos da Fé



Os Caminhos da Fé / Jornal do Brasil 10/09/2000.
 Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq Pasta: Geral - festas religiosas. Documento 137.

Já observamos, no decorrer do trabalho, que o Mártir São Sebastião se torna figura marcante e presente nas famílias brasileiras principalmente por sua ligação com a economia familiar. Sendo assim, não há uma única hipótese de ramificação das práticas em sua devoção e, contradizendo o mapa acima, o mesmo embrenha pelo interior brasileiro e mesmo não sendo considerado o santo oficial de algumas regiões, as práticas festivas em louvor ao mártir se tornam marcantes e em alguns momentos superando as festas em louvor aos santos padroeiros.

O que quero dizer aqui é que mesmo à margem do que a Igreja Católica e o mapeamento acima feito indica as práticas culturais religiosas em que trazem São Sebastião como protagonista da fé são extremamente difundidas, variando em relação ao lugar e ao público no qual se encontram inseridas.

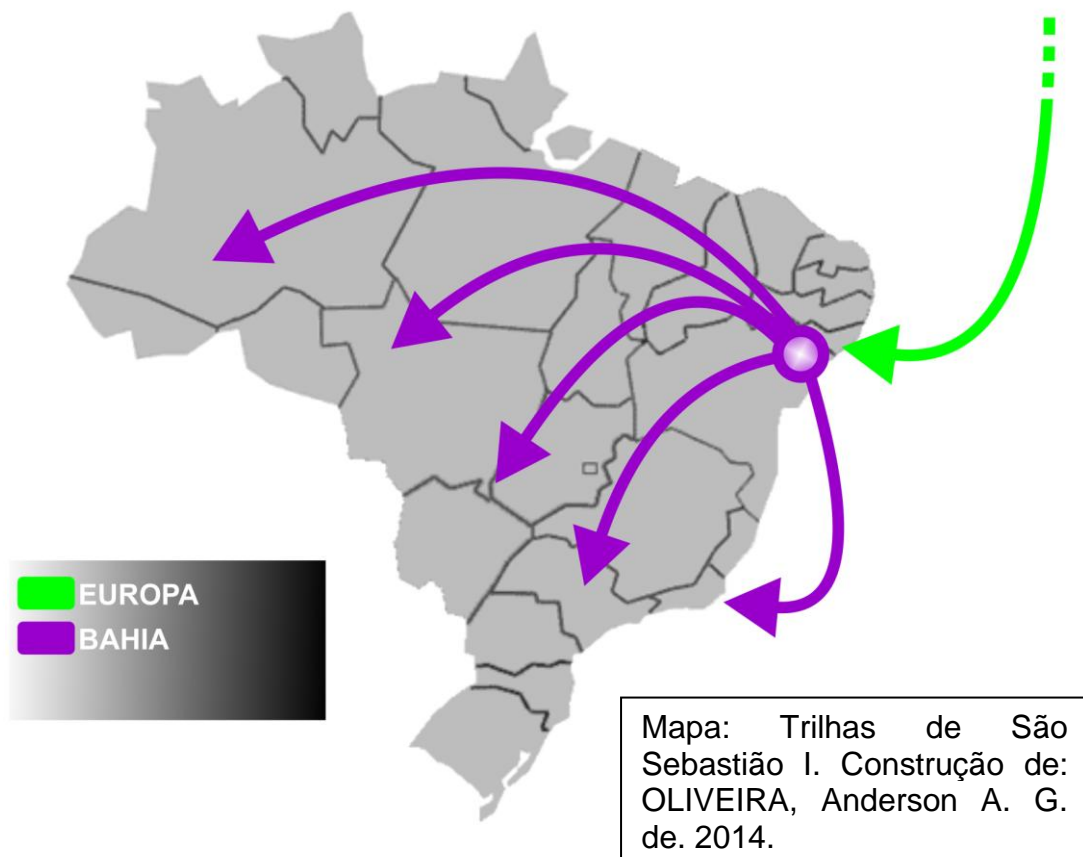
Por muitos anos o Rio de Janeiro fora o centro administrativo religioso do país, ou seja, todos os assuntos relacionados às igrejas e ao clérigo espalhados pelo território deviam obediência a ele como se o Rio fosse a matriz da Fé. Além do que, no momento em que a Igreja Católica observa uma crescente ascensão nas práticas festivas culturais religiosas, há uma série de tentativas de se controlar e organizar as mesmas. Seria o mapa acima uma forma de controle⁸² baseado apenas em registros oficiais?

⁸² 33. Nossa noção de “romanização” do catolicismo brasileiro inspirou-se na sugestiva análise da religião no Brasil, escrita por Roger Bastide, “Religion and the Church in Brazil”, in T. Lynn Smith and Alexander Marchant (eds.), *Brazil, Portrait of Half a Continent* (Nova York, 1951), pp. 334-355. Para Bastide, o conceito de “romanização” (embora use a expressão “igreja romanizada”) consiste em: 1) a afirmação de uma autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica (episcopal), estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo folk; 2) o levante reformista, em meados do século XIX, por parte dos bispos, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; 3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus) principalmente ordens e das congregações missionárias, para realizar “a transição do catolicismo tradicional e colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral” (341); 4) a busca destes objetivos, independentemente ou mesmo contra os interesses políticos locais. A essas dimensões do processo de “romanização”, importa acrescentar um quinto item: 5) a integração sistemática da Igreja brasileira, no plano quer institucional quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica Romana, dirigida de Roma. Sinais deste último processo são abundantes, tais como o estabelecimento do Colégio Sul Americano ou Colégio Pio Latino-americano, em 1858, onde 26 arcebispos e bispos latino-americanos tinham sido formados, até 1922, e de onde saiu diplomado em teologia o primeiro cardeal da América Latina, Dom Joaquim Arcoverde do Brasil (1906); a crescente participação do clero e do laicato brasileiros nas peregrinações do Ano Santo, a Roma; a convocação em Roma, em 1899, do primeiro sínodo de bispos da América Latina, sob os auspícios do Papa. Julgamos que

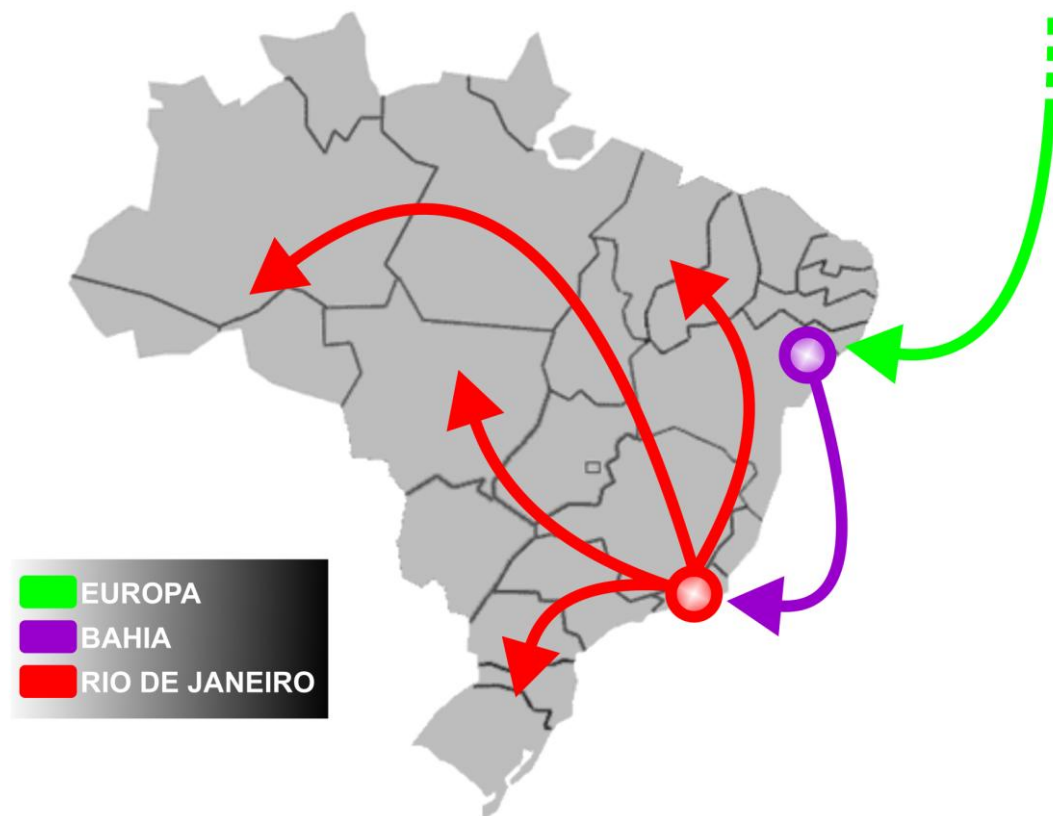
O fato é que não há uma forma de demonstrar com clareza o caminho feito pela devoção ao santo flechado, são apenas hipóteses levantadas valendo-se de apontamentos que nos levam a um campo de possibilidades. Portanto não são afirmações mas prováveis caminhos que levaram várias regiões do país a conhecer São Sebastião.

Seguindo a lógica de colonização do Brasil seria mais que plausível determinar que a devoção ao santo chega como primeira parada portuguesa no "Novo Mundo" em terras baianas e repassadas para os indígenas daquele lugar, os Tupinambás. Não queremos aqui afirmar que é a partir da Bahia que surgem as práticas festivas em devoção ao santo, mas devemos levar em consideração que é uma vertente que nos leva a pensar que dali a imagem e algumas práticas de devoção ao mártir tenham se espalhado para o restante do Brasil inclusive para o Goyás como bem demonstra o mapa a seguir:

este último processo torna mais clara a observação perceptiva de Bastide: “Ao se tornar romanizada, a Igreja (brasileira) desnacionalizou-se” (p. 343). Importa observar, entretanto, que a revitalização da Igreja brasileira não se deu no vácuo. Na Europa, a reforma da Igreja e do clero e a ênfase acentuada na santidade pessoal e nas devoções sobrenaturais (a do Sagrado Coração de Jesus, por exemplo) estavam em pleno vigor durante o Papado de Pio IX: para o plano europeu, ver o excelente estudo de Paul Droulers, S.J., “Roman Catholicism” in Guy Métraux e François Crouzet (eds.), *The Nineteenth-Century World* (Nova York, 1963), p. 282-315, esp. p. 306-307. Apud.: AQUINO, Maurício de. O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação (*The concept of Romanization of Brazilian Catholicism and the historical approach of the Liberation Theology*) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n32p1485. HORIZONTE, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1485-1505, dez. 2013. ISSN 2175-5841. (disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n32p1485/5849>)



Mas se levarmos em consideração que a colonização de fato se consolida no Brasil anos mais tarde, e que desse processo o Rio de Janeiro começa a ganhar destaque por ser alvo constante de tentativas de invasão por outras nações imperialistas e/ou exploratórias, além da relevante penetração das bandeiras na expansão do território que até então era limitado pelo Tratado de Tordesilhas, poderíamos também, como demonstra o próximo mapa, ver o Rio de Janeiro como o propulsor das práticas festivas religiosas tendo como principal homenageado São Sebastião. Até porque, o Rio de Janeiro torna-se por muitos anos a referência e uma das cidades mais importantes do país, capital, abrigando o centro administrativo, político e religioso do país, levando todos os estados a relacionarem com essa metrópole.



Mapa: Trilhas de São Sebastião II. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

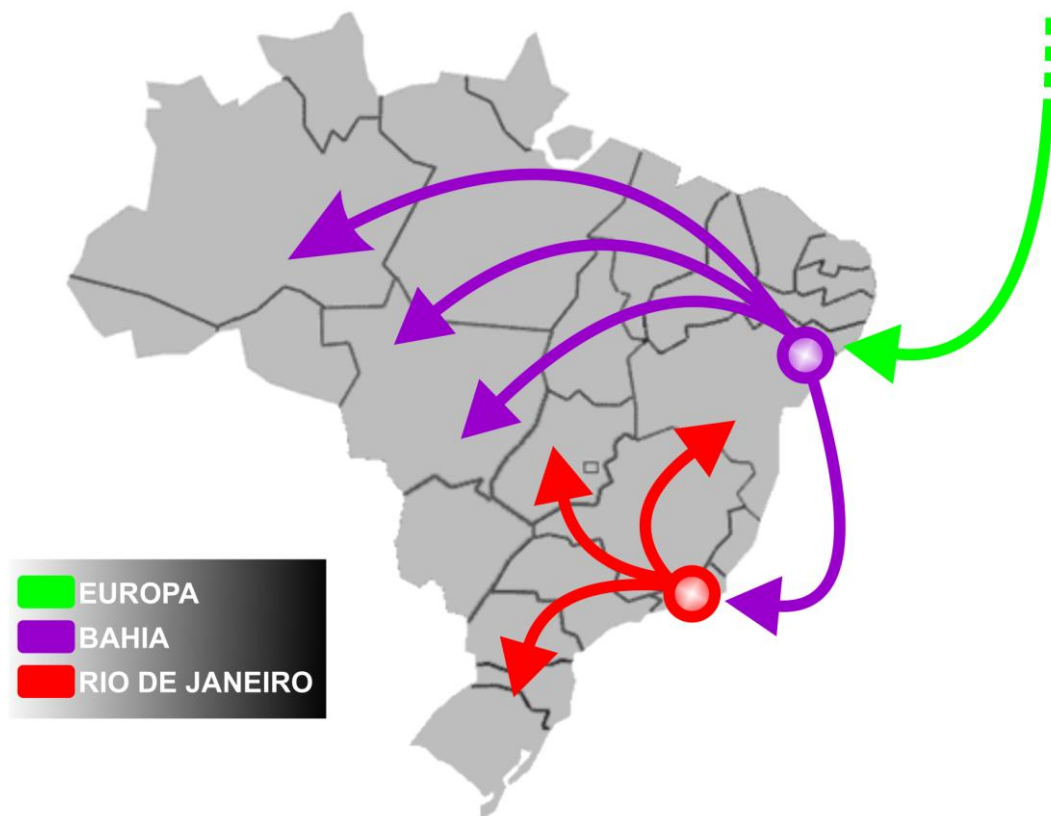
Indo mais distante em nossos pensamentos ambas as hipóteses poderiam muito bem coexistir em um sistema de migração lógica da devoção ao santo, seja a partir da Bahia, onde os portugueses abarcaram pela primeira vez trazendo com eles toda bagagem cultural e religiosa (sem aqui entrar em detalhes como essa forma foi imposta por uma classe dominante), como também levando-se em consideração toda a importância do Rio de Janeiro durante o seu período de dominação política, e também as Bandeiras, que levaram à expansão do território por interesses basicamente econômicos.

Todos esses vestígios poderiam estar dentro desse processo de um caminho trilhado pela imagem de São Sebastião, e/ou ao menos dos grandes mitos vinculados ao seu nome em relação às pestilências e principalmente em relação à agricultura familiar. Se pensarmos, é claro pela lógica de Augusto Saint-Hilaire em relação ao surgimento do caipira, as análises de Antônio

Cândido, em Parceiros do Rio Bonito, os primeiros formatos de Villas próximo ao que chamamos de interioranas simples, mas ao mesmo tempo complexas e intrigantes.

Ou seja, todas as teorias e "caminhos da fé" em relação ao santo Sebastião, poderiam por que não, dialogar a partir dos muitos rastros da logística da expansão do território como nos demonstra o mapa a seguir. Pois, segundo essa hipótese, o santo passa a ser conhecido de forma lenta, mas gradual a partir dos viajantes e do próprio sistema que levaria a uma abertura das fronteiras do desconhecido e delinearía aquilo que conhecemos hoje enquanto Brasil. Isso explicaria, por exemplo, como São Sebastião estaria em destaque em duas regiões do mapa os *caminhos da fé* logo acima citado, mas o que reforça a crítica ao mesmo em não levar em consideração as práticas religiosas populares, que encontram-se à margem das oficiais o que o restringe das demais áreas do mapa.

A representação cartográfica abaixo tenta demonstrar, portanto, um possível roteiro que fosse plausível dentro do sentido natural, e porque não geográfico, da logística de expansão do território e de mobilidade a partir de aproximações culturais entre estados, províncias e villas.



Mapa: Trilhas de São Sebastião III. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

No entanto, independentemente do caminho em que tenha percorrido a devoção e a adoração ao santo flechado, o fato é que o mesmo obteve em terras brasileiras uma receptividade incrível em qualquer lugar em que fora apresentado, principalmente por sua aproximação do real e das necessidades humanas, o que o torna ainda mais próximo dos devotos, como se não estivessem em patamares tão distantes, ou seja, como se o mártir fosse um membro, uma parte constante e importante para a manutenção das comunidades por onde passou e ficou.

2.6 - O SERTÃO GOIANO E A DEVOÇÃO AO SANTO FLECHADO

Por vários motivos e caminhos desconhecidos ou pressupostos a devoção a São Sebastião chega ao interior goiano, mas são dois fatores que nos chamam atenção e se tornam principais propulsores das práticas festivas religiosas em sua devoção.

O primeiro refere-se às grandes guerras. Segundo a memória popular e a fala de inúmeros moradores da região durante os grandes conflitos mundiais, em especial a Segunda Grande Guerra, quando o Brasil teve um papel mais efetivo, inúmeras famílias pelo país, principalmente no sudeste goiano, se apegaram ao santo flechado por ser considerado um santo guerreiro. Já a segunda possibilidade nos remete à agricultura familiar em que se inseriam, pois o mártir considerado protetor contra as pestilências e manutenção das plantações e animais, seria o que manteria a comida na mesa, tendo em vista que o pouco que lhes sobrava viraria moeda de troca para produtos que não poderiam ser produzidos nas pequenas propriedades como o sal (para a comida e para o gado na época de seca) e o querosene (para as lamparinas).

De um modo ou de outro ambas as possibilidades acabam se mesclando e perpetuando-se no decorrer dos anos. Em algumas regiões o santo flechado tornara-se padroeiro e santo de destaque na devoção popular. As comemorações em louvor a São Sebastião na região da Anta Gorda, município de Catalão-GO, por exemplo, iniciara após a senhora Albina uma antiga moradora da comunidade doar um pequeno pedaço de terra a São Sebastião para que, dessa forma, protegesse sua família dos temores da guerra (pela fala de outros moradores detectamos que a época referida diz respeito à Segunda Guerra Mundial). Bem como relata Diogo:

[...] Meu avô, o tio Pedrinho e o tio Zé... a Segunda Guerra Mundial... foram convocados pra ir, né? Já tinham servido o exército um tempo... aí eles já tava, acho que em Brasília ou é em São Paulo pra poder embarcar pra ir, aí meu bisavô, minha vó, minha bisavó, todo mundo, né? chorando demais... parece que o tio Zé, um dos irmãos, dos três irmãos, tava tipo assim... ia casar... tava tudo arrumado pra casar e tal, se preparando, fazendo os doce pra festa de casamento! É... todo mundo com medo demais, né? "- Ah! eles não volta vivo", e tal e aquela

coisa... tinha muito tempo que tinha servido (o exército) não tinha experiência com... como se diz, nunca tinha matado ninguém, né? nunca tinha... aí fez a promessa... pediu a São Sebastião que desse uma... aplacasse lá a guerra e não precisasse, não fosse preciso deles ir... dos filhos deles ir pra servir, que ele ia fazer uma igreja pra São Sebastião e ia fazer a novena todo ano... [...] [...] Eles tava lá, né? pra embarcar e voltou pra trás... hora que chegou na contagem... chegou pertim deles, eles foram dispensados... [...] [...] É porque São Sebastião ele intercede contra a guerra, né? Cê vê que eu canto: "- Livra nós da peste e da guerra... Livra nós da peste e da guerra..." E por ele ter sido soldado também, né? guerreiro... [...] [...] Aí eles chegaram... Quando eles tavam achando que eles já tinha, como se diz, ido embora... passou uns dia... aí acho que começaram uma novena na roça, antes deles terminar a novena de São Sebastião eles chegaram, aí foi... tem a devoção... na família toda tem a devoção a São Sebastião... minhas tias, os mais velhos, todo mundo conta essa história... [...] (*Entrevista realizada com Diogo Gonçalves Rezende*⁸³ em Catalão-GO, Janeiro de 2013)

Enfrentava-se um período muito difícil em nível mundial e, sobretudo, os mais católicos estreitaram os laços com São Sebastião por ser ele o protetor dos moradores do campo, dos animais, responsável também pela proteção contra pestes e outros males como já dito. Diante de tanta devoção o santo foi eleito o padroeiro da comunidade Anta Gorda. Segundo as falas dos moradores da região o primeiro local em que as pessoas se reuniam para as rezas, logo após a doação do terreno, era um “ranchão de palha e buriti”. É então que sentindo a necessidade de uma melhor estrutura o senhor João Ferreira da Silva constrói uma pequena igreja, mas que fica de pé por pouco tempo, pois é derrubada durante uma tempestade. Então por volta do ano de 1968, se “levanta” o barracão da comunidade onde as pessoas se reuniam para as missas, em cuja lateral era anexada uma lona durante o período festivo para que, dessa maneira, pudesse acomodar todos os moradores da comunidade e de outros lugares da região.

⁸³ Diogo Gonçalves Rezende é Capitão da Folia de Reis da cidade de Catalão-GO e da Folia de São Sebastião, pertencente à Mata Preta, área rural do mesmo município.

2.7 - O PROGRESSO DA REGIÃO E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS CULTURAIS POPULARES

Na região sudeste de Goiás as comunidades rurais estão presentes na composição geográfica e cultural dos municípios. Esses lugares não são apenas espaços produtivos, eles trazem na sua composição a cultura, os saberes e fazeres dos moradores da região, além de referendar a trajetória de vida das famílias que se confundem com a do lugar e vice-versa. Com as reviravoltas econômicas das últimas décadas as pequenas propriedades rurais para se manterem enfrentaram uma série de transformações de múltiplas ordens. A manutenção das relações de pertencimento com o lugar foi o alicerce que permitiu, dentro desse processo, a sustentação dos laços de vizinhança, das ajudas compartilhadas, da pequena propriedade rural e a fixação do homem no campo frente à modernização da agricultura⁸⁴.

Nessa lógica percebemos que o Centro-Oeste brasileiro, em especial o Estado de Goiás, possui uma economia agrária muito forte. Tal economia se desenvolve principalmente a partir da década de 1960, com o advento de uma série de programas e projetos voltados para as mudanças econômicas e tecnológicas da área rural do país. Entretanto, essas políticas não beneficiaram a todos, e eram voltadas principalmente para a população mais privilegiada ou seja, os grandes latifundiários.

⁸⁴ Graziano da Silva (1996) utiliza o termo modernização para designar as transformações capitalistas na base técnica da produção agrícola, que passou a utilizar insumos fabricados industrialmente. Portanto, para o autor, o termo modernização se aplica ao referido processo, especificamente durante o período pós-guerra, quando começam as importações de tratores e fertilizantes num esforço por aumentar a produtividade. O período que marca realmente a transformação no meio rural brasileiro é a década de 1970, quando o Estado começa a atuar de forma incisiva no sentido de impulsionar o surto modernizador.

Consultar também:

*GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e Agricultura no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1997.

*MACHADO, Maria Clara. *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade de São Paulo, 1998.

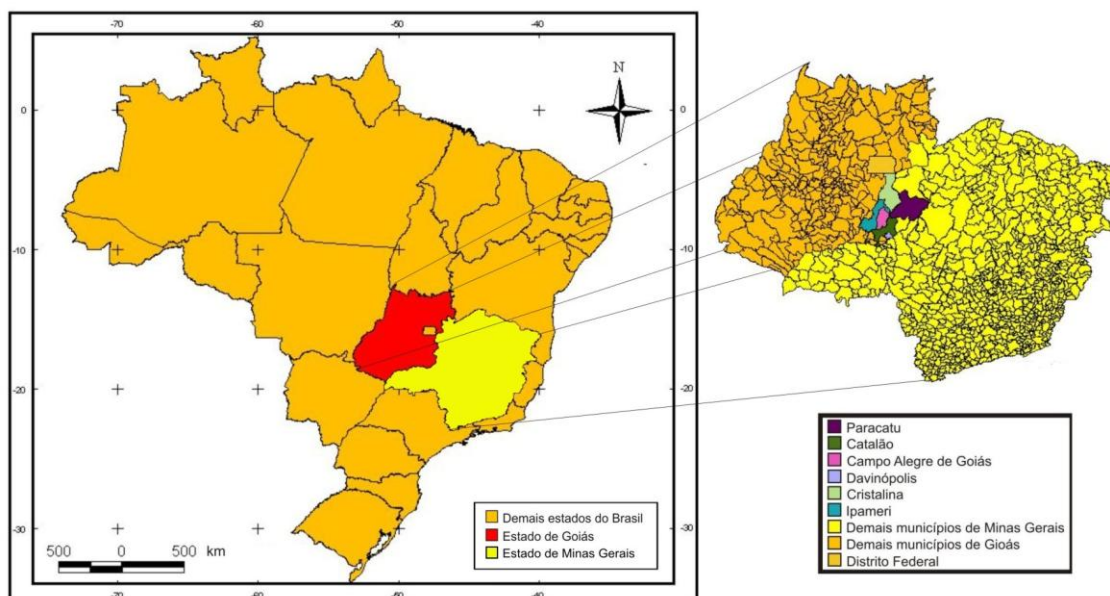
As economias familiares sofreram uma grande transformação, pois ou se adaptavam àquela nova realidade ou eram obrigadas a se deslocarem para a cidade, especialmente por não conseguirem competir com os grandes fazendeiros e suas gigantescas produções. Aqueles que insistiram em permanecer em suas terras mantiveram acesa a chama dos saberes herdados das relações de vizinhança, da ajuda mútua, do somar esforços com a comunidade em prol da melhoria do grupo.

A luta por se manter na terra é sinônimo de energia vital que finca os sujeitos no lugar e lhes permite, ao mesmo tempo, experimentar o progresso, sem perder de vista a sua relação cultural com a comunidade. É claro que não são todos que comungam dessa assertiva, porém grande parte dos que permanecem no campo e estão ali desde sua infância tentam restabelecer os vínculos de solidariedade, de partilha com outras famílias mantendo o sentido que a vida no campo tem para eles, mesmo considerando a saída de um grande número de moradores das zonas rurais para as cidades.

A região do sudeste goiano antes conhecida como o lugar das “vastas solidões” começa a se transformar no início do século XX, com a chegada dos trilhos da estrada de ferro que interligou mais tarde com a estrada de ferro Goiás e estas com outras malhas viárias integrando o sul goiano à economia paulista tendo como mediação o Triângulo Mineiro. O Projeto Vargas, 1940, de interiorização do país, interligou o Brasil Central ao desenvolvimento nacional e essa região de Goiás se viu beneficiada com estradas, exploração de minérios, núcleos industriais, cerâmicas, frigoríficos. Em 1942 Goiânia foi criada, além da Usina de Cachoeira Dourada (1958), a inauguração de Brasília (1961) e a pavimentação da BR 050.

Assim os municípios no entorno do Sudeste goiano tornaram-se, a partir de 1960, espaços de atração de investimentos, que se tornaram reais com as implantações das empresas como a Anglo-América e a Fosfertil, mais tarde com os projetos dos governos militares que investiram no cerrado como terra produtiva para exportação de grãos (Prodecir – Campo – 1975). Em 1990, instalaram-se as montadoras Mitsubishi e nos anos 2000 a montadora Suzuki e por fim a construção da Usina Hidrelétrica Serra do Facão que dinamizou o mercado imobiliário regional.

Todos esses fatores trouxeram grandes transformações que implicaram na vida das pessoas da região. A construção da Usina Hidroelétrica Serra do Facão ganha destaque neste momento, pois dentre as transformações do tempo e aquelas inseridas em um contexto socioeconômico ligado ao progresso trouxe mudanças que impactaram diretamente nas práticas festivas religiosas das regiões afetadas, a saber: Catalão-GO, Campo Alegre de Goiás-GO, Davinópolis-GO, Ipameri-GO, Cristalina-GO e Paracatu-MG.



Mapa ilustrativo das regiões afetadas pelo empreendimento Serra do Facão Energia S.A.. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC, adaptada por: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2011.

[...] Esse projeto dessa usina Serra do Facão, ela já existe desde uns 50 anos atrás que eu nem era nascido. Desde que eu entendo por gente vejo falar nesse projeto. Só que uns seis, oito anos pra cá que intensificou mais a... começou aparecer gente, fazendo mais levantamento, já visitando o pessoal ia ser desapropriado. Então, de início, devido a tempo que se falava, a gente até não acreditava, muita gente não acreditava, a gente preferia que isso não acontecesse porque os transtornos com certeza, os que já vieram com o pessoal já foi desapropriado e a gente não sabe o que vai acontecer com os remanescentes. E faço parte desse pessoal dos remanescentes porque eu ficava na beira do lago. Mas, em nome do progresso não tinha como isso não acontecer. E os

transtornos com certeza já começaram com o pessoal que foi desapropriado, as pessoas, nós temos na região de Rancharia, principalmente os ribeirinhos lá da beira do São Marcos, que eram pessoas basicamente, teoricamente, primeiros habitantes daquela região; um pessoal muito primitivo e eles viviam em grupo ali, uma família chamada Felipe, e desde que se conhece a região, eles existiam ali, os primeiros habitantes. Então, eles nunca... aprenderam a sobreviver lá com a pesca, com a agricultura explorada basicamente pra subsistência, mas tinha lá sua cultura, seu jeito de vida, né? E.. todo bloco de gente era mesma família, então eles tinham até um linguajar diferenciado. Coisa que eles conversavam se ocê chegasse, muita coisa cê nem sabia o que eles tavam falando. Tanto que assim, é... as origens deles vêm de um tempo atrás e eles preservavam isso na cultura deles. E com dissipação da... com a chegada da barragem que eles foram todos desapropriados, eles não foram pra mesma região. Foram um prum lado, outro pra outro e outro pra outro, dizimaram aquela cultura deles. A maioria deles, aí uns noventa por cento tão tendo dificuldade até de sobreviver em outro lugar. Com certeza, eles estão sendo, foram bastante incomodados e estão prejudicados porque, né, acabaram os costumes, foram conviver com outras pessoas que não eram do jeitão deles e estão passando por sérios problemas. Pessoas que não conseguem dormir a noite, passa a noite inteira dentro de casa, outros quer voltar pro lugar de origem porque não se adaptou. Com certeza isso, eu acho que o pessoal do SEFAC não levou em consideração o transtorno que causou na sociedade. [...] (Entrevista realizada com o Sr. Alcides José da Silva em Campo Alegre de Goiás. 25/07/2009)

[...] O povo sumiu, morreu ou mudou tudo pra cidade. O povo não quer nada com roça não. Hoje vai ficar muito pouca gente na roça, muito pouco. Que a vida na roça não é fácil, o povo não quer trabalhar, todo mundo hoje quer se patrão. Você põe um peão na fazenda logo ele que se patrão. Eu já trabalhei com muita gente e hoje tá difícil de trabalhar. O cara vem um dia, ele quer ficar atoa toda a semana e ganhar tudo num dia. Então a cada ano que vai passando as coisas vai mudando, mas tá começando a melhorar. O povo já tá doido querendo ir pra fazenda, e se não for eles passa fome, o desemprego tá grande. [...] [...] O povo era alegre, hoje o povo é tudo triste. [...] [...] O difícil é um caboclo assobiar. [...] [...] O povo vive triste, ninguém entende o povo mais. Eu chego numa festa assim logo eu vou embora, parece que ta tudo sem graça. [...] [...] Hoje em dia você chega dá vontade de ir embora, o povo tá triste. Quando bebe um pouquinho fica alegre, mas daí ele vai embora, acaso. [...] [...] O povo hoje é diferente, não é mais aquele povo, hoje o povo é outro. [...] [...] Hoje o povo parece que vive tudo triste. [...] (Entrevista realizada com o Sr. Sebastião Pereira da Silva em Campo Alegre de Goiás. 12/02/2009)

É válido ressaltar, portanto, que a pesquisa tem como espaço de abrangência principalmente as transformações das práticas festivas religiosas do interior goiano, justamente por ser uma das regiões mais afetadas pela usina hidroelétrica.

A comunidade de Anta Gorda, acima citada, por exemplo, teve mais de 90% de sua área alagada pelas águas e incertezas que vieram junto com a construção da represa. E, dentro da área impactada encontra-se o espaço em que as práticas festivas religiosas em devoção a São Sebastião, patrono do lugar, eram realizadas. Mas esta não fora a única comunidade afetada pelo empreendimento como podemos ver na fala de dona Fátima Conforte:

[...] Este quadro foi eu que pinte. Era minha casa, ela já não existe mais. Eu pinte mais ou menos como ela era. Não sou profissional, pintar é um lazer pra mim, um dia eu pensei que já que a casa ia ser desmanchada eu ia pintar e ter ela pra sempre comigo. Foi o que eu fiz, ficou bom de um tanto que as pessoas que conheceram lá reconhecem a foto. Por isso que eu trouxe este quadro aqui pro hotel, que toda vez que eu estou muito cansada paro tudo e fico imaginando como era bom ter aquela casinha. era uma casa simples, mas muito gostosa, era meu lazer, assim como pintar. Eu pinte a casa pensando que era um dia de preparação de festa, a casa ficava arrumadinha esperando as visitas, os parentes que moram na região e vinham pras festança boa que tinha na zona rural. Antes tinha muita festa. No primeiro sábado de cada mês a gente faz uma festa, mas é da associação mesmo, num tem nada a ver com igreja. Antes tinha, mas agora foi fechada porque a população foi quase tudo pra cidade, lá não ficou ninguém, então eles abriram essa associação lá pros moradores que restam lá, chama associação da fazenda paulista, chama AMPARA. [...] (Fátima Conforte, entrevista realizada em Campo Alegre de Goiás, dezembro de 2012)



Quadro confeccionado por dona Fátima Conforte retratando sua antiga casa, hoje compondo uma das áreas afetadas pelo empreendimento da Usina Hidroelétrica Serra do Facão. Campo Alegre de Goiás-GO. Imagem de OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

Percebemos que o sentimento de pertencimento é forte na região principalmente pelos afetados do empreendimento hidroelétrico. Dona Fátima era moradora da região da Fazenda Paulista, pertencente ao município de Catalão-GO, mas a exemplo de inúmeras outras famílias ela se viu sem sua casa, terra e bens, não só materiais, mais emocionais que agora encontram-se debaixo d'água, bem como sua casa simples, mas que até hoje é parte de uma ferida aberta que provavelmente nunca irá cicatrizar de forma efetiva. Este mesmo processo se deu com as práticas religiosas em devoção a São Sebastião.

Ainda na comunidade de Anta Gorda a empresa responsável pela execução das obras da Hidroelétrica patrocinou aquela que viria a ser a última festa em louvor ao santo naquele espaço comunitário que seria inundado. Tendo a ciência de que as práticas festivas eram partes importantes para a manutenção de vínculos identitários e de coesão do grupo, o empreendimento, com o intuito de perpetuar a festa e amenizar a perda do espaço e o sentimento de vazio e de insegurança financiou e registrou a prática festiva em

louvor ao santo flechado, o qual viria se tornar um vídeo documentário produzido e distribuído pela empresa.

Um recurso que para nós historiadores faz parte de uma nova tendência historiográfica, sendo utilizada como fontes e complementos de trabalhos teórico-acadêmicos, ou para a população em geral uma forma de perpetuar momentos felizes e importantes, agora se torna uma ferramenta de ilusão quanto ao futuro e um verdadeiro prêmio de consolação para aqueles que perderam não só suas casas, mas também uma parte de suas vidas que agora encontram-se debaixo da água do rio São Marcos. Essa é uma tendência de folclorização de práticas culturais populares usadas de forma política pelo Sefac. A festa tida como a última no local pela empresa, foi "organizada" nos mínimos detalhes. Roupas novas, cenário, comidas no ponto, convidados, políticos, bandeiras, rezas, tudo cronometrado para guardar de lembrança uma festa asséptica. O personagem principal do filme que conduz todo o enredo e narração é uma senhora, Noemízia Rosa Portaluppi migrante do sul do país, que vive há poucos anos na região e foi muito bem paga pelo trabalho que cultivou em terras de seu cunhado. Hoje é uma proprietária independente que tenta fazer parte do lugar, mas sem nenhuma tradição. Como bem demonstra sua fala:

[...] Antigamente a gente nem participou dessa festa que era de nove dias, então eles faziam a festa de nove dias e era nas casas. E depois passou pra três dias no centro comunitário, e era festeiros não era comunidade. Cada um fazia a festa passava pro outros festeiros, mas o dinheiro era de si próprio. Mas era como agora, todo mundo ajudava, todo mundo vinha, trazia prendas, leiloavam... E daí foi indo, foi indo, foi passado pra comunidade, agora o dinheiro é da comunidade inteira, não é só de uma família ou de duas. Todo mundo ajuda, a gente faz o barraco, é uma coisa boa... é uma cansativa, mas é uma coisa maravilhosa. E não vai mudar porque eu tenho certeza, mesmo que seja mudado o centro comunitário, né? que a água vai vim encostadinho, vai ser difícil, vai ser mudado o centro comunitário e não vai parar a oração! [...] (*Fala de: Noemízia Rosa Portaluppi, trecho retirado do filme Festa de São Sebastião, uma produção Sefac, com a realização da Prima comunicações. 1624".*)

O vídeo inicia-se com a fala de Dona Noemízia sobre a parte organizacional da festa em seguida relatando a vida de São Sebastião. Logo após, a fala de algumas pessoas em relação a fé e devoção pelo santo flechado e como se deu a formação da comunidade de Anta Gorda surgem mas de formas curtas. Mas constantemente entre uma fala e outra lá está dona Noemízia ganhando destaque em suas falas.

Uma pausa das falas é dada e começam a surgir imagens da festa: dos cavaleiros que param durante a cavalgada para rezarem, do terço cantado no centro comunitário/capela (momento em que um grandioso aparato de som surge ao fundo da imagem sem mencionar que a festa foi realizada no dia 31 de julho de 2008 e geralmente as práticas que envolvem o santo se dão em Janeiro, especialmente próximo ao dia 20, dia do santo, o que reforça o patrocínio da Sefac para a realização da festa. O que nos leva a indagar ainda se a mesma teria sido realizada apenas para o registro), da procissão e o levantamento do mastro. Agora, novamente a família Portaluppi entra em evidência, momento em que a jovem Tatiane Pacheco Portaluppi canta um trecho da canção Milagre da flecha de Moacyr Franco. Voltando para as imagens da festa, agora para o leilão e para "pagode" (arrasta pé) encerrando com a felicidade momentânea daquelas pessoas que por um momento parecem esquecer que é justamente o empreendimento que financiam e auxiliam na execução e registro daquela festa que seria responsável também pelo distanciamento de inúmeras famílias e amigos, bem como pela destruição da memória de muitos sujeitos que nasceram e viveram naquela região.

Menu

- ÷ Página Principal
- ÷ Empresa
- ÷ AHE Serra do Facão
- ÷ Obra
- ÷ Programa Socioambientais
- ÷ SIG
- ÷ Fique Sabendo
- ÷ Imprensa
- ÷ Contatos
- ÷ Banco de Imagens
- ÷ PAC
- ÷ Glossário
- ÷ Mapa do Site
- ÷ Receitas da roça

Um dos compromissos assumidos pela Sefac é informar à comunidade sobre o empreendimento com transparência e objetividade.

Imprensa - Notícias

18/06/2009

Comunidade de Anta Gorda recebe documentário da Festa de São Sebastião

Finalizado o documentário "Festa de São Sebastião", cujas filmagens aconteceram na comunidade de Anta Gorda, em Catalão, a Sefac convidou seus moradores para uma reunião no Centro Comunitário, no dia 6 de dezembro, onde foram entregues cópias do vídeo a cada família. Compareceram cerca de 60 pessoas, adultos e crianças, para essa confraternização, numa bela tarde ensolarada catalana.

O documentário tem narração de Noemízia Portaluppi, moradora da comunidade e depoimentos de pessoas que falam da fé em São Sebastião, santo padroeiro da localidade.

O vídeo registrou o último dia da festa, onde o religioso e o laico convivem em total harmonia. O torneio de futebol dos times da vizinhança e o Terço cantado. A Cavalgada e a Procissão com o andor de São Sebastião. Fechando a noite, a festa de roça, com o típico leilão das ceias, e muita dança atravessando a madrugada.

VISITE A OBRA >

AHE Serra do Facão

FALE CONOSCO >

30/01/2012

Usina Serra do Facão opera há mais de um ano sem acidentes.

30/01/2012

Serra do Facão iniciou a distribuição de folders informativos

24/01/2012

Atividades de Educação Ambiental

Matéria divulgada no site do empreendimento Serra do Facão, informando a entrega dos DVD's para os moradores da região de Anta Gorda.
 Fonte: <http://www.sefac.com.br/index.php?arq=noticias&op=5&id=52>

O documento acima é uma nota divulgada no site da empresa comemorando a realização e entrega do filme para algumas famílias da região de Anta Gorda. Mas será que a entrega do vídeo e o registro da festa conseguiram devolver para as famílias atingidas as perdas não só materiais mas também afetivas, as memórias, a vida como ela era antes da chegada do empreendimento?

Mas, como sabemos a devoção em torno do mártir Sebastião é um dos fatores de união e coesão de grupo no interior goiano, e apesar de que em algumas regiões ela se transforma da sua forma original, se recria, mesmo que de forma itinerante.

Outra comunidade que incentivou, durante várias décadas, os festejos de São Sebastião foi Lagoinha localizada na região da Fazenda Pires, município de Catalão-GO. Nela ocorriam inúmeras festas aos santos protetores tendo sempre São Sebastião como principal homenageado. Entretanto, a festa

em louvor ao santo não é mais fixa numa dada fazenda ou residência rural como na maioria das comunidades. O terreno em que as festas se concretizavam foi doado de “palavra” (sem escritura) para a Prefeitura Municipal de Catalão-GO, que realizou algumas benfeitorias no local como a quadra de lazer e esportes que nos dias festivos era coberta por lonas e armações de bambu, tornando-se o local desses eventos e dos encontros sociais para os moradores da região.

Há um bom tempo o local foi vendido, e o proprietário que adquiriu as terras derrubou a capela e a quadra alegando que o grande fluxo de pessoas e o barulho produzido durante os encontros coletivos da comunidade atrapalhavam seu sossego e estressava os animais, além de acarretar outros problemas, como porteiras abertas, furtos nas lavouras e quintais etc. São várias as versões narradas sobre essa história. Algumas destacam que o fim das comemorações naquele espaço foi prejudicial à vida da comunidade, outras entendem o posicionamento do proprietário.

[...] Por aqui nossa festa até acabô porque o senhor que é lá do centro comunitário, rancô o centro comunitário nosso lá. E tinha missa toda primeira segunda-feira do mês tinha uma missa, né? Aí o homi pegô e rancô nosso centro comunitário [...] [...] O que aconteceu, o véi morreu e repartiu as terra, né? Aí então, esse “fulano” pegô e comprô dos filho dele, né? Aí pegô e num quis dexá fazer a festa mais e cabô com a quadra, cabô com tudo [...] [...] Tirou a escola de lá [...] [...] a escola aí era até a quarta série [...] (José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão - GO)

[...] O santo ficou com o último festeiro, as coisa assim, porque tinha panela, prato, fogão... Ele é lá da cidade. [...] O “Fulano” também ficou com um pouco, porque é o dono lá! [...] [...] E a gente lutô assim, eu e o Jadir... nós ficamos três meses, toda semana as vezes a gente ia em Catalão duas, três vezes por semana, porque um advogado da prefeitura tomou as dor também: “– Não a gente vai lutar e vai resgatar”, mais ele não conseguiu... [...] Porque lá não é dele, lá foi doado pra prefeitura mais não tem documento... Não tem papel... Foi doado pela antiga moradora de lá e ela já faleceu. Então a doação é só de boca, não tinha como provar! A gente pelejou mais... [...] (Sebastiana Felix Simão e Jadir Ferreira Simões – Comunidade Lagoinha – Catalão-GO)

Muitos moradores nos confidenciaram que ficaram receosos, no início, de que as festividades na comunidade deixassem de existir. Entretanto essas celebrações foram adaptadas passando a ser realizadas em diferentes residências da comunidade. Atualmente os moradores se reúnem periodicamente em datas pré-estabelecidas nas próprias residências, com direito a um jantar, cafezinho e às vezes esses encontros terminam com muito pagode. Notamos, a partir desse episódio que os membros dessas comunidades se mantiveram mais unidos que anteriormente, o que tanto pode ser atribuído ao fato de todos enfrentarem o mesmo problema quanto a fé e devoção a São Sebastião, mas de uma forma ou de outra isso tornou o grupo ainda mais forte e coeso. Para alguns moradores:

[...] há males que vêm pra bem, né?... Apesar que eu chorei de mais, eu me emociono até hoje, quando eu vou falar da Lagoinha. Mais foi bom... [...] [...] Porque acabou unindo mais, fazer a força, né?... [...] As pessoa fica mais unida. Assim... participa mais! [...] (Sebastiana Felix Simão e Jadir Ferreira Simões – Comunidade Lagoinha – Catalão-GO)

Já outras práticas festivas em devoção ao santo acabam migrando de forma lenta para os centros urbanos como uma medida de se manterem vivas havendo o movimento inverso, ruralização do urbano uma forma de recriação do universo rural. Agora são os moradores das áreas rurais que seguem até a cidade para cultuar seu santo protetor. Em algumas delas os cultos a São Sebastião ultrapassam os santos padroeiros originais da cidade, como é o caso de Campo Alegre de Goiás, onde as doações e a arrecadação da festa superam as da padroeira do município.



Imagens da festa em louvor a São Sebastião no município de Campo Alegre de Goiás-GO em janeiro de 2013. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de.

[...] Aqui em Campo Alegre é uma coisa até impar, né? que eu acho super legal aqui, porque São Sebastião não é o padroeiro [...] [...] ele é co-pardoeiro, Nossa Senhora do Amparo que é a padroeira, então assim, é... Em que momento isso trocou eu não sei te explicar direito... [...] [...] O que eu sei é que era São Sebastião enquanto era mais ruralzão, enquanto era mais fazenda... enquanto era Calassa, Rudá, que foi os primeiros nomes de Campo Alegre. Eu não sei quando... se aqui virou paróquia, porque antes não era paróquia, era como se fosse um distrito, vinha um padre de vez em quando e rezava, né? Quando organizou como paróquia mesmo é que se passou a Nossa Senhora do Amparo. Que aí foi trazida, se eu não me engano, por um pessoal de São Paulo. O que a gente sabe é que era São Sebastião, que era rural... tanto que, por exemplo, se você comparar a festa de setembro que é a festa de Nossa

Senhora do Amparo com a festa de janeiro, a festa de janeiro bomba! Nossa, a gente vai na zona rural por causa dos bezerros, né? a gente fala da bezerrada, agora a gente saiu... imagina, a festa de setembro eles têm fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, então eles têm praticamente de sete a oito meses pra organizar, nós temos de outubro, novembro e dezembro, pra festa de janeiro. A gente consegue juntar mais bezerro, a gente consegue ganhar mais porco, a gente consegue ganhar mais galinha... Teve gente que ontem, não... quinta-feira de tarde, a gente já tava organizando aqui já, não ia mais pedir nada na zona rural, estávamos só buscando as coisas. As pessoas chegavam aqui: ou vocês não passaram na minha fazenda por que?! Mas mesmo assim tá aqui, oh! Trouxe vinte reais (preço de duas galinhas) eu trouxe aqui pra vocês um porco... Então as pessoas sentem esse negócio, você chega eles: "não já tava separado". De São Sebastião já tá separado aqui! "Já tá cevando pra tá bom no outro ano". Então assim é um costume, é uma coisa mais arraigada, já Nossa Senhora do Amparo não tem!...] (Carol Santin, entrevista realizada em Janeiro de 2013 Campo Alegre de Goiás-GO)

Alguns outros moradores relataram que na realidade uma senhora oriunda de São Paulo e devota de Nossa Senhora do Amparo ao chegar na cidade fez uma generosa doação à igreja, que em forma de agradecimento acabou transformando Nossa Senhora do Amparo em padroeira do município. Mas o fato é que independentemente da forma que São Sebastião perde posto máximo de padroeiro oficialmente para os moradores de Campo Alegre e região ele continua sendo o santo de maior destaque.

Em resumo, de uma forma ou de outra, o Mártir Sebastião passa a ser cultuado por todo o estado de Goiás principalmente em suas áreas interioranas. E, suas práticas independem da Igreja Católica e vão se (re)criando e se transformando a partir das necessidades de seu tempo e espaço perdurando até os dias atuais. E se não possui destaque de forma oficial é marca presente nos corações e manifestações de fé dos moradores do Sertão Goiano.

2.8 - AS 'VÁRIAS' FESTAS DO INTERIOR GOIANO

“A festa é a fusão da vida Humana”

BATAILLE, Georges

Muitas vezes ao falar em festa nosso pensamento se remete diretamente à dança, à bebida, à comida, em resumo: diversão, nos esquecendo que as práticas festivas vão além principalmente as de cunho popular, pois apesar de possuírem características que as aproximam são diversas e totalmente complexas nos sentidos múltiplos das relações aí travadas.

Amaral (2008) nos adverte justamente para que repensemos nossos conceitos quando se fala em festa, até porque para ela as festas vão além, são mais do que o simples ato de pular, cantar e/ou dançar. A festa se torna um espaço em que podemos entender uma sociedade que coexiste dentro dela mesma. Abrindo, desta forma, uma possibilidade de análise da estruturação desses indivíduos em relação ao trabalho, à política, à economia, à religião e muitos outros fatores, residem no que chamamos de “Festa”. (Amaral, 2008).

Sendo assim podemos afirmar que a festa não se restringe ao dia de sua realização, já que passa por todo um processo de caráter organizacional até o dia festivo. Podemos, portanto, em meio a este viés buscar o papel da comunidade no processo organizacional e participativo das festas, no qual se cria uma procura pela união das pessoas diminuindo a distância entre elas. Ao falarmos aqui em distanciamento não nos referimos apenas à questão numérica em quilômetros, mas de modo especial distância de relações, de afetividade, ou até mesmo de pré-conceitos⁸⁵ em relação ao outro.

A festa é um processo, ou seja, ela não surge de um dia para o outro tampouco se restringe aos dias de dança, comida e bebida. Parece até mesmo banal tal discussão, mas é válido ressaltar que as festividades necessitam de uma organização prévia onde os festeiros responsáveis recebem ajuda de

⁸⁵ Pré-conceito é entendido aqui como sentidos pré-estabelecidos por nós, onde o não conhecer faz com que o diferente seja assustador ou pouco receptivo. E, dependendo dos julgamentos e forma como tratamos tal pré-conceito, o mesmo pode se tornar preconceito, o que é mais forte e prejudicial nas relações humanas.

familiares e amigos durante a preparação, que se dividem nas mais variadas funções. Desta forma, ser festeiro não significa apenas ser anfitrião, mas também colocar a mão na massa.

As funções exercidas durante o processo organizacional diferem em relação à particularidade de cada festa e/ou região. Mas em todas torna-se evidente sua singular importância. O pontapé inicial, se assim podemos dizer, é dado com os festeiros, que possuem um dos papéis mais importantes, pois, além de serem organizadores, também são eles os anfitriões das práticas festivas.

Essas pessoas são parte fundamental dentro da estrutura organizacional, e, nas áreas rurais pesquisadas suas escolhas são das mais variadas formas, respeitando as características de cada região. Apesar de que em quase sua totalidade, a definição do festeiro do próximo ano se dá no último dia, como se todos os convidados se tornassem testemunhas do trabalho, do desempenho e da devoção que o festeiro (geralmente um casal) terá que demonstrar durante o período até a próxima festa. Mas de forma geral, três formas se sobressaem.

A primeira corresponde a um convite prévio feito se possível para alguém que tenha condições e fé suficientes para a realização. A segunda nos leva ao campo da devoção onde toda e qualquer pessoa que porventura tenha feito uma promessa ao santo se propõe a realizá-la (a festa) como uma forma de quitar sua "dívida". A terceira, e não menos importante, é a forma mais tradicional, mas uma das menos encontradas nos dias atuais que é o convite surpresa:

[...] Isso aí é assim, por exemplo, se eu mais a Nilda for festeira hoje nos vai entregar a festa, aí nos conversa com quem nos chama, convida e tal. Caladinha e passa pra aquela outra pessoa de surpresa. E muita das vezes é de surpresa. Outros já combina, conversa direitinho, se aceita ou não.[...] (Nilda Jacinta Rosa / Davinópolis – GO)

De maneira geral, as festividades possuem duração de três a nove dias dependendo da região. Mas todas as funções são pré-estabelecidas o que dinamiza a parte organizacional. Além do que o período festivo se torna uma vitrine de visibilidade e promoção social, e pessoas que viviam à margem,

agora possuem um lugar de destaque e passam a ter essa tarefa praticamente como um sobrenome durante o período.

Meses antes a correria do dia-a-dia é somada aos esforços dos festeiros para angariarem fundos ou principalmente produtos e/ou animais para a realização da festa. Junto a eles encontram-se os juízes aqueles cuja atuação é estritamente essa, a de arrecadar prendas que durante a festividade vão possivelmente compor o leilão a ser realizado durante os dias festivos.

[...] Juiz, começa assim, oh! É pra ajudá a fazê a festa, né? pra fazê fogueira... o juiz de prenda de bandeja leva um frango assado, uma banda de, leitoa, qualquer coisa já é prenda, né? Esse é o bandejeiro, né? Tem o juiz de fogos tamém, né? leva fogos pra festa, pra ajuda o festero, né? [...] (José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão - GO)

As demais funções surgem já no período festivo como os responsáveis por lavar e enfeitar o salão, ornamentar a bandeira do santo (segundo os moradores da região pesquisada, geralmente crianças por terem a pureza da inocência, ou mulheres por sua delicadeza e atenção) e uma das mais importantes, a de fazer os quitutes e preparar as prendas do leilão (uma leitoa, frango assado, um pernil, roscas, bolos, bolachas, doces, entre outros), as cozinheiras. Contudo, em alguns locais, as prendas podem até mesmo vir já preparadas.



Preparação da bandeira de São Sebastião e de uma leitoa, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.



Preparação das quitandas para o café da tarde e para o leilão da festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.

Ao raiar do sol durante o dia festivo todos se dividem em tarefas⁸⁶. Enquanto os homens iniciam a limpeza as mulheres acendem o fogo do fogão

⁸⁶ É válido ressaltar que as funções, tais como são apresentadas neste trabalho, referem-se a algumas regiões pesquisadas, não sendo gerais em todas as práticas

a lenha, onde inúmeras quitandas e assados serão carinhosamente feitos para logo mais a noite, além de já prepararem o belo almoço para todos aqueles que estão labutando para tudo sair como planejado. Logo ali, na capelinha, crianças ornamentam a figura de São Sebastião⁸⁷, uma responsabilidade e tanto para aqueles que estão descobrindo o mundo e aprendendo que a diversão não pode sobressair perante o trabalho e a fé, e sim, caminharem juntos de forma a dinamizar a vida e as relações tecidas em comunidade.

Mulheres, agora, preparam o arranjo que irá compor o altar ao lado do homenageado de forma a compor um ambiente de tranquilidade e reflexão, enquanto os homens cortam lenha e carregam os pesados tachos direcionados pelas cozinheiras que continuam no ardente fogão. Ao entardecer quase tudo está pronto e, enquanto alguns seguem para suas casas para banharem, colocarem vestimentas de festas, outros por ali se ajeitam aproveitando as horas de folga para jogarem aquele truco ou tomarem aquele cafezinho e dar um dedinho de prosa. Ou quando a prática é realizada na casa do próprio festeiro é um corre-corre fila aqui e acolá, um pronto a auxiliar o outro, mas todos sem exceção com um belo sorriso estampado no rosto.

Quando menos se espera os convidados começam a chegar, e prontamente os festeiros se apressam em recebê-los, demonstrando que estão em casa. Ouve-se um estouro, são os rojões que pipocam no céu como se quisessem dizer a todos que o terço irá começar. Na pequena capela todos se acomodam como podem, e apesar de apertada ninguém se sente incomodado, pois o calor humano agora torna o espaço cada vez mais aconchegante.

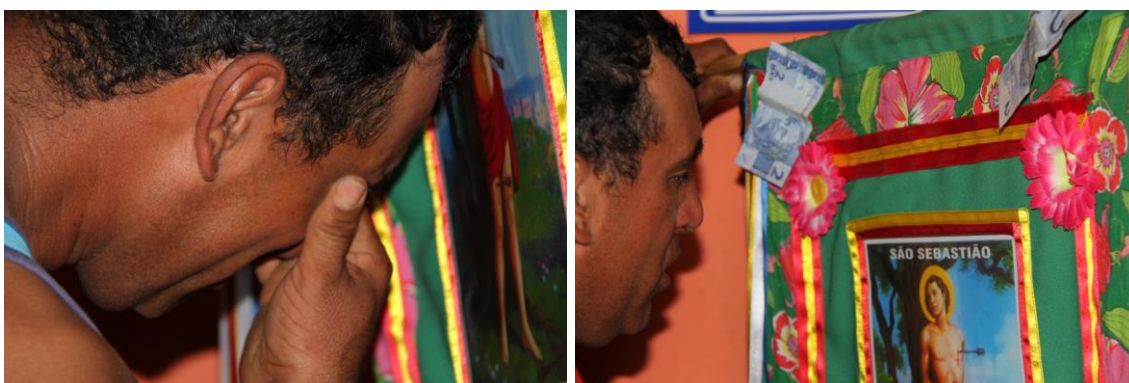
Entre uma reza e outra observa-se uma lágrima, um abraço, um olhar. São pessoas que agora relembram de pessoas queridas e momentos de suas vidas. São "fulanos" e "fulanas" que movidos pela fé se emocionam perante a imagem do santo flechado, se ajoelham pedindo e agradecendo, e tocam a imagem como se tivessem tocando o próprio mártir.

festivas, pois em algumas são os homens que cozinham e realizam atividades que aqui são apresentadas como função feminina.

⁸⁷ Aqui referimo-nos à bandeira do santo, a qual agora representa o próprio mártir nos dias festivos. A bandeira possui a imagem do santo ao centro e ornamentada geralmente com fitas e flores. Relatos apontam que apenas crianças e mulheres poderiam confecciona-la para manter a pureza da imagem.



Nilda (festeira de 2014) e Maria Helena (filha do Sr. Cacildo) se abraçando durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.



Devoto emocionado beijando a bandeira de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Ao final do terço todos se dirigem para o salão de festas⁸⁸. Os jovens "paqueram" e dançam, os casais apaixonados reforçam seu compromisso com as mais variadas demonstrações de carinho, as famílias se unem em torno da mesa farta, todos conversando de uma vez só em uma verdadeira bagunça organizada. Mas, enquanto isso, aquelas mesmas mulheres e homens responsáveis pelo processo organizacional dão continuidade em suas atividades na cozinha, no barzinho, servindo aqui e ali, sem esquecer aquele sorriso no rosto e aquela prosa entre uma mesa e outra.



Leiloeiro e conjunto musical durante a festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.

O conjunto musical⁸⁹ que alegra a festa para de tocar no início de uma das atividades mais esperadas da noite, o leilão. O leiloeiro com sua singularidade divulga os produtos, grande parte deles com um valor de três a dez vezes maior. É uma festa a parte, a disputa de quem levará a prenda e a gritaria se instauram no momento em que o responsável pelo leilão dá a

⁸⁸ O salão de festas se modifica de uma região a outra. Grande parte deles refere-se à uma pequena capela onde ao lado montam uma tolda (lona hasteada por cordas e madeira). Outras, já possuem quadras esportivas, as quais recebem uma proteção contra a chuva, sol e o vento durante os dias festivos. Mas há comunidades que possuem salões próprios para a realização das práticas festivas, e independentemente da capacidade de cada um todos são ornamentados de forma a receber e a acomodar a todos da melhor forma possível.

⁸⁹ O conjunto musical geralmente é urbano e tocam músicas características da região, como o famoso arrasta-pé, salvo nos casos de festas mais elaboradas (aqui referindo-me às festas na roça) onde são contratadas bandas de outras cidades e/ou regiões que tocam desde o arrasta-pé ao funk carioca.

disputa por encerrada e entrega à mesa vencedora. É equiparável a um estádio lotado de torcedores comemorando o gol do seu time de coração. No entanto, diferentemente dos jogos de futebol, aqui não tem um único vencedor, pois no fim, é a comunidade como um todo que ganha a partida com a arrecadação e as benfeitorias por ela concretizadas.

Torna-se evidente que independentemente de sexo, idade ou condição social, todos tornam-se parte de um todo, mesmo que momentaneamente com funções ou atividades pré-estabelecidas que, ao final, brindam a todos com uma grande festa, não nos referindo a tamanho, mas em significados partilhados. São homens e mulheres que não medem esforços para que tudo saia como o esperado e que aqueles que ali estiverem sintam-se acolhidos e possam se divertir, esquecendo momentaneamente dos problemas e das dificuldades da vida rompendo com o cotidiano. É a fé, a diversão, a sociabilidade. É o universo de práticas e sentidos que denominamos de festa.

Não podemos negligenciar que as práticas festivas também configuram-se enquanto espaços políticos de conflitos e/ou promoção social. São fatores que a princípio poderiam passar despercebidos, mas que fazem toda a diferença no decorrer da prática. Até porque ao se tratar de um espaço teoricamente democrático, ali, naquele instante, não existe patrão e empregado, pobre ou rico. Existem pessoas que buscam sua (re)afirmação enquanto membros daquele núcleo e/ou comunidade. Alguns com papéis determinados, outros que despontam em meio à multidão e ganham lugar de destaque ao menos durante o período festivo.

CAPÍTULO III: *A vida em festa!*

3.1 - FESTAS E RELIGIOSIDADE POPULAR: UM VERDADEIRO "JOGO DE SENTIDOS".

A partir do momento em que estamos tratando de práticas culturais, devemos entender que a cultura é fluida e passível de várias definições. Mas tentaremos utilizar tal conceito a partir do ponto de vista que os homens fazem sua cultura na medida em que produzem sua própria vida, pois a cultura é um modo específico de se viver, sentir e representar o mundo em que se vive. Ela se torna passível de transformações a partir das experiências, identidades e identificações de indivíduos ou de um determinado grupo social que se pretende analisar.⁹⁰

Ela se (re) cria e se (re) adapta às necessidades e aos momentos em que está inserida naquilo que podemos chamar de circularidade cultural além do que, a cultura popular e a erudita se interpenetram uma bebendo na fonte da outra. As práticas culturais estão entranhadas no cotidiano do sujeito, ou seja, as “experiências” estão intimamente ligadas às raízes identitárias desse(s) lugar(es) e sujeitos de forma há não haver possibilidade de separar as práticas dos sujeitos e as suas experiências.

A tradição e as práticas festivas têm participação efetiva no que iremos chamar neste momento de “processo cultural”, pois elas acabam se tornando uma prática social que mantém ou forma uma “identidade” de um grupo e/ou dos sujeitos que fazem parte do mesmo. É neste momento que as análises e pesquisas, assim como as já feitas no início deste trabalho se fazem necessárias, pois as práticas culturais possuem singularidades.

As práticas festivas, assim como a cultura possuem um sentido muito fluido. Elas se fazem bem mais que uma mera comemoração dentro das várias representações culturais, pois estamos falando de uma prática que entrelaça

⁹⁰ MACHADO, M. C. T.. Cultura Popular - em busca de um referencial conceitual. CADERNOS DE HISTÓRIA/UFU, Uberlândia/MG, v. 5, n.5, p. 73-84, 1994.

vivências, experiências, entre muitos outros fatores que se englobam no que chamamos de “Festa” como já anunciamos na introdução.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão as festas vão além, da mesma maneira que os sujeitos participam dessa prática, elas (as festas) se interpenetram na vida humana se tornando parte dela, pois: “[...] *cada vez mais a festa não quer tanto se opor à rotina, ao trabalho produtivo, mas sim invadir a política, o lado sério, as relações que entre si os homens trocam [...]*” (BRANDÃO, 2010)

No interior goiano esse fator se torna claro na ótica desta análise, principalmente nas áreas rurais, pois uma boa parte dos moradores ainda sobrevive a partir de uma prática agropastoril familiar. Sendo assim, essas práticas festivas se tornam cada vez mais importantes para os sujeitos, seja para agradecer a boa colheita, pedir chuva em um tempo de seca ou que a produção do ano seguinte seja melhor. É neste sentido que a vida compartilhada ganha destaque onde o compartilhar significa viver coletivamente os importantes momentos e comemorações pessoais. É por isso que as práticas festivas constituem o laço que interliga os moradores de um determinado lugar; que estreitam as relações entre as famílias e interrompem as labutas diárias e o “corre-corre” da lida cotidiana. Além do que, durante as festas os sujeitos participam ativamente na organização do evento, das rezas, bailes, leilões; e, ao frequentar esses espaços reforçam com a comunidade os laços de amizade, de solidariedade e de compromisso com o sagrado, pois a fé neste caso encontra-se dentro de uma religiosidade popular que se inova a cada instante sem perder, é claro, sua matriz *residual*, pois:

[...] certas experiências, significados e valores que não se podem expressar ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior [...]⁹¹

Para analisar tal discussão, podemos trazer neste momento as festividades rurais no entorno do Rio São Marcos, no estado de GO, em especial na comunidade rural de Mata Preta no município de Catalão-GO,

⁹¹ WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade*. São Paulo: Cia das letras, 1989. p.125.

onde, uma vez que cultuam São Sebastião, seja pelos mais variados motivos ou experiências vividas pelos sujeitos, o apogeu da prática festiva religiosa encontra-se durante a reza: o terço cantado, momento em que as emoções transparecem e cada um demonstra a fé à sua maneira.

O que pretendo dizer aqui é que os moradores do interior goiano, em especial da área pesquisada, possuem como protagonista das festas seus santos devocionais. Neste caso, São Sebastião surge por ser um dos mais festejados, principalmente pela região possuir como uma das características principais uma economia familiar diretamente ligada à terra. Ou seja, a missa (um rito praticamente fechado sem grandes modificações) rezada pelos padres, nem sempre se torna o ápice desses dias festivos onde o importante são as práticas recriadas por esses sujeitos – como o terço cantado –, as quais classificamos como religiosidade popular, catolicismo rústico e/ou rural, entre outras nomenclaturas dadas pela academia por se fazerem diferentes da prática dominante.⁹²

Marta Abreu nos lembra que há um grande risco de trabalharmos com o conceito "religiosidade popular" por considerar que *traz um risco de se reduzir a complexidade do fenômeno religioso, simplificando a análise das relações entre religião e sociedade, religião e classes sociais, e finalmente religião e história*. mas a própria reconhece que:

[...] As expressões/conceitos *cultura popular* e *religiosidade popular* devem ser propostas em função de um reconhecimento evidente que, no passado, as pessoas pobres, simples, comuns, escravos, negros e imigrantes pobres, pensavam, agiam, criavam e transformavam seu próprio mundo (valores, gostos, crenças) e tudo o que lhes era imposto, em função da herança cultural que recebiam e de sua experiência. Como agentes de sua própria história (cultura e religião) homens e mulheres das camadas pobres criam, partilham e se apropriam de valores, hábitos, atitudes, crenças, músicas e festas religiosas (neste sentido, *cultura popular* e *religiosidade popular* não são entendidas simplesmente como um conjunto de objetos ou práticas originário dos setores populares [...])⁹³

⁹² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia: EDUFU, 2007. 3ª Ed.

⁹³ ABREU, Marta. *Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 07, n.14, 1994.

Mas o fato é que mesmo sendo uma prática religiosa (re)criada pelos sujeitos e que difere do catolicismo ortodoxo, mantém características e ritos inerentes a esse catolicismo vertical, enfim mantém-se um *residual* intrínseco ao grupo dominante, ou seja, ocorre o que podemos chamar neste momento de uma hibridização religiosa a partir de uma multiplicidade de pertencimentos, mas com características e ações apropriadas e (re)criadas, principalmente pelos moradores do interior brasileiro. Entretanto, devemos levar em consideração que a classe dominante (catolicismo oficial) também pode ser dominado pela classe dominada (catolicismo popular/rustico/rural), pois em vários momentos os papéis se invertem. Lembrando que:

[...] A religião popular enquanto catolicismo rural, herdado do instituto do padroado e da noção de Cristandade, caracteriza-se pela presença marcante dos leigos como estimuladores da vida religiosa (irmandades, romarias, ermidas, devoções, procissões, festas), entrando em conflito com a imposição da romanização, isto é, do catolicismo tridentino, que privilegia a autoridade sacerdotal. [...] ⁹⁴

A partir da maneira como esse catolicismo rústico e rural foi se projetando ao longo de séculos no Brasil, percebemos uma lógica própria de devotamento aos diferentes santos católicos se fortalecendo de forma diversa em cada região do país, obedecendo à diversidade étnica e cultural da população (CHAUÍ, 2007).

Mauro Passos vai além. Para ele há um caminho natural entre a prática religiosa *tradicional* datada dos primeiros três séculos, perpassando pelo surgimento de formas híbridas, um momento em que a cultura e a fé se expandem de uma forma '*reformada*' até algo novo, em que ambas tentam coexistir, seria uma forma '*renovada*' daquilo que denominamos como práticas religiosas populares (PASSOS, 2002). Ainda, segundo ele, "*a fé pode ser lida como uma alternativa para expressar os sentimentos e ativar a memória coletiva*", pois:

⁹⁴ AZZI, Riolando. *Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil*. In. *Religião e Sociedade*. nº 01. 1997

[...] O catolicismo popular e as tradições populares, com suas diversas formas de expressão festiva, são promessas de comunidade. Correntes que unem os membros de um grupo. Labirintos da saudade. [...] [...] A festa memorada fertiliza os corpos para um coletivo reunificador. Faz brotar o vigo da esperança. Partilha segredos e desejos. Endereça caminhos no horizonte da espera. [...] ⁹⁵

Contudo, devemos tomar cuidado com a forma com que abordamos este assunto, pois:

[...] Penetrar na esfera da religiosidade popular é, para o historiador acostumado com fontes documentais que atestam transformações, mudanças, andar em terreno movediço. Religiosidade e fé são práticas culturais observáveis, mas situam-se no âmbito da esfera discursiva e não dos resultados. Desse ponto de vista, fé é uma questão de se possuir, não de se provar. A temática não permite possibilidade de análise através do saber científico construído. Não há regras que garantam a produção do fenômeno, sua repetição e verificação. Por isso, cabe a ressalva: se quisermos compreendê-la, há necessidade de se desvencilhar dos modelos oficiais, intelectualizados, que, de cima para baixo, a rotulam como credences e/ou supertições.[...] ⁹⁶

[...] Nessa perspectiva, a religiosidade popular se abre como um campo de investigação privilegiado para aqueles que a

⁹⁵ PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 190.

⁹⁶ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *O amálgama da crença no cotidiano popular mineiro: a fé e o festar*. in.: Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio (Rhema). Volume 4. Nº 16. Juiz de Fora-MG, 1998. p. 113/114.

Conferir também:

* MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Religiosidade no Cotidiano Popular Mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas*. Revista História e Perspectiva. UFU. n 22, jan./jun. Uberlândia-MG, Edufu, 2000;

* LIMA, Lana Lage da Gama; HONORATO, Cezar Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa; SILVA, Francisco, Carlos Teixeira da Silva (org.) *História e Religião*. Revista VIII Encontro Regional de História - Núcleo Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ: FAPERJ. Mauad, 2002;

* POEL, Francisco van der (Frei Chico). *Os Homens da dança: Religiosidade Popular e catequese*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986;

* SILVA, Raquel Marta da Silva. *Chico Xavier: Imaginário religioso e representações simbólicas no interior das gerais - Uberaba, 1959/2001*. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2002;

* PASSOS, Mauro. Catolicismo popular: o sagrado, a tradição e a festa. In: _____. *Festa na vida: Imagens e significados*. Petrópolis: Vozes, 2002;

* AZZI, Rioldo. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. In. *Religião e Sociedade*. nº 01. 1997.

entendem como práticas e representações culturais coletivas, presentes nas experiências concretas de vida dos indivíduos e, portanto, parte constitutiva do social, no qual uma teia complexa de relações as inscrevem [...]⁹⁷

Sendo assim seria possível desvincular as práticas festivas das práticas religiosas populares? Acredito que não, pois estão inseridas em um universo em que Carlos Rodrigues Brandão denomina enquanto *experiência religiosa* e/ou *experiências simbólicas coletivas*, até porque é sempre válido ressaltar que *a festa invade a vida humana*, pois ela se interpenetra na vida tornando-se parte, diga-se de passagem, fundamental para a manutenção e sentido da mesma.

Nessa ótica as festividades em Goiás são expressões dessa pluralidade. No sudeste goiano, o calendário festivo-devocional mantido pelas comunidades transcorre independente da presença oficial do clérigo, pois os rezadores da localidade assumem o papel de interlocutores com o sagrado. São eles que atizam o reavivar da fé local e unem as pessoas em torno da realização dos festejos.

E dentre as relações presentes nas práticas festivas é válido ressaltar ainda que a busca incessante pela visibilidade e pela promoção social também se fazem presentes configurando tais práticas ao mesmo tempo como um campo de disputas, sejam elas políticas, econômicas ou sociais. É um *jogo jogado* pelos atores sociais, em que geralmente o discurso distancia-se da prática no mesmo momento em que o papel real se confunde com o construído. São relações que ultrapassam os limites da prática festiva e tornam-se parte do íntimo e pessoal, surgem dentro da festa e passam a ser perceptivos também fora dela durante as relações de convivência e trabalho por exemplo, pois *"a festa é a fusão da vida humana. Ela é para a coisa e o indivíduo o cadinho onde as distensões se fundem ao calor intenso da vida íntima"* (BATAILLE, 1993).

Sendo a festa parte intrínseca da vida humana as relações e emoções constituídas e/ou vividas pelos sujeitos fazem parte de um “jogo de sentidos”, onde os sentidos e sentimentos são colocados à prova e os seus diversos participantes são colocados no mesmo patamar de igualdade, pois as festas

⁹⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz. op. cit. p.115.

revigoram sentidos, energias, vidas. Elas abrem as portas da felicidade para aqueles que labutam o ano todo pelo seu sustento. As festas são a vida ou melhor, a alegria de viver!⁹⁸

3.2 - Ó SENHOR DEVOTO, ME DIGA QUE BANDEIRA É ESSA!



Bandeira de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

Dentro desta gama de práticas populares religiosas uma ganha destaque por sua peculiaridade em decorrência de sua realização na área rural. Estamos falando da Folia de São Sebastião que possui influência direta das Folias de Reis tendo o mártir como principal intercessor junto a Jesus Cristo.

⁹⁸ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Foi assim que me contaram: Recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na festa de N. Sr^a. do Rosário (Catalão-1940-2003)*. Brasília: UNB, 2009 (doutorado em História).

_____. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (1936- 2003)*. Uberlândia: UFU, 2004. (Dissertação em História)

Dentre as muitas práticas, folias e romarias a diversos santos, tais como a congada, a folia de reis, a festa do divino, entre outras, a de São Sebastião se destaca no sudeste de Goiás.

A região de Mata Preta situada a cerca de 20 quilômetros da área urbana do município de Catalão-GO recebe todos os anos a peregrinação de fé dos foliões de São Sebastião. Segundo a memória local as festividades em relação ao mártir iniciaram entre os anos de 1950 / 1960, quando ainda eram utilizados carros de boi para o transporte, mas com o passar dos anos e as modificações promovidas pelo progresso como a chegada do asfalto, tal meio de transporte foi proibido nas rodovias, as quais cortam grande parte das estradas de acesso às fazendas que compõem essa região.

Agora a rodovia que deveria beneficiar a região se torna um marco divisor das comunidades e das famílias devotas a São Sebastião. Mas não seria o primeiro obstáculo que a fé e a devoção dos moradores da região enfrentariam. E, ao invés de esmorecer diante do problema, se adequaram com novas formas de deslocamento e acesso às demais fazendas que todos os anos recebiam o santo em suas residências.

Os festejos na região da Mata Preta iniciam-se no fim de semana mais próximo ao dia 20 de janeiro todos os anos com o deslocamento dos foliões que moram na cidade para o campo ainda na quinta-feira. E ali um devoto e/ou devota já os aguarda com uma farta e bela janta.

Antes de saciarem a fome direcionam-se todos para o altar montado geralmente na sala da residência e ao som dos estouros do foguete iniciam um admirável e emocionado terço com a presença dos foliões, donos das casas, vizinhos e convidados. Nesse momento os foliões nos lembram que antes de tudo seu compromisso é com São Sebastião. Vários são os pedidos durante o terço, mas o principal deles é que o mártir os ilumine nos dias seguintes durante sua peregrinação de fé.



Dia da chegada dos foliões na região de realização da festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

Antes de se servir mais uma pausa, momento de agradecer a refeição e pedir a São Sebastião que multiplique o alimento daquela mesa para que a família que os recepciona nunca passe dificuldades e que os livre da peste, da fome e da guerra. Mas a noite não se encerra por aí. O santo (representado por sua bandeira) dorme na casa em que o jantar foi oferecido, enquanto os foliões se direcionam à casa do festeiro responsável pela estada dos mesmos durante os dias festivos até a entrega da bandeira.

Com o raiar do sol e o primeiro canto do galo lá estão todos de pé na casa onde o santo pousara e preparados para seguirem com a folia. Antes de saírem, mais um pedido de proteção, mais uma demonstração de fé. Diferentemente das décadas de 1950 e 1960 onde os foliões se deslocavam em carros de boi, agora eles se agrupam na boleia de caminhões em direção à residência em que São Sebastião pousou. Após um longo e farto café a folia agradece a estada e segue percorrendo um longo caminho, fazendo após fazenda, louvando e pedindo proteção para as famílias, plantações e animais das casas visitadas, processo que se repete até à chegada do almoço onde a cantoria se estende, pedindo para que ali possam se alimentar.



Transporte usado para a locomoção dos foliões durante os dias festivos. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

Não é uma regra, mas quase sempre o jantar e o almoço servidos aos foliões, assim como para qualquer pessoa que ali quisesse se alimentar, é fruto do pagamento de votos ou atendendo à solicitação do festeiro. Mas, percebe-se que poucas são as alterações nos endereços em que se alimentam todos os anos e se há alguma regra ela parece estar ligada à fartura.



Jantar oferecido aos foliões e toda a comunidade no último dia de festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Os dias subsequentes, até o domingo, dia da entrega da bandeira, são da mesma forma, percorrendo os caminhos vicinais de muitas histórias de fé e de emoção. Ali, no momento em que o capitão apita e dá início à cantoria a vida pessoal, em grande parte de pessoas simples, se confunde com a prática festiva resultando em lágrimas e lembranças principalmente de pessoas que já se foram. Como nos revela dona Elza:

[...] Uai, primeiramente que a gente é devoto, né? De São Sebastião e que a gente gosta, né? [...] [...] É igual que cês viu, eu chorei muito, porque meu pai fazia parte de uma folia, né? Toda vez que eu vejo cantar eu emociono, porque eu lembro dele e ele já faleceu, né? [...] [...] Cunhado folião, sobrinho, né? Igual meu pai, né? Era doente, mais acompanhou, até falecer ele acompanhava, né? Então a gente lembra muito dele nesses momento, né? Que toda vez... assim, até no DVD que a gente vai por pra assistir eu quase num gosto de colocar, porque eu lembro, aí quando eu vejo cantano assim é o mesmo que eu visse ele junto, né? Então a gente fica emocionado, né? Não triste, é porque alembra e a gente emociona, né? Mais aí é muito bonito, a gente gosta muito, né? Isso faz parte da vida da gente desde de pequeno, né? [...] [...] Na hora que começou a cantá aqui agora, me marcou muito, porque eu lembrei... reviveu tudo, né? Pensa tudo, né? Que... é que... como a gente via ele, né? Cantano, acompanhamo... pra ele aquilo era tudo, porque ele amava andar assim, gostava demais, né...? [...] [...] Era a paixão dele, isso era a paixão dele, do meu pai. Deixava tudo que ele tava fazendo pra acompanhar, né? Quando... quando tinha a folia da região, ele deixava tudo e acompanhava, né? Mesmo doente, às vezes tinha vez que saía da folia, ia pro hospital, internava , voltava, porque ele tinha o problema, né? Inclusive faleceu por causa disso, né? E a gente alembra muito, né?. [...] *(Entrevista realizada com Elza Francisca Braga de Souza, região da Mata Preta, Catalão-GO, janeiro de 2009)*



Devotos de São Sebastião recebendo a bandeira para um terço em sua residência, um dia antes do termino das festividades. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de Janeiro de 2013.

Este é um fato recorrente, principalmente por se tratar de uma região em que todos se conhecem ou pertencem ao mesmo núcleo familiar. Nesse viés, as histórias de vida e a Folia de São Sebastião tornam-se o elo de ligação, pois, mesmo que indiretamente todos da comunidade fazem parte dessa prática festiva religiosa, especialmente se levarmos também em consideração que mais de 90% desses moradores possuem uma prática agropastoril familiar.

Mas, ao contrário do que se pensava anteriormente tal prática não possuía origem no interior goiano. Apesar de ser algo totalmente distinto em relação a outras similares, não se pode nem se deve restringir o surgimento dessa recriação a um único lugar. A partir das hipóteses e do campo de possibilidades que se insere acredita-se que, com a chegada dos portugueses e suas práticas, elas iniciaram em sua transformação ainda em terras baianas transferindo-se para as cariocas considerando que era no Rio de Janeiro um dos maiores registros de devoção ao santo e uma das primeiras cidades a ter contato com a imagem de São Sebastião, levando em consideração a chegada da relíquia do santo na Baía de Guanabara durante as invasões francesas.

Como mostra o documento abaixo no Rio de Janeiro também eram encontradas práticas ligadas à Folia de São Sebastião, esta se diferenciando por

ser uma prática urbana, diferentemente da aqui estudada na região da Mata Preta no interior goiano.

O BARRANQUEIRO
SÁBADO, 27 DE JANEIRO DE 2007

FOLCLORE EM SÃO FRANCISCO | João Naves de Melo

FOLIA DE SÃO SEBASTIÃO

Na manhã do sábado 20, passando pela praça Manoel Clemente (Quebra) fechando uma caminhada pela orla do rio, deparei-me com o Locha, cercado de amigos contando causos no alto sem que ele gasta. Ebarrei e perguntei o que ele fazia por aquelas bandas e como resposta ele apontou o movimento na casa do Marciano emendando que iriam sair com a Folia de São Sebastião. Eu estava passando batido.

Não deu outra, fui para casa do Marciano e esperei a primeira saudação à bandeira de São Sebastião, antes do terno sair para a jornada até à tardinha. Diferente das outras ocasiões, quando o terno sai apenas no dia do santo, ele estava fechando o sétimo dia, pois era essa a promessa de Turbentina Friça de Brito - ela é mãe do Marciano (Rodríguez de Jesus) o imperador do terno e a promessa foi a favor dele: sair sete dias.

Feita a saudação da bandeira, com toda reverência comum aos foliões, seguiu-se a cerimônia de beijar o altar, com música especial. Depois do canto, o primeiro a beijar o altar é o imperador seguindo os foliões, em dupla. Ainda quando os versos solenes da música são piedosa: "Vou beijar! E toco a beijar! Lá na ponta do altar! Onde Deus está".

Muito cinzano para afinar a voz e dar ânimo nos braços e pernas e lá foi o terno para sua missão. Dei uma esticada à minha casa para pegar a máquina fotográfica com fim de registrar a jornada no Barranqueiro. Encontro o terno bem na frente. Tinha terminada a saudação e os foliões aguardavam o café. Separados em grupos papavam pelos cantos, contando

seus causos. Assim que entrei na sala esbarrei com Joel Pêça, espantado em um sofá, agarrado no sono - não é para menos, pois todos têm uma função de cantar e tocar e a dele é só a de virar-copo e gritar a saudação: "E viva São Sebastião!"

E viva os foliões! E viva o imperador e a imperadora! E viva os donos da casa! E toma gole.

Antes do café teve um agrado para os donos da casa uma bem dançada suça que levou para roda muitos dos presentes que não faziam parte do terno, como Zé Habão. Admirável mesmo é a alegria e a vitalidade de Henrique Quente, o excelente raboquero, que sapateia como criança apesar de seus 75 anos de idade. É um menino na vitalidade e no espírito.

O terno de Marciano e da imperatriz Elizabete Francisca de Jesus (esposa do Marciano), que leva a bandeira em suas jornadas estava composto dos seguintes foliões - violões: Marciano, Locha e Elpidio. Violas: Aniceto, José Veloso e Maurício (ele é de Curitiba - Pa. Vem à região em todas as passagens de anos para acompanhar os ternos de folias, isto já completados 9 anos). Caixa: Tonho Duro; balalaísta, João; Maromba: Vicente Quiabo; pandeiros: Valdivino e Catirino.

Foi bom ver e ouvir o Locha fazendo dupla com Vicente Quiabo (foto) cantando uma suça (um peônio para quem repetir a letra) com os violões do violão de Marciano e o denço da rabeca de Henrique Quente, isto sem falar da graça e sutileza da percussão comandada pelo Tonho Duro. É uma beleza. São Sebastião deve estar feliz com as homenagens.



Folia de São Sebastião / O Barranqueiro 27/01/2007.
Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\temati co.docpro&pesq> Pasta: Geral - Influência Cultural. Documento 120.

Tal artigo retrata a prática de uma folia urbana de São Sebastião na cidade do Rio de Janeiro já nos anos 2000. Aparentemente possui características próximas às do interior goiano, mas com uma irreverência inerente aos cariocas, como as danças e os goles retratados no trecho: *"E viva os foliões! E viva o Imperador e a Imperadeira! E viva os donos da casa! E toma gole. Antes do café teve um agrado para os donos da casa, uma bem dançada suça que levou para a roda muitos dos presentes que não faziam parte do terno como Zé Babão."*

Também podemos encontrar Folias em homenagem ao santo flechado em terras mineiras. O documento abaixo nos leva até a Zona da Mata mineira e descreve como a transformação econômica e agrícola influenciaram nas práticas festivas rurais da região, entre elas o surgimento de uma folia dedicada a São Sebastião. O documento é de 1971 e antecede ao acima citado em relação ao Rio de Janeiro, mas aqui a Folia não é conectada ao centro urbano, pelo contrário, seria uma prática festiva religiosa ligada a área rural o que a aproxima por sua vez daquela encontrada no estado de Goiás, especialmente no interior goiano. Mas o próprio artigo reconhece que a realização desta prática naquele pedacinho de Minas estaria prejudicada pelas constantes transformações da economia cafeeira e pastoril diretamente ligadas ao esvaziamento da área rural em consequência a (re)criação e a raridade com que é encontrada.

LUX JORNAL

102/103

Jornal de Fora 17 de Janeiro de 1971.

Gazeta Comercial (SUPLEMENTO)

FOLCLORE - FOLCLORE - FOLCLORE

Departamento de Folclore do Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora

Nos registros de folias encontramos sempre dois tipos: a Folia de Reis e a Folia do Divino, e sobre elas já temos escrito e transcrito alguma coisa neste suplemento.

Também temos lamentado que, em Juiz de Fora, também praticamente se extinguíram estes festejos típicos na tradição folclórica do Brasil, sobretudo nas antigas comunidades rurais, de que foi exemplo a moribunda Zona da Mata mineira.

A transformação da economia cafeeira para pastorel em nosso meio, trouxe o esvaziamento da zona rural, em consequência do que houve perdendo muita coisa interessante em matéria de usos e costumes e recreações folclóricas. Bartolomeus dos Reis e os grupos de foliões que se encontram aqui e ali. Valem ser contados nos dedos.

Alguma coisa nova, porém, vem surgindo com o tempo. A imaginação do rural e do homem do povo funciona sempre em sua criatividade. E é justamente o que nos foi dado observar há dias passando.

Sabendo segunda-feira, dia 11 do corrente, a Serra de Sabaterra, tradicional povoado de Juiz de Fora, de ricas e belíssimas tradições, passadas por três habitantes escuros, que desceram à cidade escura. Não estavam fantasiados, a não ser um que trazia um manto branco. Os dois outros carregavam instrumentos musicais: um violão e um pandeiro.

O que era? — Perguntamos. — É a folia de São Sebastião, — respondeu um mineiro da localidade, que nos acompanhava.

Era a primeira vez que ouvíamos falar em tal "folia". Interessamos-nos, então, pelo assunto.

Dizem o maneiro que já nos aza antes, tem passado por ali a Folia de São Sebastião. Que é mais simplificada do que a antiga e gera menos controvérsias de três pessoas. O movimento começa no dia de São Sebastião, e vai até o dia de São Sebastião e tem por finalidade a coleta de reser-

vos para pagamento de promessas ao pretérito santo.

E evidentemente uma novidade. Mas, por que São Sebastião?

Não seria mais lógico, entre nós, que a folia fosse em homenagem a Santo Antônio? Neste caso deveria ser constituída só de mulheres pagando promessas ao Ilustre Santo por causa de um bom casamento...

São Sebastião, porém, é muito popular no Brasil, sobretudo porque é o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, antiga capital da Corte, do Império e da República. Além disto, há muitos municípios brasileiros que ostentam o seu nome. Também há a consideração de antiga capela de São Sebastião, hoje movimentando tempo e a movimentada procissão que todo ano é realizada em homenagem ao grande santo legiãoário. Imperador Carino, chefe da primeira corte de pretorianos de Diocleciano e martir notabilíssimo da Igreja primitiva

(G. C. 17.1.1971)

UMA OUTRA "FOLIA"

WILSON DE LIMA BASTOS

Uma outra "Folia" / Gazeta Comercial 17/01/1971.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 22.

O fato é que independentemente do ponto de vista dos relatos quanto do número de fontes disponíveis não é possível delimitar onde a Folia de São Sebastião teve seu início. A única afirmação aqui passível de ser feita é que ambas dialogam no sentido da recriação de uma prática cultural religiosa externa que agora obedece a preceitos e/ou interesses regionais seguindo a lógica de devotamento de cada região.

É válido ressaltar que isso demonstra que as práticas festivas religiosas irrompem barreiras e se espalham pelo território nacional o que confirma a força e influência que o santo Sebastião exerce em relação a um país que possui na agricultura uma das maiores influências perante a economia nacional, principalmente em áreas interioranas em que a prática agropastoril familiar é predominante, ou seja, está ligada diretamente à terra e à criação de pequenas frações de animais, além de serem práticas econômicas que mantêm tais famílias dentro do contexto socioeconômico.

3.3 - SÃO SEBASTIÃO, LIVRAI-NOS DA FOME, DA PESTE E DA GUERRA

[...] ela começou de voto, com um tal de Geraldim (Geraldo), ele era um coitado [humilde]... Num tinha ela aqui no lugar não... [...] [...] ele tinha uma doença e ele, acho que ele falô que se sarasse, se São Sebastião ajudasse que ele sarasse que ele ia fazer a folia de São Sebastião, não tinha ela aqui nesse lugar, aí ele sarô e fez... aí ele pediu um almoço [...] [...] aí eu cheguei no Sr. Geraldim e perguntei que dia que era pra nois dá o almoço ou a janta, ele era gago né? Gaguejô lá e falô: "- é amanhã..." eu falei: "- é almoço ou janta?" ele: "- é almoço..." Então pode espera ocêis? Pode... Aí quando deu onze hora eles chegô, o almoço tava pronto, era poquinho gente, só o terninho mesmo, capaz que não tinha ninguém acompanhano... [só os folião mesmo - voz de Dona Maria] e o motorista... Eu não conhecia ninguém, a Maria não conhecia... Aí... [...] [...] Gabrielim (Gabriel - Capitão do terno na época) almoçô, pois doce, eles comeu, pois café, eles bebeu, aí ele me chamou: " - vem cá!" Tinha um paiolzim alí, igual esse aqui, só que era lá... "- Vem cá ocê! Cê vem cá um poquim..." Foi ele e o velho Bastião (Sebastião) que era o velho palhaço... "- Óh, aqui não tem folia não?" Eu falei: " - não!" " - Ocê vai pegar essa folia pra fazer..." Eu falei: "- eu?! " - É!" [É, nois vai passar o ramalhete, que naquele tempo era um gaim de flor - voz de Dona Maria] é, era um galho de flor... mais eu felei: "- mas nois num tem suficiêcia pra isso não..." ele falo: "- cê tem fé?" falei: "-

tenho!" "- Cê tem devoção com o santo?..." "- tenho!" Aí nois converso lá um poquim e ele falo: "- chama a esposa..." Eu chamei a Maria, ela veio, eles falo a mesma coisa... aí eu falei: "- se oceis vê que nois é suficiente... nois faz..." é... nois saiu daqui e foi deapé lá perto daquela venda, do geraldin, deapé debaixo de chuva pega ramalhete... aí nois fez ela e passo pro Divino aqui... depois passo pro meu cunhado que é o Zé, passo pro Juarez, passo pro Ora... Aí... o Leandro Camilo fez... Foi no Aguinaldo ele enterro... E óia aqui pro cê vê... Ele tomo castigo mais a muié... Aí ela fico... é um ano ou dois? [dois ano - Dona Maria] sem fazer... Aí o Arvim mais o tio Arcanjo, um barbudo que é meu tio [...] [...] veio cá num dia de serviço... "- se ocê adivinha o que nois vei fazê aqui..." eu falei: "- passeia..." "- não, meio de semana nois num passeia" disse eles, eu falei: "- não, passeia! a gente passeia quarquê dia na casa do amigo..." brincano com eles... aí Maria arrumo café, deu eles... eles falo: "- oh! nois vei cá conversa com ocê e Dona Maria pra pegar a folia de novo..." "- mas como?" aí eles explico tudo... "- ceis vai lá comigo?" "- vo..." chego lá o home falo: "- não, eu não vo faze por causa que condição eu não tenho... mas eu entrego os trem..." e ja merguió pra dentro pra busca os trem, ele (o capitão da folia) falo: "- não! o senhor vai levar lá na casa dele" [...] é igual aqui, aonde nois almoço, aquela outra casa que nois foi lá, aquele gordo [...] [...] ele falo assim pra mim... falo pra Maria que quer fazer ela um ano... é voto, num é Maria? [é - Dona Maria] pois é... é de voto! eu vo fala pra ele: "- ocê vai fazê?!" Se ele fala, eu vô... [se ele for fazê é só um ano] é... o que eu puder te ajuda eu te ajudo... e a Maria... o que cê precisa de mim e tiver nos meus arcance eu te ajudo... mais se ocê não for fazer, quinze dia antes cê me devorve ela que eu vô fazê Deus ajudano... com os poder de Deus, de São Sebastião e dos meus amigo eu faço... e otra... agora ocê que quer pagar seu voto... cê pode fazê! e ajudo ele no que eu pudé... aí nois pega ela de vorta... aí enquanto nois guentá e Deus der força nois vai fazê e os amigo... [...] [...] aí otro que quiser fazê de voto nois passa pra ele [enquanto a gente tive aguentando, né? porque a gente vai ficano véi né - Dona Maria] aí ele faz... aí ele faz e devorve pra nois de novo... [Deus ajudano enquanto a gente tive... - Dona Maria] morre... Deus ajudano enquanto nois pudé dá um coicim, nois num vai deixa ela morrê não... eu tenho muita devoção com São Sebastião! [...] (*Entrevista realizada com Senhor Cacildo Rodrigues Duarte e Dona Maria Luiza Duarte*⁹⁹ em janeiro de 2013)

⁹⁹ Senhor Cacildo e Dona Maria são festeiros da Folia de São Sebastião há vários anos e irmão, segundo eles, continuar sempre respeitando o voto de realização da festa por algum morador da região.



Sr. Cacildo e Dona Maria durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Há vários anos consecutivos que o festeiro responsável pela Folia de São Sebastião é o mesmo, o Senhor Cacildo Rodrigues Duarte, pequeno proprietário na região da Mata Preta. Segundo o próprio ele não realiza a festa por voto ou algo do gênero, e sim pela devoção que tem a São Sebastião e é sua filha Maria Helena quem geralmente recebe os foliões todas as quintas feiras que antecedem o início da peregrinação da folia em sua casa, oferecendo-lhes um farto jantar e um pouso para São Sebastião.

Como festeiro, o senhor Cacildo tem por obrigação fazer o convite a toda a comunidade e angariar fundos ou doações por meio de alimentos e/ou animais que possam ser utilizados durante o jantar do domingo, após a entrega da bandeira e do terço cantado. Para além disso, cabe a ele também organizar o cronograma de fazendas que irão percorrer por dia e em quais delas será o almoço e o jantar dos foliões.



Convite da festa de São Sebastião entregue para a comunidade. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2011.

Mas, como percebe-se na fala do próprio Sr. Cacildo a festa passou nas mãos de várias pessoas antes de ficar sob a responsabilidade dele e de Dona Maria, sua esposa, incumbidos de dar continuidade à mesma em decorrência de uma quebra de corrente, momento em que um membro da comunidade enterra a festa, ou seja, não a realiza.

Em 2014, um pedido especial foi feito ao Sr. Cacildo. Roberto havia solicitado há alguns anos um voto de realizar a Folia de São Sebastião por um ano, mas o mesmo vinha prorrogando o pagamento de tal voto havia algum tempo. E, em conjunto com sua esposa, Nilda, e a pedido de sua sogra, Dona Maria, irmã do Sr. Cacildo se tornou responsável pelas festividades deste ano, e por capricho do destino, Dona Maria veio a falecer ainda no ano de 2013. Tal fato causou uma grande comoção durante o terço e a entrega da bandeira no último dia das andanças da folia, pois ao soar da sanfona e os acordes do violão, um trecho do canto da folia foi dedicado justamente a dona Maria, aquela que sempre estava presente de forma ativa e que foi de fundamental importância para o pagamento da promessa de seu genro.

[...]

Vou cantar esse versinho (BIS)
pra aquela que não está
Vou cantar esse versinho
pra aquela que não está

(retinta)

Ela está junto de Deus (BIS)
lá de cima a nos olhar
Ela está junto de Deus
lá de cima a nos olhar

(retinta)

Foi ela quem te ajudou (BIS)
agora ajuda a entregar
Foi ela quem te ajudou
agora ajuda a entregar

[...]



Na primeira imagem Nilda se emociona com a fala de Diogo. Na segunda imagem, seu irmão Divino, conforta a esposa também emocionada. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Mais uma vez a emoção toma conta do espaço em forma de lágrimas que escorrem nos rostos de pessoas simples e de fé. E, como um estalar de dedos todos se transformam num todo, numa unidade, onde pessoas que mesmo não conhecendo aquele que já se foi partilham da mesma dor daquela

família, estendendo sua mão amiga ou com um simples silêncio acompanhado de um olhar lacrimoso demonstrando seu carinho e respeito. E, Infelizmente não fora apenas a morte de dona Maria que abalou a região. Desde o ano de 2013 uma série de perdas humanas vêm ocorrendo na região, sejam de formas trágicas ou naturais.

Todos os anos o último almoço é realizado na casa do Sr. Sinoécio e Dona Mariana. No fim do ano que se passou (2013) essa família foi marcada por uma tragédia, a morte por afogamento de um de seus netos. A princípio os foliões ficaram apreensivos, sem saber se eles os receberiam, mas ao ser questionado o Sr. Sinoécio fez questão da presença dos foliões reforçando sua devoção e demonstrando a força de sua fé perante o mártir São Sebastião. Durante todas as refeições o capitão Diogo sempre puxa uma oração agradecendo o alimento, pedindo fartura e saúde para a família que os recebe, além de louvar a São Sebastião suplicando pela proteção contra a fome, a peste e a guerra que também pode significar dificuldades a serem enfrentadas e combatidas. Sendo assim, a oração para a família do Sr. Sinoécio fora especial:

[...] Senhor Sinoécio, Dona Mariana pra nós é uma alegria estar aqui hoje com a folia de São Sebastião, a gente quer pedir a Deus que abençoe essa casa, abençoe essa família, abençoe esses alimentos que vamos tomar... Pedimos a Deus que dê força, pra família toda, a gente lamenta a perda que vocês tiveram, mas é Deus que dá força, é Deus que dá o consolo pra vocês... Que São Sebastião possa abençoar essa casa, essa família, que nunca falte o pão de cada dia nessa mesa, livrando de toda peste de todo flagelo, de todo mau e conta e qualquer perigo... Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém... Pai nosso que estais no céu... [...] [...] Que o senhor abençoe a nós e os alimentos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém... Pelos secos e molhados [Deus seja louvado - resposta dos demais foliões]... E a quem preparou [nosso muito obrigado - resposta dos demais foliões]... Viva a bela mesa [VIVA! - resposta dos demais foliões] [...] (Diogo Gonçalves Rezende- capitão da Folia de São Sebastião - oração gravada durante o almoço na casa do Sr. Sinoécio. Janeiro de 2014)



Primeira foto: Chegada dos foliões à casa do senhor Sinoécio. Segunda foto: Detalhe para o altar com imagens de sua família. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Logo após se alimentar os foliões sempre pegam seus instrumentos e tocam algumas modas como forma de agradecer a refeição e se divertir. Acanhados evitaram repetir esse gesto na casa do Sr. Sinoécio, o qual pediu para o capitão para que o fizessem, demonstrando mais uma vez a superação e o agradecimento por sua parte da presença dos foliões em sua casa. É claro que o clima não foi o mais festivo, mas mesmo que momentaneamente a dor deu lugar a um belo sorriso no rosto do Sr. Sinoécio, ele que é calejado pela vida e forte pela fé.



Os foliões tocam modas a pedido do Sr. Sinoécio. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Levando-se em consideração que as práticas festivas transformam-se, igualmente, em espaços onde as disputas, a política, a fé, a alegria, a emoção, e tantos outros sentidos e sentimentos caminham juntos e/ou coexistem, configura-se ainda em um espaço em que palhaços representam bem mais que a alegria e a irreverência como também segurança e proteção.

[...] O palhaço na folia Anderson é... assim, na Folia de São Sebastião é um pouco diferente porque como eu te falei a origem da folia é de Santos Reis, então a explicação eu vou te dá na versão de Santos Reis... Segundo... Isso aí também se você pesquisar lá em Minas lá, às vezes pode até ter outra história, mas eu já ouvi essa história de vários... vários lugares... eu acho que a mais condizente devido ao estudo bíblico... [...]

Segundo a bíblia, as profecias de Isaías e Jeremias de que o Menino Jesus iria nascer teriam se espalhado por todos os cantos, o que levou os reis Belquior, Gaspar e Baltazar a sair em sua procura para que pudessem homenagear o salvador, estes seriam os três reis magos. Cada um deles levava consigo um presente, sendo eles: o ouro, o incenso e a mirra.

Passaram pelas mais adversas situações e lugares, cortando cidades e desertos. Ao encontrar um palácio logo pensaram ser a morada do grande salvador, mas tratava-se na realidade dos aposentos de Erodes.

[...] "- ah, palácio do Rei..." até então o pensamento que o rei Jesus vai nascer dentro de um castelo, viram aquele castelo bonito, bateu, entrou: "- ah nois tamo procurando o rei..." [...]
[...] "- tamo procurando o menino que nasceu, menino que o profeta Isaías falou, tal... Menino Jesus, o Deus conosco... nós queremos, nós viemos pra adorar..." o rei Erodes bancou o esperto falou: "- ah, eu não sabia, mas quando vocês encontrar o menino vocês volta e me conta, porque eu também quero adorar esse rei Jesus..." ele queria matar o Menino Jesus porque ele não aceitava um outro rei a não ser ele... [...]

Ao encontrar o menino Jesus em uma manjedoura, junto com animais e de maneira simples para um rei, se espantaram. Mas tão logo entregaram seus presentes o adoraram e saíram anunciando e evangelizando.

[...] aí quando eles tavam voltando pra contar pro rei Erodes um anjo apareceu e falou: "- oh, não volta pelo mesmo caminho, o rei Erodes quer é matar o menino Jesus", mas aí eles já... já... e aí avisaram São José, teve um sonho que eles precisava fugir... que é bíblico também, que foi a fuga pro Egito... [...] [...] eles tiveram que fugi pra poder num matá o menino... aí um dos reis, dos três reis se mascarou, vestiu uma outra roupa e ficou nas proximidades aonde os soldados do rei do rei Erodes podiam estar fazendo tipo que paiaçada né?... botas e tudo mais né?... pra que interesse o pessoal alí do rei Erodes pra que a sagrada família fugisse... pudesse fugir... aí então esse rei... acho que é o Gaspar... que vestiu... o rei Gaspar então portanto na Folia de Reis, como a folia representa essa viagem dos reis procurando o menino Jesus... procurando onde ele tava e... aí tem várias representações, né?... como se diz,

cada lar que chega representa uma sagrada família que os reis tá chegando pra visitar... e alí eles tão levando os presentes, que os foliões levam é a cantoria e pedindo a benção... o palhaço leva a balinha, representando... quando o palhaço vê o presépio ele põe muitas balinha alí envolta do menino Jesus, ou seja, é um presente simples, mas é algo que nós temos pra ofertar, da mesma forma que os três reis ofertaram pro menino Jesus... aí ele fica sendo tipo o guia... fica sendo... representa esse que cuida do grupo, por exemplo, se tem alguma... igual nesse campo cultural tem muita questão de mal olhado, de preparar alguma coisa pra derrubar o grupo, pra amarrar o grupo alguma coisa desse sentido... igual na congada... o mascarado ele não tem identidade, por isso que tipo assim... igual, aqui na região todo mundo sabe que é o Divino, que é o Tuti que é o palhaço, mas quando é na Folia de Reis, a gente até entra um... uns três quatro folião lá onde eles tira a roupa pra sair no meio da turma pra ninguém saber... aí o palhaço não tem identidade, ninguém sabe quem é ele... [...] [...] tem outros lugares, igual a gente fala que acompanha a evolução... igual, tem capitão de folia, que é um capitão mais antigo que não deixava o palhaço, igual eles tá aqui junto com nois de jeito nenhum, entrava pra dentro de um quarto fechava a porta, igual eu que sou o embaixador, eu que buscava a comida, levava... se ele quisesse água eu que levava, ele ficava fechado... ninguém podia saber que era ele... aí lógico né... igual quando a gente fala, aquilo é pro bem... igual, não tem porque... igual aqui na região todo mundo sabe que é eles, vai adiantar eu larga eles lá fechado? que bobagem, pra que judiá? E as pessoas também tem noção igual, aqui mesmo ninguém faz coisa errada pra judiá e tal, mas tem região em Minas mesmo que a gente sabe de lugares lá que eles quer arrancá a roupa do palhaço, quer bater, quer judiá... põe alguma coisa... igual tem lugar mesmo, região... em chegada de folia, a gente trás certos elementos também pra São Sebastião, porque que tem tipo a simbologia de o palhaço olhar o arco todinho, se tem alguma coisa, se num tem... e tudo porque, tem região... aqui em Goiás já teve isso muitos anos atrás, então como a gente aprendeu, eu aprendi dos antepassado... então a gente segue mais é por tradição... tipo assim, mostrando que isso existe... olha porque tipo assim, se o dono da casa, ou o dono da folia, ou quem preparou e pois alguma coisa ali e o palhaço e os folião passou e num acho, o dono da casa vai lá e fala: não, o que eu pus ocês num acho... toma a sua bandeira e fala: acabou a folia d'oceis, tá encerrada... eu não deixo oceis ir embora mais, cabô... encerrô a festa, o que eu pus oceis num achô... [...] [...] olha pr'ocê vê o tanto que o povo era mau, pra folia ficar cantando trecho de hora, eles punha garrafão de pinga, pegava a bananeira, ocava a bananeira e punha a garrafa de pinga dentro do... como se diz, do pau da bananeira e enfeitava tudo pra... tipo assim, olhava de baixo não tem, olhava no arco não tem, uai, não tem nada não, pode passar... e tem... e hora que ia pra passar o dono da casa: opa! aqui não passa não... [...] (*Entrevista com Diogo Gonçalves Rezende. Janeiro de 2014*)

Realmente não passa bem como não passa também nenhum mal direcionado aos foliões, nem tão pouco a qualquer um que os acompanhe, pois com seu facão, diga-se de passagem de madeira, os males são cortados e mantidos à distância. Agora, o mesmo palhaço da alegria se transforma em protetor sua real função dentro de uma folia, bem como explanou Diogo.



Palhaço durante as andaças da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

É justamente durante a entrega da bandeira que este personagem importante da Folia de São Sebastião, mas que até agora se mantinha a margem durante as andanças, ganha destaque. A entrada da casa dos festeiros e/ou qualquer outro local onde a entrega da bandeira, e por consequência da folia, é realizada, é ornamentada com um grande arco por onde os foliões devem passar. Logo abaixo uma cruz feita com pétalas de rosas, pétalas que agora representam os males e obstáculos que os reis magos encontraram para chegar até o menino Jesus.

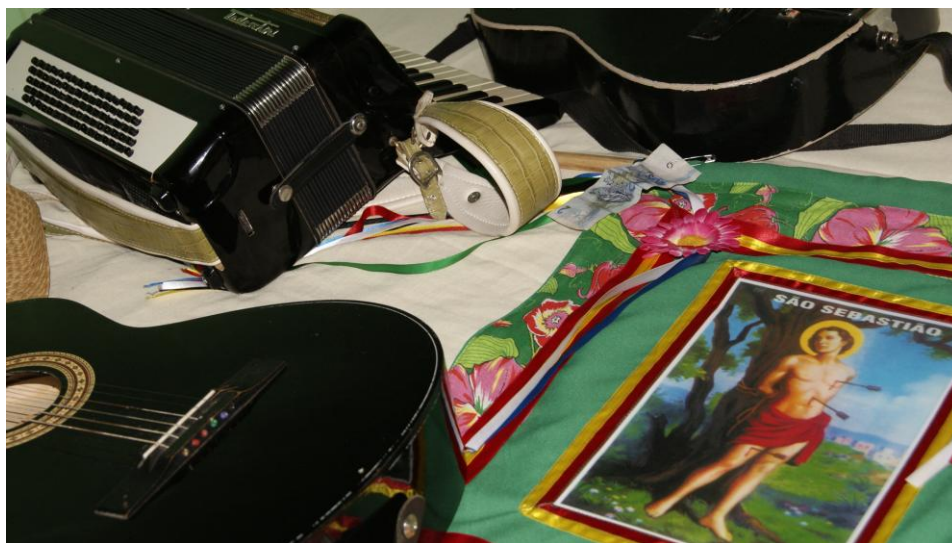
Cabe então ao protetor palhaço que livre a folia dos percalços do caminho. Com o facão ele corta e se protege dos males, e, com uma vassoura improvisada de alguns galhos ele varre todas as pétalas até não restar uma se

quer, deixando o caminho livre para que os foliões continuem seu destino e entreguem a bandeira de São Sebastião aos festeiros, para que dessa forma terminem a missão daquele ano.

Com a ordem do capitão o palhaço se retira, pois o mesmo já teria cumprido com sua incumbência, dando início agora ao momento ápice da festa, o terço cantado. Momento em que momentaneamente os olhares e os pensamentos das pessoas presentes se distanciam. Momento em que a fé se renova, que graças são pedidas e agradecidas. Momento em que São Sebastião torna-se protetor, conselheiro e amigo.

3.4 - SÃO SEBASTIÃO VAI-SE EMBORA, VAI CUMPRIR SUA MISSÃO!

Às vezes nos esquecemos que o canto também é uma fala. Uma fala repleta de emoções e significados múltiplos, pois cada pessoa a recebe de uma maneira distinta. Durante a folia inúmeros são os versos cantados para as famílias durante a visita da bandeira em suas casas, mas em grande parte solicitando que São Sebastião livre da peste, da fome e da guerra, pontos bastante enfatizados pelos foliões, como vimos.



Instrumentos tocados durante as andanças da folia guardados durante o almoço. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

As canções possuem basicamente a mesma estrutura, mudando alguns versos conforme a ocasião, mas sempre obedecendo a um determinado padrão de desenvolvimento: apresentação da bandeira e do santo àquele que o recebe (a chegada do santo na residência), pedido de proteção e/ou reafirmando a missão de São Sebastião e daquela bandeira que o representa, o pedido por donativos (o que eles denominam como esmola) e/ou o agradecimento pela doação de alguma prenda (desde animal a produtos que ajudem na realização do jantar que encerra as festividades), encerrando o canto com o agradecimento e a despedida. Mas, há casos em que a pessoa que recebe a bandeira possui voto devocional para com o santo, ou casas que estão recebendo visita durante a chegada dos foliões, o que leva o capitão a registrar esses fatos durante sua cantoria. Para melhor exemplificar analisemos o quadro abaixo:

ANDANÇAS E VISITAS		
PARTES	VERSOS	MODELO / EVENTUAL
APRESENTAÇÃO E/OU CHEGADA	Aqui vem São Sebastião (BIS) São Sebastião Glorioso Aqui vem São Sebastião São Sebastião glorioso	MD. I
	E aqui vem São Sebastião (BIS) Ele vem te visitar Aqui vem São Sebastião Ele vem te visitar	MD. II
	Senhor e dono da casa (BIS) veja que bandeira é essa Senhor e dono da casa veja que bandeira é essa (retinta)	MD. III

	<p>É o mártir São Sebastião (BIS) Tá cumprindo uma promessa É o mártir São Sebastião Tá cumprindo uma promessa</p>	
<p>PEDIDO DE GRAÇA E/OU MISSÃO A SER CUMPRIDA</p>	<p>Nos livra da peste e da guerra (BIS) e do mal contagioso Nos livra da peste e da guerra e do mal contagioso</p> <p>(retinta)</p> <p>Vem benzer a sua casa (BIS) O terreiro e as criação Vem benzer a sua casa O terreiro e as criação</p>	MD. I
	<p>Vem trazer vida e saúde (BIS) Ele vem te abençoar Vem trazer vida e saúde Ele vem te abençoar</p>	MD.II
	<p>Vem trazer vida e saúde (BIS) pra você e sua família Vem trazer vida e saúde pra você e sua família</p>	MD.III
	<p>Vem trazer vida e saúde (BIS) para toda essa família Vem trazer vida e saúde para toda sua família</p> <p>Ele vem de porta em porta (BIS) vem trazer a proteção Ele vem de porta em porta vem trazer a proteção</p>	MD. IV
	<p>Deus lhe guarde a bela prenda (BIS) que vós deu de coração Deus lhe guarde a bela prenda que vós deu de coração</p> <p>(retinta)</p>	MD. I

PEDIDO E/OU AGRADECIMENTO DE DONATIVOS	São Sebastião agradece (BIS) derramando a proteção São Sebastião agradece derramando a proteção	
	São Sebastião pede a esmola (BIS) mas não é por precisão São Sebastião pede a esmola mas não é por precisão	MD. II
	São Sebastião pede a esmola (BIS) mas não exige a quantia São Sebastião pede a esmola mas não exige a quantia	MD. III
DESPEDIDA	São Sebastião vai embora (BIS) Vai cumprir sua missão São Sebastião vai embora Vai cumprir sua missão	MD. I
	Folião já vai embora (BIS) Junto com São Sebastião Folião já vai embora Junto com São Sebastião	MD. II
	Ele pede e agradece (BIS) vai cumprir sua missão Ele pede e agradece vai cumprir sua missão	MD. III
	Ele pede e agradece (BIS) adeus até outro dia Ele pede e agradece adeus até outro dia (retinta) São Sebastião vai embora (BIS) vai guiando a companhia São Sebastião vai embora vai guiando a companhia	MD. IV

VERSOS EVENTUAIS / MÓVEIS		
CASA COM POSSÍVEIS VISITANTES	<p>Abençoa o dono da casa (BIS) e todos que aqui estão Abençoa o dono da casa e todos que aqui estão</p>	EV. I
PAGAMENTO DE VOTO DEVOCIONAL	<p>Senhora dona da casa (BIS) Põe seu joelho no chão Senhora dona da casa Põe seu joelho no chão</p> <p>(retinta)</p> <p>Vai pedindo a Jesus Cristo (BIS) Vai fazendo a oração Vai pedindo a Jesus Cristo Vai fazendo a oração</p> <p>(retinta)</p> <p>O mártir São Sebastião (BIS) que derrama proteção O mártir São Sebastião que derrama proteção</p> <p>(retinta)</p> <p>Já cumpriu a devoção (BIS) Agora pode levantar Já cumpriu a devoção Agora pode levantar</p>	EV. II
DEVOTO QUE CHEGA NO MOMENTO DA CANTORIA	<p>São Sebastião olha o devoto (BIS) que agora vem chegando São Sebastião olha o devoto que agora vem chegando</p> <p>Olha aqui ô sr. devoto (BIS) põe o seu joelho no chão Olha aqui ô sr. devoto põe o seu joelho no chão</p>	EV. III

Legenda: MD - Modelo / EV - Eventual

Como visto no quadro acima, os versos possuem basicamente a mesma estrutura de modo que se encaixem conforme o andamento da apresentação e/ou a ocasião em que se encontram. Desta forma, a canção se modifica a cada cantoria justamente pela mobilidade que os versos dispõem, ou ainda, pela rima e andamento da batida da música permitir que versos¹⁰⁰ sejam criados em determinados momentos pelo capitão para homenagear e lembrar alguém ou situação vivida. Um grande exemplo se dá na fala e no canto a seguir:

[...] No ano de mais ou menos de 1998... mais ou menos... mais ou menos um poquim... O senhor Divino Camilo e sua irmã era festeiro desta folia... Senhor Pedro Prima, deu almoço para toda sua família e visitante... No ano de 2000, veio sofrer um acidente junto com sua nora e seu filho onde ele faleceu. Sua nora ficou... ficou... bem ferida! E teve uma dessas nossa caminhada que até chegamos a pedir pra que ela pudesse... Deus devolvesse seus passo, mas não foi possível. Mas, com o esforço dela, ela fez da vida... ela fez da vida... mudou completamente sua vida, mas ela fez... hoje ela passeia, ela diverte, ela joga, ela faz tudo... Ela fez com que a vida tivesse sentido pra ela... Enquanto a gente sofre um sentimento bem menos que acho que é o dela ou às vez... Vamos pedir a Deus que nós vence, nós luta e faz que nem ela... faz a vida... hoje ela é uma trabaíadada... hoje ela faz uns docim que ela vai... doou meio quilo pra mim colocar lá na... no altar de São Sebastião, como agradecimento, mostrando pra ele que ela não parou, ela fez da vida uma profissão e diverte e tudo mais. E pro senhor Pedro Prima, eu quero que nós reza um Pai Nosso e uma Ave Maria em agradecimento... Isso aqui entrego na mão do capitão que ele coloca lá no altar... [Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém... Pai nosso que estais no céu... - voz do Capitão Diogo puxando o Pai Nosso [...]] [...] E agora... aquele dia Diogo foi você mesmo que cantô pedindo os passo pra ela, agora agradece... se você pudé cantar mais uns dois verso, agradece a Deus, por ela fazer da vida, como ela não caminha, por ela fazer da vida... seguir em frente [...]]
(Gravação da fala do Sr. Divino - Palhaço da Folia de São Sebastião, durante uma homenagem prestada pelos foliões - Mata Preta, Janeiro de 2013)

¹⁰⁰ Os versos não são fixos por completo, eles são constantemente (re)adaptados pelo Capitão da folia, como se fosse um repentista usando e abusando do improviso. É a fluidez de uma prática que emociona a cada estrofe, tendo em vista que ele (o capitão) deve estar atento a todos os acontecimentos internos ou externos à prática, bem como sinais oferecidos pelos próprios devotos de que algo estaria acontecendo e/ou um pagamento de promessa está sendo realizado. Também há versos construídos para alegrar as famílias que recebem a bandeira e/ou acalantar os corações daqueles que sofrem pela perda e pela saudade.

Senhora dona da casa (BIS)
escuta o que eu vou falar
Senhora dona da casa
escuta o que eu vou falar

Vós não pode dar os seus passos (BIS)
mas vós pode trabalhar
Vós não pode dar os seus passos
mas vós pode trabalhar

És uma pessoa feliz (BIS)
faz o bem e pode agradar
És uma pessoa feliz
faz o bem e pode agradar

O que faz pra São Sebastião (BIS)
só Jesus pode pagar
O que faz pra São Sebastião
só Jesus pode pagar

(Versos cantados por Diogo Gonçalves Rezende - Capitão da Folia. Janeiro de 2013)



Devota de São Sebastião recebendo homenagem da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

Esta fala e estes versos representam um momento de superação. Em determinada data, entre os anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000, uma família que sempre ajudara durante as festividades da Folia de São

Sebastião, seja por intermédio de doações ou realizando almoço para a companhia e seus acompanhantes, sofreu um grave acidente de carro, onde um veio a óbito e uma mulher ficou gravemente ferida e com sequelas. No ano que sucedeu o acidente, os foliões cantaram pedindo que Deus e São Sebastião a ajudassem em sua recuperação principalmente para devolver seus passos. Vários anos se passaram e infelizmente aquela mesma mulher continuou paraplégica, mas deu a volta por cima, e continuou trabalhando da melhor forma que podia, fabricando doces caseiros, sempre demonstrando felicidade no rosto. Um sorriso de superação.

Para os foliões São Sebastião não devolveu seus passos mas lhe deu forças para continuar a vida, principalmente para superar a dor da perda. Desta forma em 2013 os foliões por intermédio e sugestão do Sr. Divino (palhaço da folia) fizeram uma homenagem a tal senhora, com uma breve fala recordando o acontecido e um verso construído especialmente para ela. O que causou grande comoção tanto por parte dela e de sua família quanto por parte dos foliões e de quem os acompanhava.

Outro verso que se modifica e acompanha as emoções presentes no local são os entoados durante a entrega da bandeira onde os foliões recebem a bandeira e o passo a passo é caminhado pela canção:

ENTREGA DA BANDEIRA		
PARTE	VERSOS	FIXA / MÓVEL
INÍCIO DA ENTREGA	Pai, Filho e Espírito Santo (BIS) na hora de Deus amém Pai, Filho e Espírito Santo na hora de Deus amém (retinta) Nas horas que Deus começa (BIS) Nós começa também Nas horas que Deus começa Nós começa também	FIXA

VERSOS GERALMENTE ENTOADOS DURANTE AS VISITAÇÕES PEDINDO PROTEÇÃO	<p>Aqui vem São Sebastião (BIS) São Sebastião Glorioso Aqui vem São Sebastião São Sebastião glorioso</p> <p>(retinta)</p> <p>Livra nós da peste e da guerra (BIS) e do mau contagioso Livra nós da peste e da guerra e do mau contagioso</p>	FIXA
REAFIRMAÇÃO DE QUE A MISSÃO FOI CUMPRIDA E A BANDEIRA ESTÁ SEND O ENTREGUE / DEVOLVIDA PARA O FOLIÃO	<p>Aqui vem São Sebastião (BIS) nós acabou de viajar Aqui vem São Sebastião nós acabou de viajar</p> <p>(retinta)</p> <p>Ele foi de porta em porta (BIS) com a missão de abençoar Ele foi de porta em porta com a missão de abençoar</p>	FIXA
CHAMANDO A ATENÇÃO PARA O ARCO, O QUAL REPRESENTA UMA BARREIRA E ESTÁ AMARRADO COM UMA FITA. NESTE MOMENTO O PALHAÇO PROCURA ALGUÉM QUE POSSA DESATAR O NÓ, O QUAL DEVERÁ TAMBÉM FAZER UMA DOAÇÃO PARA FOLIA E PARA SÃO	<p>Deus lhe pague o belo arco (BIS) que fizeram pra nós passar Deus lhe pague o belo arco que fizeram pra nós passar</p> <p>(retinta)</p> <p>O belo arco tá fechado (BIS) quem será que vai desatar? O belo arco tá fechado quem será que vai desatar?</p> <p>(retinta)</p> <p>Representa a barreira (BIS) que nós temos que enfrentar Representa a barreira</p>	FIXA

SEBASTIÃO	<p>que nós temos que enfrentar</p> <p>(retinta)</p> <p>Ô desata esse arco (BIS) para o folião passar Ô desata esse arco para o folião passar</p>	
MOMENTO EM QUE A PESSOA ESCOLHIDA ENTREGA O DONATIVO AO PALHAÇO, O QUAL REPASSA PARA O CAPITÃO DA FOLIA	<p>Deus lhe pague a bela esmola (BIS) que acabaram de entregar Deus lhe pague a bela esmola que acabaram de entregar</p>	MÓVEL
REAFIRMANDO QUE É HORA DE ENTREGAR A BANDEIRA, POIS AGORA A BARREIRA REPRESENTADA PELA FITA NO ARCO FOI DESFEITA E OS FOLIÕES PODERÃO ENTRAR	<p>Ô meu nobre festeiro (BIS) veja que bandeira é essa Ô meu nobre festeiro veja que bandeira é essa</p> <p>(retinta)</p> <p>Recebe a nossa guia (BIS) pra nós acabar de chegar Recebe a nossa guia pra nós acabar de chegar</p>	FIXA
O FACÃO AQUI SURGE COMO ALGO EM QUE SE CORTA O MAL, SE DEFENDE. O PALHAÇO FEZ SUA PARTE, MAS PARA PASSAR OS FOLIÕES PRECISAM RETIRÁ-LO. (O CAPITÃO RETIRA COM UM PANO, SEM ENCOSTAR DIRETAMENTE NO OBJETO)	<p>O facão tá enterrado (BIS) bem na frente da santa cruz O facão tá enterrado bem na frente da santa cruz</p> <p>(retinta)</p> <p>Salve, Salve a Santa Cruz (BIS) que morreu meu bom Jesus Salve, Salve a Santa Cruz que morreu meu bom Jesus</p> <p>(retinta)</p> <p>Com licença meu palhaço (BIS) seu facão vou retirar Com licença meu palhaço seu facão vou retirar</p>	FIXA

AS PÉTALAS DE FLOR REPRESENTAM OS MALES ENFRENTADOS, SENDO ASSIM O PALHAÇO VARRE TODAS (SEM SEIXAR UMA PÉTALA SEQUER) PARA QUE OS FOLIÕES SIGAM SEU DESTINO ATÉ O ALTAR	Varre, Varre a Santa Cruz (BIS) para o folião passar Varre, Varre a Santa Cruz para o folião passar	FIXA
MOMENTO EM QUE TODOS OS FOLIÕES COMEÇAM A PASSAR PELO ARCO EM DIREÇÃO AO ALTAR	Rompe, rompe essa bandeira (BIS) vamos acabar de chegar Rompe, rompe essa bandeira vamos acabar de chegar	FIXA
MENÇÃO À CHUVA QUE CAIU NO MOMENTO EM QUE ESTAVAM ADENTRANDO A CASA DO FESTEIRO	Agradece essa bandeira (BIS) que agora vai chover Agradece essa bandeira (BIS) que agora vai chover Ô meus nobres amigos (BIS) deixa a chuva cair Ô meus nobres amigos deixa a chuva cair	MÓVEL
SALDANDO O ALTAR E SÃO SEBASTIÃO, NOVAMENTE FAZENDO MENÇÃO À CHUVA, QUE, SEGUNDO O VERSO, CAI DEVIDO AOS PEDIDOS FEITOS AO MÁRTIR	Salve, Salve São Sebastião (BIS) que está aqui nesse altar Salve, Salve São Sebastião que está aqui nesse altar (retinta) Tá mandando chuva do céu (BIS) para as plantação vingar Tá mandando chuva do céu para as plantação vingar	MÓVEL

<p>AGORA OS FESTEIROS COLOCAM A BANDEIRA NO ALTAR, REPRESENTANDO A CHEGADA DA FOLIA</p>	<p>Bendito, louvado seja (BIS) acabamos de chegar Bendito, louvado seja acabamos de chegar</p> <p>(retinta)</p> <p>Ô meu nobre altero (BIS) põe a bandeira no altar Ô meu nobre altero põe a bandeira no altar</p>	<p>FIXA</p>
<p>MOMENTO EM QUE OS FOLIÕES LEMBRAM O FESTEIRO DE 2014 QUE SUA PROMESSA ESTÁ CUMPRIDA E QUE AGORA ELE DEVE ENTREGAR PARA O ANTIGO FESTEIRO PARA DAR CONTINUIDADE À FESTA NO ANO SEGUINTE</p>	<p>Ô meu nobre festeiro (BIS) escuta o que eu vou falar Ô meu nobre festeiro escuta o que eu vou falar</p> <p>(retinta)</p> <p>Tá cumprida sua promessa (BIS) agora vamos entregar Tá cumprida sua promessa agora vamos entregar</p>	<p>MÓVEL</p>
<p>VERSO EM HOMENAGEM A DONA MARIA (MÃE DE NILDA, MULHER DO FESTEIRO ATUAL E IRMÃ DO FESTEIRO DE TODOS OS ANOS, O SR. CACILDO)</p>	<p>Vou cantar esse versinho (BIS) pra aquela que não está Vou cantar esse versinho pra aquela que não está</p> <p>(retinta)</p> <p>Ela está junto de Deus (BIS) lá de cima a nos olhar Ela está junto de Deus lá de cima a nos olhar</p> <p>(retinta)</p> <p>Foi ela quem te ajudou (BIS) agora ajuda a entregar Foi ela quem te ajudou agora ajuda a entregar</p>	<p>MÓVEL</p>

O FESTEIRO DEVOLVE A BANDEIRA PARA O FESTEIRO DE TODOS OS ANOS (SR. CACILDO)	Já chegou a nossa hora (BIS) essa bandeira vocês vão passar Já chegou a nossa hora essa bandeira vocês vão passar	MÓVEL
LEMBRANDO AO SR. CACILDO QUE NO ANO SEGUINTE CABE A ELE REALIZAR A FESTA E QUE ELES (OS FOLIÕES) COM ELE ESTARÃO PARA DAREM CONTINUIDADE, PEDINDO AINDA SAÚDE PARA QUE ISSO SEJA POSSÍVEL	Ô meu nobre festeiro (BIS) ano que vem vai realizar Ô meu nobre festeiro ano que vem vai realizar (retinta) Deus dá vida e saúde (BIS) para o ano nós voltar Deus dá vida e saúde para o ano nós voltar (retinta) Já fizemos a nossa chegada (BIS) põe a bandeira no altar Já fizemos a nossa chegada põe a bandeira no altar	MÓVEL
AGORA OS FOLIÕES SE DESPEDEM DO PALHAÇO, SIGNIFICA QUE A FOLIA ESTÁ SE ENCERRANDO E NÃO PRECISA MAIS DE PROTEÇÃO	Ô meu nobre palhaço (BIS) eu quero te agradecer Ô meu nobre palhaço eu quero te agradecer (retinta) Ô meu nobre palhaço (BIS) você já pode viajar Ô meu nobre palhaço você pode viajar	FIXA
RELEMBRANDO QUE NO ANO SEGUINTE A FESTA TERÁ CONTINUIDADE	Ô meu nobre folião (BIS) ano que vem nós torna a voltar Ô meu nobre folião ano que vem nós torna a voltar	MÓVEL

AGRADECENDO A TODOS QUE AJUDARAM NA FESTA, SEJA COM DONATIVOS E/OU PRENDAS, QUANTO COM ALMOÇO, JANTA E/OU TRABALHO.	O mártir São Sebastião (BIS) a vocês ele vai pagar O mártir São Sebastião a vocês ele vai pagar	MÓVEL
SIGNIFICA QUE COM UM TERÇO (REZA) ELES INICIARAM OS TRABALHOS, E COM O TERÇO IRÃO ENCERRAR	Com Deus nós começou (BIS) e é com Deus que vai terminar Com Deus nós começou e é com Deus que vai terminar	FIXA
AGADECIMENTO DIRETO A QUEM SEMPRE AJUDA A FOLIA E A FESTA ACONTECER TODOS OS ANOS, DESDE O MÁRTIR SÃO SEBASTIÃO À COZINHEIRA. AGRADECIMENTO ESPECIAL A CHUVA.	Viva São Sebastião Viva nossos festeiro Viva os festeiros do ano que vem Viva a todos que estão presentes Viva a Deus eternamente Viva os folião Viva as cozinheira Viva quem ajudou Viva o capitão Viva a chuva no telhado	MÓVEL

Após a cantoria os foliões se reúnem para rezar e agradecer mais um ano de andanças pelas estradas vicinais de Mata Preta, bem como pelas histórias de vida de todos que os receberam, já que elas se confundem e são construídas em conjunto.

[...] Nós queremos oferecer o terço nesse dia de hoje, agradecendo a São Sebastião por mais um ano e por mais uma missão realizada e cumprida, agradecer a Deus por estarmos aqui reunidos... Pedir a Deus que nos dê vida e saúde, para que o ano que vem possamos estar juntos novamente para louvar a Deus e São Sebastião... Agradecemos a São Sebastião por cada pessoa que nos recebeu, por cada família, por cada um que fez as suas doações, por cada um que nos ajudou, por cada um que esteve conosco nos ajudando nessa missão... Que São Sebastião nos livre da peste, da fome e da guerra pelo amor de Deus... Divino

Jesus, nos vós oferecemos este terço que vamos rezar contemplando os mistérios de vossa redenção, concedei-nos por intercessão de Maria vossa mãe santíssima a quem a quem nos dirigimos as virtudes necessárias para bem reza-lo e a graça de ganhar as indulgencias anexas a essa santa devoção... no primeiro mistério... [...] (*Diogo Gonçalves Rezende em sua fala inicial durante o terço de entrega da bandeira. Janeiro de 2014*)

Dizem por aí que *quem canta seus males espanta* e é seguindo esse pressuposto em conjunto com inúmeras transformações, (re) criações e apropriações por parte de um catolicismo rústico e peculiar que o terço segue também cantado de uma forma a nos envolver e nos tornar parte daquele momento.



Roberto e Nilda (emocionada) segurando a bandeira / festeiros da folia de 2014. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

Cada verso e cada rima possuem uma história e uma intenção particular. Cada nota e cada acorde são acompanhados de emoções singulares. Cada lágrima é acompanhada de lembranças, bem como cada sorriso demonstra a superação e a conquista. Resumindo-se que as canções entoadas e cantadas

durante a Folia de São Sebastião são palavras cantadas que trazem a tona memórias, histórias, ressentimentos e tantos outros sentidos e sentimentos que se perpetuam na oralidade, são as veias que transportam emoções e se torna parte vital para a continuidade de tal prática.

3.5 - FESTAS "DE" E "NA" ROÇA: ENTRE A TRADIÇÃO E O MUNDO FESTIVO MODERNO

Com passar dos anos as festas vêm se modificando, se (re)criando dentro de (res)significações religiosas, econômicas, políticas entre outros que influenciam diretamente no resultado do que chamamos de festa. Neste viés devemos levar em consideração inúmeros fatores, entre eles, o papel econômico em relação ao lucro gerado durante os dias festivos, e político nos referindo à visibilidade popular e autopromoção dentro da sociedade em que se encontra inserido, além do caráter organizacional, características constantes e importantes nas práticas festivas.

Parto do princípio que há uma divisão clara nas formas de realização e vivência das práticas festivas. Festas "de" roça, designo aquelas em que as práticas que envolvem as mesmas não sofreram uma transformação a ponto de modificar as características tradicionais. Claro que as (re)criações e (res)significações são constantes, pois acabam sendo naturais em relação ao tempo vivido. Ou, por outro lado, utilizando-se do bom português, o "de" nos levaria a pensar em algo característico daquele espaço, daquele lugar, que pertence àquele espaço, de uma região ou lugar.

Já as festas "na" roça, designo aquelas em que fatores externos, principalmente urbanos influenciaram de maneira profunda as transformações da prática, levando a mesma a perder várias características que denominamos como tradicionais, desde o sentido devocional ao profano, pois aqui, ela se apresenta como uma verdadeira válvula de escape da vida corrida dos centros urbanos uma forma de se distanciar, mesmo que momentaneamente, do trabalho e das cidades, da rotina. É quase uma festa nostálgica. Uma verdadeira reestruturação praticamente geral na prática festiva, onde o "na"

neste caso, nos levaria a pensar em uma festa que simplesmente fora realizada naquele espaço assim como qualquer festa feita na escola, na casa de um amigo, na cidade, enfim banalizando o sentido original das práticas religiosas rurais, principalmente seu caráter devocional, pois agora o ápice da festa é a diversão simplesmente, não a troca e a coexistência da fé e da sociabilidade. Aqui o profano supera o sagrado o que a descaracteriza quanto ao tradicional, nos levando a lê-la como algo passível de diferentes sentidos bem como nos afirma Mônica Chaves Abdala ao afirmar que os :

[...] Saberes e práticas cotidianas são, portanto, reapropriados, se tornam trabalhos, meios de ganhar vida, adequando-se às exigências e preceitos institucionalizados no momento contemporâneo. Como parte da dinâmica cultural de nossas sociedades, essas são expressões dos sentidos de continuidade para os atores envolvidos no processo, nas suas diferentes posições como vendedores, consumidores, funcionários de órgãos públicos que apoiam pequenos produtores, aqueles que organizam as festas, os que delas participam e os que as apóiam como agentes culturais ou pesquisadores. Possíveis continuidades nesse turbilhão vertiginoso, verdadeiro caleidoscópio de identidades heteróclitas que são o retrato desse nosso mundo "pós-moderno". [...] ¹⁰¹

Até o momento em que nos referimos em romper com o cotidiano elas, as festas "de" e "na" roça praticamente encontram-se em patamar distinto de sentidos. O santo é o mesmo, mas a partir daí inúmeros fatores nos levam a colocá-las em lados opostos. O primeiro ponto refere-se a organização. Durante a realização da festa na roça os festeiros remuneraram aqueles que por ventura trabalham nos dias festivos, havendo ainda uma área em que taxas são cobradas para a utilização das mesas, algumas disponibilizando pulseirinhas ou listas, permitindo a entrada apenas daqueles que possuem o direito à mesa, além de um número expressivo de pessoas que se deslocam para os salões comunitários, mas sempre após as missas e/ou terços, o principal foco é a comida, bebida, dança, paquera, e o principal, nesta, o valor arrecadado com a prática festiva, após retirar todo o custo da festa, apenas

¹⁰¹ ABDALA, Mônica Chaves. *Sabores da cultura popular: tradições e mudanças*. In.: MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves. (Org.). *Caleidoscópio de Saberes e Práticas Culturais: catálogo de produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: Edufu, 2007. p. 107.

uma pequena parte (isso quando acontece) é repassada para a comunidade e para a Igreja; O restante fica a cargo dos próprios festeiros.

Já nas festas de roça o ponto fundamental que se encontra é o espírito de comunhão e partilha, quando todos aqueles que trabalham durante os dias festivos não recebem nada, além da gratidão e sentimento de devolver um pouco de tudo o que São Sebastião proporcionou durante o ano todo. Não há separações entre grupos, todos encontram-se no mesmo espaço, e quando há mesas elas são disponibilizadas a todos, havendo até mesmo um rodízio de utilização das mesmas. Aqui também é grande o deslocamento de pessoas do centro urbano, mas principalmente da área rural de outras comunidades da região, em alguns momentos mantendo-se de forma modesta, apenas com os membros da comunidade em que a festa está sendo realizada e de seu entorno se tornando completa com a presença de amigos e familiares. No que tange à arrecadação todo o lucro após retirar os custos do festeiro (isso quando o mesmo o faz) é revertido em melhorias do centro comunitário e outra parte destinada a Igreja pela utilização do nome do santo (isso quando ela não tem um caráter ainda mas local em que a Igreja Católica não possui influência direta ficando o valor total para a comunidade e para a realização da festa no ano subsequente).

Por vários anos elas coexistiram praticamente no mesmo espaço, sem a real percepção de que as diferenças agora superam suas aproximações. Muitas vezes os próprios moradores do entorno das comunidades em que as festas são realizadas e pessoas do centro urbano que se deslocam para esses lugares nem se dão conta de que em alguns momentos estão em uma festa como outra qualquer, se assim podemos dizer, apenas sendo realizada em uma área rural. Uma verdadeira teatralização como se ao colocar uma botina, um chapéu, e se deslocar para a roça, as pessoas além de romper com o cotidiano poderiam pertencer mesmo que momentaneamente àquela vida rural.

Mas tais modificações drásticas e o aumento considerável do lucro festivo trazem para além do alavancar da festa problemas principalmente em relação à partilha do valor arrecadado durante os dias festivos. As características tradicionais já vinham se perdendo com o tempo, e o valor pago à Igreja por grande parte delas pela utilização do nome do santo era pequeno, pois era proporcional ao tamanho da prática festiva. Com o decorrer do tempo,

em paralelo ao aumento do número de frequentadores vêm o aumento na arrecadação algo natural. Mas o valor repassado para a comunidade e para a Igreja (quando há) ainda era baseado nas primeiras festas, aquelas de pequeno porte.

Este fator e as relações de "promiscuidade" como foram vistas pela igreja durante as práticas festivas rurais de algumas regiões do interior goiano, em especial da área rural de Catalão, acabaram fazendo com que o alto clero decidisse pelo fim das festas em algumas comunidades, ou caso queiram fazer já que os centros comunitários não possuem ligação com a Igreja não poderiam utilizar os nomes dos santos o que não seria lucrativo, pois apesar de perder seu caráter tradicional são os nomes santos que levam grande parte das pessoas a se deslocarem mesmo não participando sequer das missas e/ou terços lá realizados antes da festa propriamente dita.

A imposição da Igreja para a realização das práticas festivas em tais comunidades a partir do ano de 2014 é que estariam terminantemente proibidos de vender bebidas alcoólicas levando em consideração que o bar é uma das áreas mais lucrativas da festa, além de haver uma censura nas músicas, não podendo apresentar nenhum sinal de "promiscuidade" ou incentivo à situações que não vão ao encontro com os preceitos da Igreja.

Poderíamos dizer que as festas em algumas comunidades de Catalão-GO encontram-se, portanto em crise que pode determinar até mesmo seu fim. As (re)criações e a grandiosidade em que se tornam acabam sendo fundamentais tanto para seu sucesso quanto para o decreto de sua extinção.

Contudo, independentemente das maneiras e formatos em que os cultos e suas práticas festivas em devoção a São Sebastião, Oxossi, santo flechado, mártir Sebastião e tantas outras nomenclaturas são realizadas; se algumas são mais tradicionais que as outras se encontram dentro ou não do oficial, todas possuem um grau de importância no campo festivo religioso nacional. São momentos em que o mártir parece estar sempre presente seja qual for seu formato ou lugar.

Em todos os anos em que a pesquisa foi realizada durante o ápice das práticas festivas, seja nas festas de barraquinha logo após a missa, na Folia durante a entrega da bandeira ou na Umbanda durante a procissão, a chuva se fez presente, como se São Sebastião demonstrasse grato pela manifestação

de fé. Como se aquelas gotículas fossem lágrimas de emoção pela entrega e fé verdadeira encontrada nos olhos de cada uma das pessoas durante seus pedidos de intercessão.

A chuva tão pedida e tão esperada. As plantações que agora balançam viçosas com o vento fresco, ainda molhadas pelas gotículas de água que parecem cair milagrosamente do céu como se agradecessem a oportunidade de florescerem belas e fortes. O sorriso de uma criança ao correr pela chuva ou de um adulto ao ver que sua plantação dará bons resultados. A água que parece lavar não somente o chão, mas também a alma.

Fazendeiros rendem homenagens

a São Sebastião, santo da chuva

Mauriti - Ceará (De Domingas Martins) - Fazendeiros de Mauriti comemoram, em suas fazendas, festa em homenagem a São Sebastião, o santo da chuva, que livra da guerra, protetor das criações e dos fazendeiros. Entre 9 e 20, na fazenda, Letreiro, a 15 Km da cidade, de César Nascimento, realiza-se a verdadeira romaria. São os agregados, os vizinhos, amigos e curiosos. Pela manhã há alvorada musical e à tarde a música recomeça, prolongando-se até altas horas da noite. Um dos motivos da grande demanda é que a atividade já é uma tradição de 25 anos.

São Sebastião é reverenciado com fogos, bandeiras, muita música, bebida e missa. Todos os acontecimentos são observados e alguns considerados fenômenos, milagre do padroeiro, informam os crentes.

Fato curioso, segundo Vera, moradora do lugar, se deu quando, às 18 horas, acaram fogo ao pé do mastro e num puno branco apareceu a imagem de São Sebastião.

PROMESSA

Com seus 72 anos de idade, conversa devida e um tanto desconfiado, César

conta sua história. "Há 25 anos eu perdi, em dois meses, mais de 90 cabeças de gado. Eu ia ficando sem nada. Fiz promessa a São Sebastião de durante 12 dias festej-lo e fornecer comida para todas as pessoas que aqui comparecerem".

Para cumprir a promessa, todos os anos, são abatidos vacas, porcos e cabritos, em grande quantidade e o trabalho envolve dezenas de pessoas que atendem no mínimo dois mil visitantes.

PADRE CÍCERO

Após 33 anos de morte do Padre Cícero, pessoas de todas as idades, inclusive crianças se vestem de preto a cada dia 20 do mês, umas como gesto de pesar outras em cumprimento de voto por graça alcançada.

A promessa é feita para ser cumprida durante alguns meses, ou pelo resto da vida e o traje é simples, porque, sendo devotos, o padrinho não gosta de luxo.

O fato que já é uma tradição não só em Mauriti, como em várias cidades do Nordeste, vai até as escolas, o que foi proibido o ano passado. Apesar de os homens também usarem, porém, estas pessoas são chamadas "Beatas do Padre Cícero".

Fazendeiros rendem homenagens a São Sebastião, santo da chuva / Diário de Brasília 27/01/1977.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 24.



Uma grande festa para São Sebastião / Folha de Goiás 19/01/1982.
 Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 27.

Os documentos acima demonstram essa fé incondicional e a importância em relação à chuva. Ela que é um evento natural e fundamental para a vida humana. De norte a sul, São Sebastião se vê mergulhado em expectativas de sujeitos, quase sempre simples, que entregam seus corações e sua fé, pois em grande parte das regiões é essa devoção um dos pilares que sustenta a base de sociedades inteiras. Do pequeno ao grande fazendeiro todos se rendem aos mistérios que ligam o santo flechado e em que momentos de sol radiante e um céu azul anil, apesar de belos, mas que castigam a terra, a plantação e os animais, dão lugar a uma chuva forte de uma hora para outra, uma verdadeira tempestade de esperança.

[...] A folia emociona muito, né, o cantar da folia... Ah, lá em casa minha mãe, minha mãe foi nascida na região entre Ipameri e Urutaí... Por exemplo, meu avô recebia... eles morava na fazenda, tinha pouso de folia, janta, forró... todo ano meu avô saía com os foliões, tipo guiando os foliões o resto do dia, né?... só que na roça era a cavalo naquela época, né? Meu avô que levava: Óh fulano, cê aceita a folia aí? Óh fulano... e levava os folião nos vizim... [...] [...] E aí... hora que começa a cantá minha mãe desaba a chora, minha vó, minhas tias... Ah falo assim que a gente... eu pra te falar a verdade... eu... eu mesmo que sou folião assim, é... eu não posso concentrar muito quando eu vejo assim a dona da casa, a pessoa chorando, assim que a gente parece que entra naquele mundo alí a gente acaba emocionado... Eu sou bem chorão... [...] [...] Hora que cê canta, que pede a São Sebastião benze o seu terreiro, vem benzê a sua casa, ele vem te abençoar, vem livrar da peste, da fome, da guerra, do mal contagioso... então acaba que, tipo assim, vai de encontro com tudo aquilo que é o desejo da família [...] (Diogo Gonçalves Rezende. Entrevista realizada em Janeiro de 2013)

Aqui não há espaço para distinções. O que se percebe em todas as práticas sejam dentro do catolicismo rústico/popular e/ou oficial, seja em práticas da Umbanda, sejam ricos ou pobres, negros ou brancos, todos se sentem agraciados e abraçados pela proteção esbanjada por São Sebastião.

O que enobrece ainda mais essas práticas que possuem o santo flechado como protagonista é justamente essa multiplicidade de cultos, pedidos, agradecimentos, devoções, emoções. Até porque, seria válido

relembrarmos que o mundo é um só, porém repleto de indivíduos múltiplos que se diferem não apenas na forma física ou no sexo, mas principalmente na maneira de pensar e agir. Por que então os cultos religiosos deveriam pertencer apenas a uma religião? Por que as práticas e cultos não poderiam fugir ao padrão? Por que as pessoas não poderiam ter o direito de escolha? Por que?

E, se de alguma forma pudéssemos assemelhar as práticas festivas a um de seus personagens, o eleito seria o palhaço. Nele encontram-se mistérios e descobertas; alegria e irreverência; emoção e medo; e ao mesmo tempo que se destaca é mais um em meio à multidão.

Mas é 'um' que faz falta, assim como as várias práticas festivas espalhadas pelo território nacional principalmente no interior goiano. Às vezes parecem se multiplicar a todo vapor, mas nem sempre com as mesmas intenções e da mesma forma onde lugares que outrora se privilegiava a fé, hoje têm no econômico o principal fator de realização. Mas aqui a quantidade não resume os verdadeiros sentidos partilhados por inúmeras famílias e sujeitos que irrompem o dia e a madrugada em nome de uma sociabilidade que parece satisfazer seus anseios.

De uma maneira ou de outra as práticas festivas tradicionais e características do sudeste goiano, salvo as ponderações que outras regiões interioranas do país também se encaixam neste momento, possuem contradições que teimam em persistir e ainda bem que assim ocorre, pois é justamente essa multiplicidade que torna cada uma dessas práticas ricas em detalhes e significados que podem ou não ser partilhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A conclusão de tudo é só a morte
e não há mais epílogo nem finda.
Não se termina o verso nem o curso
mudamos à conversa interrompida.

Não findamos o verso nem acaba
o desfazer-se o mar contra esta praia.
A conclusão de tudo é só a morte,
nem o silêncio quebra a sua amarra.

Sequer há conclusão? Sequer há morte
nas palavras deixadas pelos recantos
mais sujos e perdidos do seu norte?

Amor que nos moveu no desalento,
a pátria destes versos foi só pura
imaginação por dentro da memória.

(Mas já outras canções nos estremecem:
longe do coração começa a História.)

Luís Filipe de Castro Mendes¹⁰²

O fragmento acima nos leva a pensar que este não seria o momento de conclusões, e sim apenas uma das etapas a serem percorridas pela presente pesquisa. Até porque como concluir algo se bem sabemos que nada é imutável? A sociedade, o ser humano, por consequência suas práticas são passíveis de transformações, pois estão em constante movimento. Nada é estático. Nada está pronto, mas tudo encontra-se em eterna construção e transformação. O momento é de ponderarmos o caminho percorrido até aqui.

Durante o universo de possibilidades em que vários foram os caminhos percorridos, pudemos reler as práticas e experiências de sujeitos que vivem em comunidade, obtendo como elo de ligação o santo Sebastião. Tornou-se perceptível ainda que o santo dardejado, torna-se tal elo se mesclando a um processo transformador no qual outros fatores se inserem, entre eles: o lugar, suas memórias, as experiências vividas e construídas, os valores culturais,

¹⁰² MENDES, Luís Filipe de Castro. *Finda*. In.: _____. Outras canções. Universidade de Indiana. Editora Quetzal, 1998. p. 71

políticos e sociais, mas principalmente seus vínculos identitários afetivos, e porque não morais.

Gostaria de salientar que a partir deste campo repleto de possibilidades, inúmeras inquietações foram sanadas, da mesma forma que outras emergiram durante o processo de pesquisa demonstrando que ainda há muito o que ser discutido, amadurecido e investigado. Pois, são várias as interpretações e caminhos a serem trilhados, e este é apenas o começo.

O mártir São Sebastião e as práticas festivas que o elegem como protagonista se demonstraram envolventes. É um santo no plural que emerge da mais profunda e variada forma de devoção e fé. São práticas que dentro de suas peculiaridades se interpenetram de uma forma instigante se interligando através de sentidos e sentimentos múltiplos.

Neste sentido, as práticas festivas são fundamentais do ponto de vista de uma (re)organização social, política, econômica e cultural das comunidades pesquisadas, bem como ainda, para a manutenção de vínculos afetivos e identitários. A festa vai além, ela entremeia o vivido e o construído. Ela nos transporta para um momento de rememoração, seja ele de momentos felizes como também daqueles que querem mas não são esquecidos, e nem devem ser, pois fazem parte de um processo coeso ao mesmo tempo que contraditório que mescla fé, diversão, emoção, tensão, interesses privados e coletivos, entre outros múltiplos sentidos dados a festa pelos sujeitos que por ela frequentam mesmo que inconscientemente.

Contudo, sendo a festa construída cotidianamente nos atentando aos pontos acima citados, devemos ainda levar em consideração de que mesmo momentaneamente e apesar das disputas políticas e/ou pelas buscas de espaço de visibilidade que encontram-se implícitas, a festa torna-se um ponto de união.

Ou seja, de uma forma ou de outra, o conceito de comunidade que conhecemos hoje perpassa pelas práticas festivas em seus mais variados sentidos, pois são nelas que se perpetuam e se reforçam os vínculos identitários, não apenas com o lugar, mas com tudo aquilo que nele se encontra inserido, e nesse processo o sujeito torna-se personagem principal. Para tanto, partilho das ideias de Norberto Luiz Guarinello ao afirmar que a:

[...] Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes [...]¹⁰³

Uma unidade que coexiste em torno das práticas festivas que reforçam os laços de amizade e compadrio tornando ainda mais difícil separar a vida particular da festiva desses sujeitos. É claro que a festa bem como a sociedade em que está inserida, continuará em eterna (re)construção a partir de influências internas e externas sempre se renovando e se (re)criando.

Nenhuma festa é igual, da mesma forma que nenhum sujeito é. A festa não é perfeita, da mesma forma que o mundo e as pessoas que nele vivem também não são. Mas podemos afirmar que a perfeição surge justamente a partir das próprias imperfeições que a cercam, pois nela deixamos transparecer todos nossos sentimentos que afloram naqueles três, seis, nove dias. E, da mesma forma que a festa precisa de público, nós também necessitamos dela, como se fizesse parte do que somos ou nos tornamos. Devocionais ou não. Sagradas ou profanas. Elas se fazem valer dentro do processo transformador de uma sociedade ou região. Transformam-se na ruptura e ao mesmo tempo na junção do antigo com o novo, do que já foi com o que ainda está por vir. Estão aqui e acolá. Estão onde todos nós estamos.

E, da mesma forma que as práticas festivas encontram-se em constante transformação e movimento, São Sebastião também se faz. Ariano Suassuna dizia que nada é eterno e que imortalidade encontra-se apenas nas palavras escritas e na literatura. No entanto, gostaria incluir algo: as imagens. São inúmeras as formas de representação do santo, o que de certa forma foi fundamental para a perpetuação da lenda que envolve seu nome, mas principalmente para difusão de cultos que o elege como personagem principal, pela Europa e pelo mundo.

¹⁰³ GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano*. In.: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo, Hucitec, 2001. p. 972

A pluralidade de sentidos de tais imagens surpreende, principalmente algumas formas de (re)criação do santo flechado, bem como sua trajetória de vida. Por muitos momentos me vi envolvido pelo tema que se tornou cada vez mais apaixonante, ao mesmo tempo que intrigante. O fato é que este santo plural de várias facetas, tornou-se no decorrer dos séculos o mais conhecido em todos os cantinhos da terra e cultuado das mais variadas e inesperadas formas, não permitindo se quer um controle eficaz por parte da Igreja Católica a tais práticas, as quais continuam se (re)criando e ramificando pelo país.

De Norte a Sul, de Leste a Oeste, dos Encantados aos terreiros de Umbanda, o Brasil é cortado por São Sebastião. O que torna o sudeste goiano especial em relação as práticas festivas religiosas em louvor ao mártir é a forma tal qual as mesmas se perpetuam e a capacidade de se (re)criarem diante das mais variadas adversidades. Além de se tornarem um espaço de resistência e permanência de tradições, mesmo com as influencias da modernidade do mundo atual.

Seria muita pretensão de minha parte dizer que a intenção aqui é de perpetuar determinado ponto de vista em relação as práticas festivas envolvendo o santo dardejado. Pelo contrario quero deixar claro que existem inúmeras formas de se demonstrar as pluralidades de sentidos e possibilidades que envolvem as festas em louvor a São Sebastião e esta é apenas mais uma. Mas reconheço que me sinto exultante em deixar em cada uma dessas páginas de muitas "histórias", mesmo que sejam um pequeno fragmento das memórias e das práticas de sujeitos que abriram as portas de suas casas e de se suas vidas para que tais análises e discussões pudessem ser realizadas. Reconheço ainda, que vários pontos continuam passíveis de novas análises, reforçando a riqueza do universo festivo devocional que envolvem o mártir Sebastião.

Assemelho então esta pesquisa aos caminhos vicinais percorridos pelos foliões durante a peregrinação de fé em louvor a São Sebastião. Caminhos vicinais de histórias múltiplas e envolventes. Estradas que desembocam no inesperado. Uma verdadeira aventura ao percorrer caminhos sem destino certo, apenas seguindo os rastros de muitas memórias. E, se por ventura alguma porteira estava fechada, bastou-me apenas "arregaçar as mangas" e trabalhar duro, mas ciente de que ainda há muito a ser desvelado e porteiros

que protegem tantas outras histórias a serem abertas. O trabalho não se encerra aqui.

ORAÇÃO A SÃO SEBASTIÃO

Glorioso mártir São Sebastião,
soldado de Cristo e exemplo de cristão.
Hoje nós viemos pedir vossa intercessão
junto ao trono do Senhor Jesus, nosso
Salvador, por quem destes a vida.
Vós que vivestes a fé e perseverastes
até o fim, pedi a Jesus por nós para
que nós sejamos testemunhas
do amor de Deus.
Vós que esperastes com firmeza nas palavras
de Jesus, pedi a Ele por nós para que
aumente nossa esperança
na ressurreição.
Vós que vivestes a caridade para com os
irmãos, pedi a Jesus para que aumente nosso
amor para com todos.
Enfim, glorioso mártir São Sebastião,
protegei-nos contra a peste,
a fome e a guerra; defendei nossas
plantações e nossos rebanhos que são
dons de Deus para o nosso bem, para
o bem de todos.
E defendei-nos do pecado que é o maior
mal, causador de todos os outros.

FONTES DOCUMENTAIS

ENTREVISTAS:

1 - José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão – GO. 18 fevereiro/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

2 - Nilda Jacinta Rosa / Davinópolis – GO. 03 março/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

3 - Sebastiana Felix Simão e Jadir Ferreira Simões – Comunidade Lagoinha / Catalão – GO. 19 fevereiro/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

4 - Diogo Gonçalves Rezende / Catalão-GO. 19 de Janeiro/2013 - 20 de janeiro de 2014.

5 - Alcides José da Silva / Campo Alegre de Goiás-GO. 25 de julho/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

6 - Sebastião Pereira da Silva / Campo Alegre de Goiás-GO. 12 de fevereiro/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

7 - Fátima Conforte / Campo Alegre de Goiás-GO. Dezembro/ 2012.

8 - Noemízia Rosa Portaluppi, trecho retirado do filme Festa de São Sebastião, uma produção Sefac, com a realização da Prima comunicações. 16'24".

9 - Carol Santin / Campo Alegre de Goiás-GO. 20 de Janeiro/2013.

10 - Elza Francisca Braga de Souza / Mata Preta - Catalão-GO. 20 de Janeiro/2009. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

11 - Cacildo Rodrigues Duarte e Dona Maria Luiza Duarte / Mata Preta - Catalão-GO. 19 de Janeiro/2013.

MÚSICAS:

1 - Milagre da Flecha / Moacyr Franco. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/moacyr-franco/o-milagre-da-flecha.html>>

2 - Canção dos Encantados. p. 63 (COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos Encantados: Identidade e Religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA*. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008. p. 114/116.)

3 - Ladainhas entoadas durante as andanças da Folia de São Sebastião na Mata Preta, município de Catalão-GO. Janeiro/2013/2014.

MAPAS:

1- Mapa de localização aproximada das comunidades rurais de Catalão. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

2 - Mapa do período colonial.

Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/04/10-fatos-que-marcaram-o-brasil-colonial.html> Adaptação: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

3 - Mapa: Trilhas de São Sebastião I. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

4 - Mapa: Trilhas de São Sebastião II. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

5 - Mapa: Trilhas de São Sebastião III. Construção de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

6 - Mapa ilustrativo das regiões afetadas pelo empreendimento Seca do Facão Energia S.A.. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC, adaptada por: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2011.

IMAGENS:

1 - St Sebastian Thrown into the Cloaca Maxima / Ludovico Carraci. 1612.

2 - Estátua em mármore de São Sebastião (1672), obra desenhada por Gian Lorenzo Bernini e feita pelo escultor Giuseppe Giorgetti. Basílica São Sebastião *ad catacumbas*, Roma.

3 - São Sebastião intercede pela praga golpeado / Josse Lieferinxe. 1497-1499.

4 - O Martírio de São Sebastião / Guido Reni. 1616. Fonte: <http://www.artesubversao.com/2013/07/arte-italiana-no-rio.html>

5 - Faixa fixada em frente a Igreja de Nossa Senhora de Copacabana e Santa Rosa de Lima, Copacabana, Rio de Janeiro-RJ. Julho de 2013. Imagem de OLIVEIRA, Anderson. A. G. de.

6 - Guia turístico e histórico da cidade do Rio de Janeiro, viagem pitoresca através do tempo / Glauco Rodrigues. 1979.

7 - Tião do Brasil / Glauco Rodrigues. 1980.

8 - São Sebastião Hedonista / Glauco Rodrigues. 1983.

9 - Capa do disco *Caça à Raposa* / João Bosco. Gravura de: Glauco Rodrigues. 1975.

10 - San Sebastian / Benozzo Gozzoli. 1465.

11 - Sebastian / Sandro Botticelli. 1473.

12 - St. Sebastian / Antonello da Messina. 1476.

13 - O Martírio de São Sebastião / Hans Memling. 1479.

14 - St Sebastian / Raffaello Sanzio. 1501–1502.

15- St. Sebastian / Francesco di Giovanni Botticini. 1505.

16 - O Martírio de São Sebastião / Hans The Elder Holbein 1516.

17 - Martírio de St. Sebastian / Albrecht Altdorfer. 1518.

18 - San Sebastián / Agnolo Bronzino. [1525](#).

19 - St Sébastien martyr / Guido Reni. 1620.

20 - São Sebastião / Popular 'santinho' / Artista desconhecido

21 - Imagem de São Sebastião na Comunidade Lemes, município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

22 - Relíquia / relicário em forma de braço de Lorenzo Ghiberti. Fonte: <http://www.artesesubversao.com/2013/07/arte-italiana-no-rio.html>

23 - Visita da Relíquia de São Sebastião (o que acreditam ser um fragmento do osso e da carne do santo) a Campo Grande em comemoração aos 05 anos da paróquia daquele lugar. É a primeira vez desde a colonização que a mesma deixa o santuário de São Sebastião no Rio de Janeiro-RJ. Fonte: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento/misterio-e-milagre-fe-une-fieis-durante-visita-das-reliquias-de-sao-sebastiao>

24 - Oxóssi (<http://tzaradaestrela.blogspot.com.br/2012/01/salve-oxossi.html>)

25 - Quadro confeccionado por dona Fátima Conforte retratando sua antiga casa, hoje compondo uma das áreas afetadas pelo empreendimento da Usina Hidroelétrica Serra do Facão. Campo Alegre de Goiás-GO. Imagem de OLIVEIRA, Anderson A. G. de. 2014.

26 - Festa em louvor a São Sebastião no município de Campo Alegre de Goiás-GO em janeiro de 2013. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de.

27 - Preparação da bandeira de São Sebastião e de uma leitoa, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.

28 - Preparação de quitandas para o café da tarde e para o leilão da festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.

29 - Nilda (festeira de 2014) e Maria Helena (filha do Sr. Cacildo) se abraçando durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

30 - Devoto emocionado beijando a bandeira de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

31 - Leiloeiro e um conjunto musical durante a festa de São Sebastião, região de Boqueirão de Cima, zona rural do Município de Davinópolis-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC. 2009.

32 - Dia da chegada dos foliões na região de realização da festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

33 - Transporte usado para a locomoção dos foliões durante os dias festivos. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

34 - Jantar oferecido aos foliões e toda a comunidade no último dia de festa. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

35 - Devotos de São Sebastião recebendo a bandeira para um terço em sua residência, um dia antes do termino das festividades. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

36 - Sr. Cacildo e Dona Maria durante a entrega da bandeira. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

37 - Convite da festa de São Sebastião entregue para a comunidade. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2011.

38 - Nilda (festeira da Mata Preta de 2014) se emociona com a fala de Diogo. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

39 - Divino, conforta a esposa também emocionada. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

40 - Chegada dos foliões à casa do senhor Sinoécio. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

41 - Detalhe para o altar com imagens de sua família. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

42 - Os foliões tocam modas a pedido do Sr. Sinoécio. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

43 - Palhaço durante as andanças da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

44 - Instrumentos tocados durante as andanças da folia guardados durante o almoço. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

45 - Devota de São Sebastião recebendo homenagem da folia. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.

46 - Roberto e Nilda (emocionada) segurando a bandeira / festeiros da folia de 2014. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2014.

ARQUIVOS/JORNAIS

01 - S. Sebastião-Oxossi: os dois cultos paralelos da cidade / Diário Carioca 20/01/1964. Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Geral - santos. Documento 70.

02 - Os Caminhos da Fé / Jornal do Brasil 10/09/2000.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Geral - festas religiosas. Documento 137.

03 - Matéria divulgada no site do empreendimento Serra do Facão, informando a entrega dos DVD's para os moradores da região de Anta Gorda.

Fonte: <http://www.sefac.com.br/index.php?arq=noticias&op=5&id=52>

04 - Folia de São Sebastião / O Barranqueiro 27/01/2007.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Geral - Influência Cultural. Documento 120.

05 - Uma outra "Folia" / Gazeta Comercial 17/01/1971.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 22.

06 - Fazendeiros rendem homenagens a São Sebastião, santo da chuva / Diário de Brasília 27/01/1977.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Festa de São Sebastião. Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 24.

07 - Uma grande festa para São Sebastião / Folha de Goiáz 19/01/1982.

Fonte: Museu de Cultura Popular, Rio de Janeiro-RJ.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=g:\Trbs_S\Funarte\tematico.docpro&pesq> Pasta: Festa de São Sebastião. Documento 27.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Marta. *Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, V. 07, n.14, 1994.

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. Boletim Tempo Presente. Rio de Janeiro, UFRJ, V. 19, 2009.

ALVES, Paulo César, (Org.). *Cultura: múltiplas leituras*. Bauru, SP: Edusc, 2010.

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo - FFLC, São Paulo, 1998.

ANTELO, Raul. *A imanência histórica das imagens*. In.: FLORES, Maria Bernardete Ramos; VILELA, Ana Lucia Vilela (Org.). *Encantos da imagem: estâncias para a prática historiográfica entre história e arte*. Letras Contemporâneas, 2010.

AQUINO, Maurício de. *O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação* (The concept of Romanization of Brazilian Catholicism and the historical approach of the Liberation Theology) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n32p1485. HORIZONTE, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1485-1505, dez. 2013. ISSN 2175-5841. (disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n32p1485/5849>)

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é Cultura Popular*. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1988.

ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos e MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Prelúdio: travessias e (in) certezas às margens do rio São Marcos*. In.: São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Maria Clara Tomaz Machado, Mônica Chaves Abdala (Org.) – Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

AUMONT, Jacques Marie Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto e Grafia Ltda, 2009.

AZZI, Riolando. *Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil*. In: *Religião e Sociedade*. n. 01. 1997

BAECHLER, Jean. *Grupos e Sociabilidade*. In.: BOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Hucitec; Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BARROS, José DAssunção. *A história cultural e a contribuição de Roger Chartier*. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005

BARROS, Manuel de. *Concerto em céu aberto: para solos de ave*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRANCALEONE, Cássio. *Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies*. (disponível em: <http://www.iuperj.br/publicacoes/forum/csoares.pdf>)

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: *Obras escolhidas: magia, técnica/ arte, política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMAN, John. *A construção social da realidade*. 7. edição. Petrópolis: Vozes, (Antropologia), 1987.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: propostas para uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. *O autor no cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERKENBROK, Valney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 53-54.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BURMESTER, Ana Maria de O. *A História Cultural: Apontamentos, considerações*. In: *Revista Artcultura*. Uberlândia: NEHAC/UFU, n. 6, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas. Papiрус, 1989.

_____. *Prece e folia: festa e romaria*. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2010.

_____. *No Rancho Fundo: espaços e tempos no mundo rural*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

_____. *O afeto da terra*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

BRITO, Selma de Sousa. *Diálogos e sincretismos na atualidade: o glorioso São Sebastião visita o Mansu Nangetu durante trezena de Santo Onofre. Anais dos Simpósios da ABHR. Religião, carisma e poder: As formas da vida religiosa no Brasil, São Luís, UFMA, 2012. V. 13.* (disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/450/361>)

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: como entrar e sair da modernidade.* São Paulo: EDUSP, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.* São Paulo, 8ªed. Ed. 34, 1997.

CARDOSO, Vinícius Miranda. *Emblema Sagitado: Os Jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, Séculos XVI-XVII.* Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História, na Área de Concentração em Estado, Cultura Política e Ideias.Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* 6. ed. - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

CASTRO, Hebe. *História Social.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Laura Viveiros de. *Cultura popular: um olhar sobre a cultura brasileira.* Brasília: MEC, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.* São Paulo: Cortez, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer.* 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *A operação histórica.* In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre (Org.). História: novos problemas, 3 ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. Editora, 1988.

_____. *A Cultura no plural.* São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *O mundo como representação.* Estudos Avançados. São Paulo, USP, 11(5), 1991.

_____. *A história ou a leitura do tempo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CORREIA, Iara Toscano. *Caso João Relojoeiro: um santo no imaginário popular.* Uberlândia: Edufu, 2004.

_____; OLIVEIRA, Nairana Zanuto. *Davinópolis: uma mesopotâmia no sudeste goiano.* In.: São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura.

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Maria Clara Tomaz Machado, Mônica Chaves Abdala (Org.) – Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos encantados: Identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro - Buerarema, BA*. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2008.

CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2010.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras Frestas – ensaio de História social da Cultura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

DAVIS, Nathalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da idade moderna*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DE VERAZZE, Jacopo, Arcebispo de Gênova, c, 1229-1298. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo-SP, Editora Brasiliense, 1994

DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. Projeto História, São Paulo, nº07, novembro, 1998.

DIEHEL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru – SP: EDUSC, 2002.

DUTRA, Bruno Rodrigo. *"São muitas Bandas de uma só" - Identidade religiosa da Umbanda - Estudo de caso na casa "O Além dos Orixás": Contagem-MG*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

DUTRA, Eliane de Freitas. *A memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares*. São Paulo: Revistausp, n. 98, Junho / Agosto 2013.

DUTRA, Roger Andrade. *Da historicidade das imagens à Historicidade do cinema*. Revista Projeto História. São Paulo, n. 21, 2000.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das Ciências e da Filosofia das Imagens*. Rio de Janeiro: Difel 2004.

DURHAN, Eunice R. *Família e reprodução humana*. In.: Revista Perspectivas Antropológicas da Mulher. n. 3, Rio de Janeiro; Zarar, 1978.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Ed Unesp, 2008.

EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado. (Org.). *Modernização excludente*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

Entrevista com Alessandro Portelli. *História oral e memórias*. In.: HISTÓRIA & PERSPECTIVAS, n. 25 e 26 – jul./dez. 2001/jan./jun. 2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

ESPIG, Márcia Janete. *Limites e possibilidades de uma nova história cultural*. In: LocusJF: EduFGF, n. 6, v. 4, 1998. p. 7-18.

FERRETI, Mundicarmo. Encantados e encantarias no folclore Brasileiro. Anais do VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano. *Festas e batuques do Brasil*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; VILELA, Ana Lucia (Org.). *Encantos da Imagem: Estâncias para a prática historiográfica - Entre História e Arte*. Blumenau-SC: editora Letras Contemporâneas, 2010.

FRANÇA, Vera Regina Veiga (Org.). *Imagens do Brasil*. Modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FURTADO, João Pinto. *Escrever por imagens. Notas sobre filmes históricos e narrativas historiográficas*. In: CARDOSO, Heloísa Pacheco; PATRIOTA, Rosângela Ramos. (Org.). *Escritas e narrativas históricas na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e Agricultura no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1997.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano*. In.: JANCSÓ, István; KANTOR. Íris (Org.) *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec; Imprensa Oficial; Fapesp, 2001.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *História e Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1ª edição atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

_____. *Identidade cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional n. 24, 1996. p.68-75

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2 ed., São Paulo: Paz e Terra(Filosofia), 1985.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Um mosaico chamado Catalão: histórias escritas, vividas e recriadas*. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (Org.). São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, memória e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 29-40.

_____. *Foi assim que me contaram: Recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na festa de N. Srª. do Rosário (Catalão- 1940-2003)*. Brasília: UNB, 2009 (doutorado em História).

_____. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (1936- 2003)*. Uberlândia: UFU, 2004. (Mestrado em História)

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUCRIO, 2006.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins; MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão (Org.). *Os espaços da história cultural*. Sobradinho/DF: Paralelo 15, 2008.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *História: novos problemas*. 3 ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves: Editora, 1988.

_____. *História e memória*. 2. ed.Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LEHMANN, João Batista, Sacerdote da Congregação do Verbo Divino. *Na luz perpétua: Leituras religiosas da Vida dos Santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo cristão*. Juiz de Fora-MG. Livraria Editora Lar Católico, 1956.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer História com imagens. In: PARANHOS, Kátia. et. al. (Org.). *História e imagens: textos visuais e práticas de leituras*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

LIMA, Lana Lage da Gama; HONORATO, Cezar Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa; SILVA, Francisco, Carlos Teixeira da Silva (Org.) *História e Religião*. Revista VIII Encontro Regional de História - Núcleo Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ: FAPERJ. Mauad, 2002;

LINS, Consuelo; REZENDE, Luiz Augusto. e FRANÇA, Andréa. *A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 21, p. 56 – 67, 2011.

LOPES, Rodrigo Barbosa. *Olhares sobre a Umbanda: o cultuar de orixás na e pela cidade de Uberlândia*. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

LOWENTHAHL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História: Trabalhos da História. V. 17, jul. / dez, São Paulo-SP: PUC-SP, 1998.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Serra do Facão: na encruzilhada dos sertões*. In.: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (Org.). São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, memória e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

_____; ARAUJO, Kalliandra de Moraes Santos. *Prelúdio: travessias e (in)certezas às margens do Rio São Marcos*. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz. e ABDALA, Mônica Chaves. (Org.). *São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: Edufu, 2010.

_____; FREITAS, Marcos Vinicius. *Entre tradição e modernidade, a música de Pena branca e Xavantinho: um elo entre passado e presente*. In.: História e cultura popular: saberes e linguagens. Newton Dângelo, organizador. – Uberlândia: EDUFU, 2010.

_____; ABDALA, Mônica Chaves. (Org.). *Caleidoscópio de Saberes e Práticas Culturais: catálogo de produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: Edufu, 2007.

_____. *Folia de Reis: Liturgia do Povo recriando o Mistério da Vida*. In _____; PATRIOTA, Rosângela. Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação.

_____. *(Res) significações culturais, no mundo rural mineiro: o carro de boi - do trabalho às festas*. Revista Brasileira de História, V. 26, nº 51, p 25 – 45, 2006.

_____. *Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: _____, *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-346;

_____. *Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: História e Cultura: Espaços Plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-346.

_____. *Pela fé: a representação de tantas histórias*. Estudos de História, Franca, v. 7, n. 1, p. 51-63, 2000;

_____. *Pela Fé: A Representação de tantas histórias*. Estudos de História, nº 01, 07 Vol, Franca:Unesp, 2000.

_____. *Religiosidade no Cotidiano Popular Mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas*. Revista História e Perspectiva. UFU. n 22, jan./jun. Uberlândia-MG, Edufu, 2000;

_____. *O amálgama da crença no cotidiano popular mineiro: a fé e o festar*. in.: Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio (Rhema). Volume 4. Nº 16. Juiz de Fora-MG, 1998.

_____. *Cultura Popular e desenvolvimento em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo*. São Paulo: USP, 1998. (tese de doutorado).

_____. *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. Tese do Programa de Pós-graduação em História pela Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Cultura Popular – em busca de um referencial conceitual*. In: Cadernos de História. Uberlândia: Edufu, nº 05, 1994.

MAGNANI, J. G. C. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1991.

MANGUEL, Alberto. *O espectador comum: a imagem como elo narrativo*. In: Lendo imagens. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. - 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

MARTINDALE, Andrew. *O Renascimento*. Universidade de East Anglia: Editora Expressão e Cultura, 1966.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. *A Produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão (GO)*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2005.

MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MORAIS, Mariana Ramos de. *Nas teias do sagrado: registro da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG: Espaço Ampliar, 2010

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em história do departamento de história da PUC-SP, n. 10, dez/1993.

NOVA, Cristiane. *A "história" diante dos desafios imagéticos*. Revista Projeto História, São Paulo, PUC, (21), Nov. 2000. NUNES, José Walter. Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram. In: LAVERDI, Robson e outros (Org.). *Práticas sócio-culturais como fazer histórico*. Cascavel – PR: Editora Unioeste.

OLIVEIRA, Anderson A. G. de; KATRIB, Cairo M. I.. *Cotidiano (re)inventado: sociabilidades e relações de vizinhança no entorno do rio São Marcos em Goiás*. In.: Cadernos de Pesquisa do CDHIS. Revista do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. Vol 25, n.1 - jan.-jun. de 2012. Uberlândia-MG: EDUFU, 2012.

_____; KATRIB, Cairo M. I. *Comemorar/festar: sons, batuques, louvações e rememorações*. In.: São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Maria Clara Tomaz Machado, Mônica Chaves Abdala (Org.) – Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARANHOS, Kátia; LEHMKULL, Luciene. e PARANHOS, Adalberto. (Org.). *História e imagens: textos visuais e práticas de leituras*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

PASSOS, Mauro. *Catolicismo popular: o sagrado, a tradição e a festa*. In: _____. *Festa na vida: Imagens e significados*. Petrópolis: Vozes, 2002; _____. *Festa na vida: Imagens e Significados*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PELEGRINI, Sandra. *Patrimônio Cultural: consciência e preservação*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Indagações sobre a História Cultural*. In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU. Nº 03, 2001. PESAVENTO, Sandra J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

_____. *Imagens, memórias, sensibilidades: território do historiador*. In.: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens na História*. São Paulo. Aderaldo & Rothschild, 2008.

POMIAN, K. *Memória/ História*. Porto – Portugal: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1978.

POEL, Francisco van der (Frei Chico). *Os Homens da dança: Religiosidade Popular e catequese*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986;

PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 1994.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: editora Ática, 2004

RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA Rosangela. MATOS, Maria Izilda Santos de. (Org.). *Olhares sobre a História*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

_____; PATRIOTA Rosangela. e PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *Imagens na história*. São Paulo: HUCITEC, 2008.

_____; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes. e PATRIOTA, Rosangela Ramos. (Org.). *Criações artísticas, representações da História*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário*. São Paulo: SENAC, 2008.

RAMOS, José Mário de Ortiz. *A ficção audiovisual no Brasil da década de 1990*. Nos meandros do local e do global. *Revista Projeto História*, PUC/SP, São Paulo, (24), Jun, 2002.

REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. *O espaço, o sagrado e o profano*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro:EDUERJ, 1999.

ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2010. KEMP, Philip. (Org.). *Tudo sobre cinema*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento: Seis Ensaios da História das Ideias*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

ROSSINI, Miriam de Souza. *O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico*. In: LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta. e PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006, p. 28.

_____. *As marcas do passado: o filme histórico como efeito do real*. Porto Alegre, 1999. (Tese Doutorado em História/ UFRGS).

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Tradução de asta-Rose Alcaide – Brasília: editora Universidade de Brasília. 2007.

SANTOS, Anselmo José da Gama. *Terreiro Makambo: espaço de aprendizagem do legado banto no Brasil*. Brasília: FCP, 2010.

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. *A escrita Hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos*. Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. (disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf)

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva, trauma e cultura: um debate*. São Paulo: revistausp, n. 98, Junho / Agosto 2013.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SARLO, Beatriz. *A imaginação do futuro*. In: Paisagens imaginárias. São Paulo: Editora USP, 1997. DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência*. In.: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. nº 0 (1981). São Paulo: EDUC, 1981

SELLIN, Kátia Cristina Pelegrino. *Festas do Interior*. São Paulo: All Print Editora, 2011.

SILVA, Raquel Marta da Silva. *Chico Xavier: Imaginário religioso e representações simbólicas no interior das gerais - Uberaba, 1959/2001*. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2002;

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito (1903)*. Mana, Out 2005, V. 11, no.2, p.577-591 (disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georges_grandes_cidades_e_vida_do_esp_rito.pdf)

_____. *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico- semântico do vocabulário umbandístico*. Revista Philologus, ano 13, Nº 39, 2002. (disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/39/05.htm>)

SOUSA, Marcos Timóteo Rodrigues de. *População e ambiente: elementos demográficos na análise do território*. São Paulo: Plêiade, 2006. p 53 à p 57.

SORLIN, Pierre. *Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das letras. 1988.

_____. *Folclore, Antropologia e História social*. In.: As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios. Campinas/SP: Unicamp, 2001.

THOMPSON: Paul. *Voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

VENÂNCIO, Marcelo. *Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Catalão (GO)*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia. Uberlândia-MG, 2008.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Editora da UNB, 1982.

WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e terra, 2008.

_____. *As alegorias do subdesenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ANEXOS:



São Sebastião / Capela de São Sebastião. Folia de São Sebastião da Mata Preta, no município de Catalão-GO. Foto de: OLIVEIRA. Anderson A. G. de. Janeiro de 2013.



Obra: Heiliger Sebastian
Artista: Gerrit van Honthorst
Ano: 1623
Local: London Nat. Gal



Obra: Saint Sebastian Martyr
Autor: Augustin Théodule Ribot
Ano: 1865
Local: Paris



Obra: Juízo final (São Sebastião em destaque segurando uma das flechas que teriam ferido seu corpo)

Ano: Iniciado em 1536 e concluído em 1541

Artista: Michelângelo

Local: Capela Sistina - Vaticano



Obra: Martírio de São Sebastião
 Autor: Gregório Lopes
 Ano: 1536
 Informação adicional: Painei Protomaneirista



Obra: Martírio de São Sebastião
 Autor: Cândido Portinari
 Local: Igreja Matriz do Bom Jesus da Cana Verde em Batatais



Obra: Saint Sebastian in a Landscape
Autor: Jean Baptiste Camille Corot
Ano: 1853
Local: Walker Art Center (Minneapolis, Minnesota, USA).



Obra: St. Sebastian
Autor: Francesco di Gentile
Local: Musée des Beaux / Arts in Lille



Obra: Saint Sebastien
Autor: Franz Baden
Data: XVI sec.
Local: Amsterdam



Obra: St. Sebastian Healed by St. Irene
Autor: Georges de la Tour
Ano: 1649
Local: Museu do Louvre



Obra: St. Sebastian
Artista: Girolamo Siciolante da Sermoneta



Obra: St. Sebastian hold by Angels
Autor: Giulio Cesare Procaccini
Local: Milão



Obra: St. Sebastian

Autor: Guido Reni

Ano: 1625

Informações adicionais: Leiloado na Christie, New York, 2004



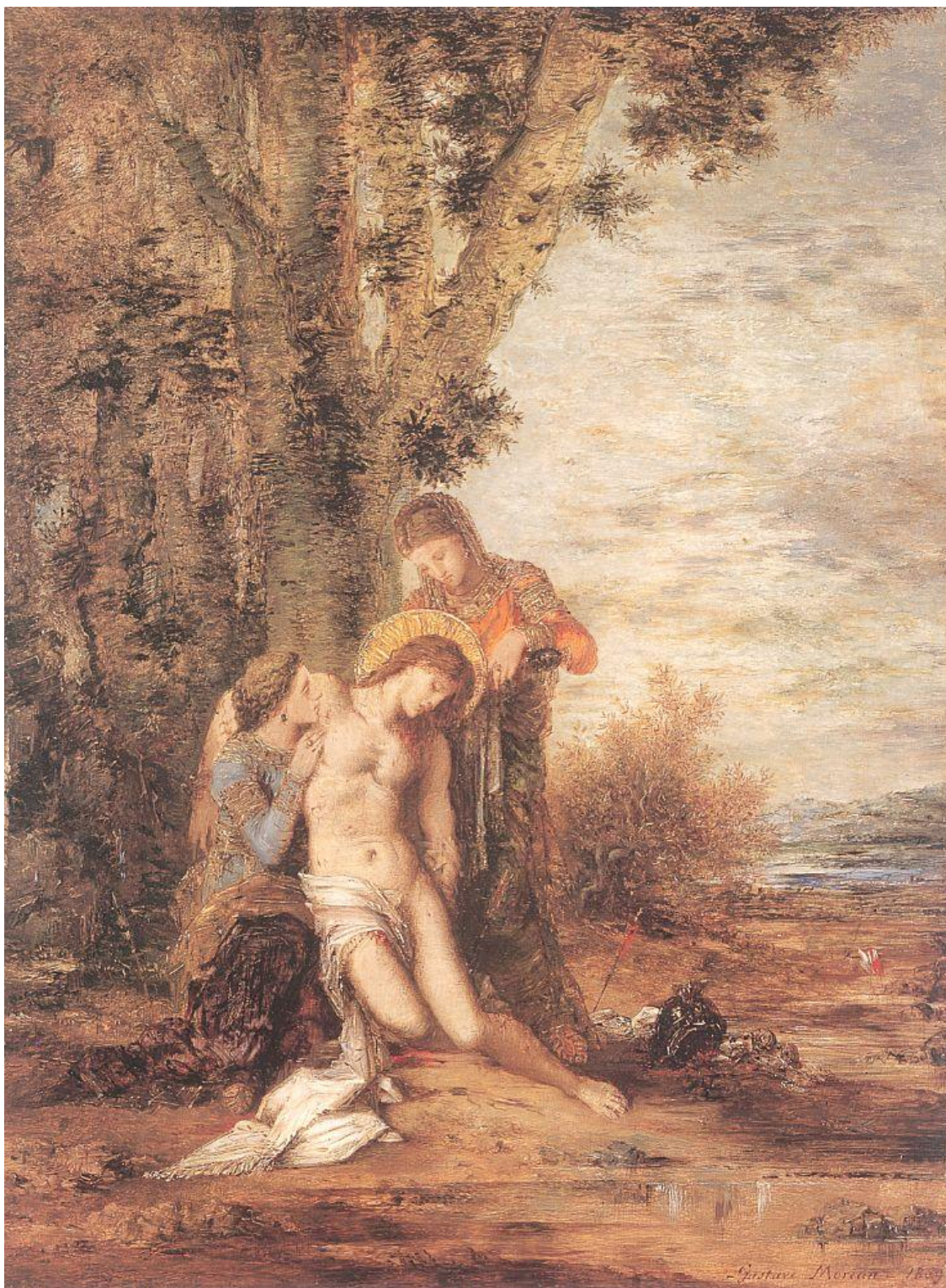
Obra: Morte de St. Sebastian
Autor: Josse Lieferinxe
Ano: 1497
Local: Philadelphia Museum of Art Pensylvani



Obra: St. Sebastian
Autor: Vicente Macip
Ano: 1540-1545.
Local: Museu de Belles Arts de València (Spain)



Obra: St. Sebastian
Autor: Mattia Preti
Ano: 1660
Local: Museo Capodimonte Napoli



Obra: São Sebastião e as Santas Mulheres

Autor: Gustave Moreau

Ano: 1869

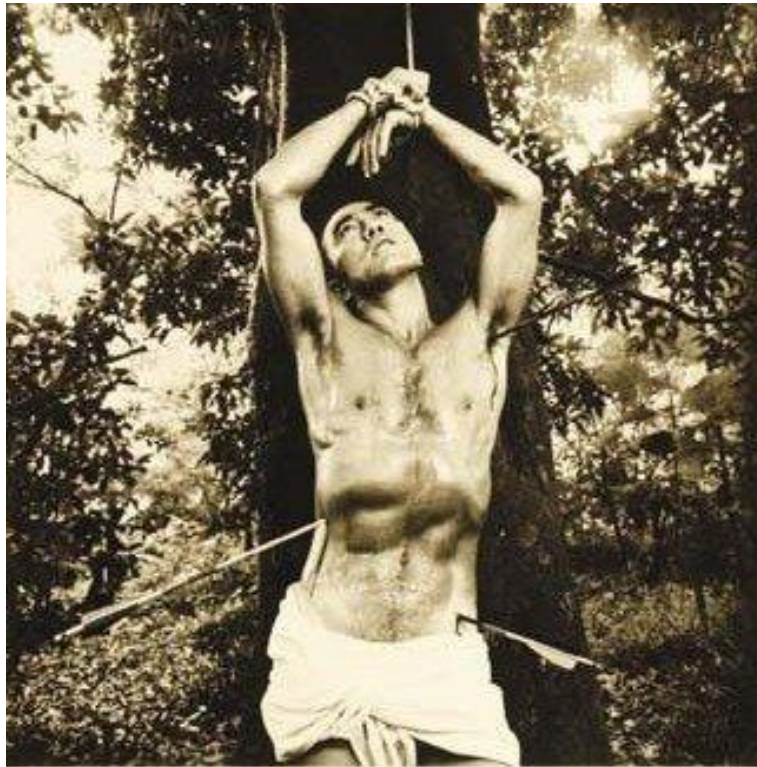
Local: Museu de Arte de Saint Louis (St Louis, MO, EUA)



Obra: St. Sebastian
Autor: Pieter Paul Rubens
Ano: 1618
Local: Gemäldegalerie Berlin



Obra: São Sebastião curado por St Irene e um escravo
Autor: Matthias Stomer
Ano: 1640-1650
Local: Museo de Belles Arts de Valência (Espanha)



Obra: Yukio Mishima representando o mártir S. Sebastião
 Imagem de: Kishin Shinoyama
 Ano: 1968



Obra: S. Sebastião
 Autor: Grão Vasco
 Ano: 1530
 Local: Viseu



Obra: Recompensa de São Sebastião

Autor: Elisêo Visconti

Ano: 1897

Local: Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes